

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VELHICES MASCULINAS: UM ESTUDO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE ENVELHECER

Elaine Lima da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Sociologia Política

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
ao Curso de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de bacharel em
Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^{fa}.Dra.Elizabeth Farias da Silva

Florianópolis, 2011

Elaine Lima da Silva

Velhices masculinas: um estudo de experiências sobre o envelhecer

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Elizabeth Farias da Silva - Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dra. Silvia Maria Azevedo dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina

Doutoranda Silvia Jurema Leone Quaresma

Universidade Federal de Santa Catarina

DEDICATÓRIA

Ao meu avô João Maria Pereira da Silva (1914 - 2010)

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Orival Tadeu Lopes da Silva pelo apoio e carinho em várias circunstâncias e pela leitura minuciosa do meu trabalho.

À minha mãe Terezinha Lima da Silva, por seu cuidado e amor.

À minha irmã Franciele e seu companheiro Jaison pelo apoio logístico e todo o carinho.

Ao meu irmão Leonardo por todos os almoços, sucos e chás que ele fez, pela paciência em me ouvir e nossas trocas teóricas.

Ao meu namorado e companheiro de curso, Lucas Maciel Ferreira, por todos os momentos em que estive ao meu lado, pelas dicas e leituras, pelas longas horas de conversa acerca deste trabalho e durante todo o curso. Pela sua dedicação.

À minha orientadora e professora do curso, doutora Elizabeth Farias da Silva pelo seu didatismo em todas as circunstâncias, sua compreensão em momentos difíceis, seus empréstimos de livros e seu exemplo de mestra.

À professora e doutora Ângela Maria Alvarez, coordenadora do NETI, por ter permitido ser bolsista deste núcleo, disponibilizando todo um acervo bibliográfico de pesquisa, pelas horas em que destinou a me ensinar escrever artigo, aos recursos destinados à participação de congressos, seminários e fóruns, enfim à sua amizade.

À professora Eloá Caliar Vahl/NETI, por seu exemplo de mestra, mãe, avó e amiga. Por seus empréstimos de livros e textos, por poder participar de suas aulas, pelas nossas longas conversas em que tanto aprendi, pelo exemplo de vida, demonstrando sempre vontade de continuar exercendo sua profissão de professora. Pelo seu carinho.

À assistente social/NETI Maria Cecília Godtsfriedt, por ter compartilhado de seus ensinamentos, suas aulas e demais eventos, enquanto

fui sou bolsista no Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica – CFMAG/NETI. Pelas longas conversas, por seu ombro amigo, por sua alegria.

À amiga secretária do NETI, Márcia Regina, por seu apoio e carinho.

Às queridas amigas voluntárias do NETI: Alba, Valda, Darling e Erna. Mulheres excepcionais, minhas “avós” e todos (as) demais participantes idosos (as) do núcleo.

Às minhas amigas bolsistas do NETI: Cristiane, Roberta, Dani, Maria, Aline, Ingrid, Flávia e Suély, pelo apoio, amizade e trocas de saberes.

Aos meus professores e às minhas professoras do Curso de Ciências Sociais, por acreditarem em mim.

À minha amiga de infância, companheira de todas as horas: Larissa A. Bellé.

A todos (as) amigos (as) do Curso de Ciências Sociais que de alguma forma contribuíram neste meu processo de aprendizado.

Por fim, agradeço aos meus entrevistados, meus amigos de jornada do NETI, pela disponibilidade às entrevistas e o carinho com que sempre fui tratada

RESUMO

Este trabalho trata do envelhecimento humano, enquanto condição natural do ciclo de vida perpassado pela heterogeneidade e diversidade dos indivíduos em suas formas de viver. Trato especificamente da velhice masculina, não para sobrepô-las às velhices femininas, mas no intuito de inseri-la nos estudos de gênero e envelhecimento, carentes de pesquisas sobre o homem idoso. Como instrumento metodológico, utilizo entrevistas qualitativas e temáticas com 05 (cinco) participantes homens do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina – NETI/UFSC. O critério de escolha se deu por pertencerem ao gênero masculino, constituírem-se nas faixas etárias entre os 60 aos 79 anos – contribuindo na variabilidade dos discursos - e pela interação sócio-afetiva já existente entre pesquisadora e pesquisados. O objetivo foi identificar e analisar as concepções de envelhecimento e velhice dos entrevistados, atentando para as perspectivas de gênero e geração, no intuito de compreender como eles experienciam os processos sociais do envelhecimento. Considerando as discussões teóricas, esquematizadas em três blocos: “Do homem universal ao idoso universal”; “Discutindo geração” e “Discutindo gênero”, contando com o suporte dos (as) autores (as): Philippe Àries, Anthony Giddens, Immanuel M. Wallerstein, Guitta Grin Debert, Stuart Hall, Karl Mannheim, Joan Scott, Judith Butler, Miriam Pillar Grossi, Myriam Lins de Barros, Flávia de M. Motta, Joel Birman, Ecléa Bosi, Mike Featherstone, Michel Foucault, Charles L. Briggs, entre outros (as) e das categorias criadas a partir das entrevistas, versando sobre: relações do trabalho; relações conjugais; maior participação feminina nos programas para a terceira idade; relação

de velhice, saúde e doença; itinerário de vida e sobre finitude, os resultados obtidos demonstram uma visão totalmente heterogênea da velhice e do processo de envelhecimento. Visão essa obtida através da compreensão de como os sujeitos envelhecidos, percebem sua existência e a partir disso direcionam suas ações e pensamentos, negociando espaços entre as várias gerações, contornando suas perdas, inscrevendo-se e reivindicando seu lugar no mundo ao lado daquelas que são indissociáveis às suas velhices: as mulheres em suas próprias velhices.

Palavras-Chaves: Envelhecimento; Velhice Masculina; Geração; Gênero; Entrevista.

A HISTÓRIA DA ÁGUIA

"A águia é a rainha das aves, pra tu teres idéia, entre uma asa e outra, chega a ter 3 metros de envergadura, principalmente a águia americana. Então a águia era usada como símbolo desde o tempo dos romanos, aquelas regiões romanas já tinham na ponta dos mastros uma águia, o próprio César, não é? e aí a águia ainda hoje é símbolo americano, a águia de cabeça branca e assim, em diversos países europeus, principalmente a Alemanha que tem aquela águia negra, não é? e a águia tem uma história de vida incrível! porque é a ave que mais tempo vive, chega a viver 70 anos. Ela nasce, como qualquer ave, de um ovo, sai aquele bicho nogento, horroroso lá de dentro e a mãe águia constrói o ninho no topo da montanha e aí começa a sabedoria da natureza: à medida que a mãe águia vai alimentando a aguiazinha e ela vai crescendo, a mãe vai tirando pauzinho debaixo do ninho onde está a aguiazinha, tá? e quando ela sente que águia está pronta pra voar, aí ela ou tira o último pauzinho ou empurra com a asa lá de cima do penhasco e a aguiazinha vem caindo e aí, ou ela sai voando ou se esborracha, e ela acaba voando, o conhecimento da mãe é perfeito! e aí águia vive cerca de 30 a 35 anos. A arma mais poderosa da águia são as garras, com o que ela pega a presa dela, tem águia pescadora e tac! pega o peixe, pegam cobras e tal. E as unhas da águia começam a ficar tão longas que se tornam flexíveis e ela não consegue mais agarrar a presa. O bico também - tem aquele bico adumbo - vai ficando também flexível e na hora de rasgar a carne, ela não consegue, sem falar nas penas que ficam grossas de pesada e viram pra dentro! então a águia não tem mais desenvoltura pra voar. Quando ela chega nessa situação,

num esforço muito grande sobe de novo pro alto da montanha e começa a bater com bico numa pedra: pá, pá, pá! até quebrar o bico, imagina a dor?! pô, quem já bateu com o nariz, sabe que dói. E ela tem que esperar nascer um bico novo e vem um bico forte, bonito! quando este bico tá pronto, ela com ele arranca todas as unhas! todas as garras. Isso que se chama renovação, o sofrimento pra renovar, ela arranca todas as garras e tem que esperar as garras crescerem e elas vêm fortes e bonitas! e aí a águia começa com as garras novas e o bico novo a arrancar todas as suas penas, ela arranca até onde alcança, todas as suas penas. E a pena também volta e volta aquela pena leve, flexível, bonita, nova! e todo esse processo leva 150 dias, cinco meses, durante os quais a águia é alimentada pelo o que as outras dão e pela água da chuva. E então passado esses 5 meses, sempre em termo de média, não é? ela tá pronta pra voar e aí ela parte pro vôo da renovação, o vôo da vitória e vive mais cerca de 30 anos, completando 70 anos". E aí eu trouxe isso pro lado humano, pro lado exemplo de vida, como é importante a gente não desistir, quando acha que não dá mais, lutar e começar de novo! e viver mais 35 anos.

David G. Excerto da Entrevista (08 junho 2010)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
---------------------------	-----------

CAPITULO I

1. DO HOMEM UNIVERSAL AO IDOSO UNIVERSAL

1.1. Histórico das Idades e seus estudos	22
-------------------------------------------------------	-----------

1.2. Cronologizando, conceituando e determinando o lugar da velhice e do velho	30
---------------------------------------------------------------------------------------------	-----------

1.2.1. A atribuição dos termos no Brasil	36
-------------------------------------------------------	-----------

1.3. Idoso Universal?	41
------------------------------------	-----------

1.4. Descronologizando a velhice: fragmentação do "Idoso Universal"	45
----------------------------------------------------------------------------------	-----------

2. DISCUTINDO GERAÇÃO

2.1. Uma importante ferramenta de análise das mudanças sociais	53
-----------------------------------------------------------------------------	-----------

2.2. A convivência num só tempo entre várias gerações: "Imigrantes perdidos no espaço"	66
-----------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------

3. DISCUTINDO GÊNERO

3.1. "Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é"	79
--------------------------------------------------------------------------------------------	-----------

3.2. Ser Homem Idoso: a perda de um "lugar fixo"	87
---------------------------------------------------------------	-----------

3.3. Aposentadoria como Rito de Passagem	
-------------------------------------------------------	--

3.4. Movimento de aposentados <i>versus</i> Grupos para a Terceira Idade	104
--------------------------------------------------------------------------------	-----

3.4.1. "Somos a maior categoria do país"	106
------------------------------------------------	-----

CAPITULO II

4. METODOLOGIA DE ESTUDO

4.1. NETI: um programa para pessoas da terceira idade	111
-------------------------------------------------------------	-----

4.2. Perfil dos entrevistados, cenário e <i>clima</i> da entrevista (o <i>não-dito</i>)	115
------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

4.3. Dificuldades da Pesquisa	122
-------------------------------------	-----

4.4. Facilidades da Pesquisa	124
------------------------------------	-----

4.5. A experiência da entrevista	124
----------------------------------------	-----

5. CATEGORIAS DE ANÁLISE

5.1. " <i>Sou um trabalhólico</i> ": representações do trabalho e da aposentadoria para os entrevistados	129
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

5.2. " <i>A gente tem o direito e quase obrigação de ser feliz</i> ": relações conjugais	152
------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

5.3. " <i>Acho que é por causa do machismo, que eles acham que é coisa pra mulher!</i> ": maior participação feminina nos programas para terceira idade	162
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

5.4. " <i>Vindo com saúde, tanto pra um, quanto pra outro, é bom</i> ": Velhice, saúde e doença	172
-------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

5.5. " <i>Por onde andaram os seus sapatos?</i> ": a fábula do caminho percorrido	180
-----------------------------------------------------------------------------------------	-----

5.6. <i>"Morreu é o mesmo que está dormindo e mais nada, apagou!"</i> : De finitude e projeto de vida	184
6. CONSIDERAÇÕES	189
7. REFERÊNCIAS	201
8. ANEXOS & APÊNDICES	212

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANG	Associação Nacional de Gerontologia
CDS	Centro de Desportos
CIC	Centro Integrado de Cultura
COBAP	Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas
DAC	Departamento Artístico Cultural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INSS	Instituto Nacional de Serviço Social
ILP's	Instituições de Longa Permanência
LBA	Legião Brasileira de Assistência
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PPGEF	Programa de Pós-graduação em Educação Física
SEPEX	Semana de Pesquisa e Extensão
SESC	Serviço Social do Comércio
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UTA	<i>Université Du Troisième Age</i>

APRESENTAÇÃO

Início dizendo que este trabalho não é só um TCC. Ele começou a ser pensado em 2007 na 4ª fase do curso na disciplina de Epistemologia. Por ele e com ele fiz escolhas, optei por seguir alguns caminhos em detrimento de outros. Ele foi pensado na academia e fora dela. Fora dos espaços acadêmicos, minha maior motivação e inspiração foi a presença em minha casa do meu avô João Maria Pereira da Silva (*in memoriam*) que na época tinha 92 anos. Na academia fui procurar o Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI. Lá, tive acesso, que de outra forma não teria, a todo um acervo de bibliografia sobre o envelhecimento não disponível na Biblioteca Universitária.

Com o apoio da coordenação do núcleo, pude participar de vários seminários, congressos e fóruns nas mais diversas vertentes sobre a temática do envelhecimento. Mas, o mais importante foram os laços de amizade e as trocas interdisciplinares dos saberes com estudantes do Curso de Enfermagem, Serviço Social, Psicologia, entre outros, que perpassaram pelo NETI enquanto bolsistas. E as trocas intergeracionais com os (as) professores (as), coordenadores (as) de grupos, assistentes sociais, voluntários (as), estudantes idosos (as) e demais participantes do núcleo. Com eles (as) aprendi o que os livros não dão conta. Ao buscar por respostas sobre o envelhecimento, no NETI encontrei inúmeras perguntas e em vez de facilitar, foi ficando cada vez mais difícil delimitar a pesquisa e, por isso mesmo, mais instigante.

Ficou difícil, pois descobri que o estudo do envelhecimento envolve diversas áreas (Enfermagem, Medicina, Ciências Sociais,

Serviço Social, Psicologia, entre outras), constituindo-se num estudo inter e multidisciplinar, o que permite transitar por vários saberes. Encontrei nas disciplinas do Curso, especialmente: "Gênero, Sexualidade e Teoria Feminista", ministrada pela professora Sônia Maluf, "Do Rito para a *Performance*", ministrada pela professora Esther Jean Langdon e todos os aportes teóricos das demais disciplinas, pistas que pudessem sugerir respostas às minhas dúvidas. Na disciplina "Psicologia do Envelhecimento", optativa oferecida pelo Curso de Psicologia, pude compreender a velhice por outra ótica, o que não era exatamente uma novidade, já que muitos dos (as) teóricos (as) do envelhecimento são psicólogos (as), mas as trocas com os (as) colegas e os trabalhos realizados nesta disciplina estão aqui inseridos.

Não argumento a importância deste trabalho pelo aumento da expectativa de vida, tão debatido quando se trata de versar sobre o envelhecimento, pois considero que a condição humana de envelhecer deve ser pensada independente do número de idosos (as) no mundo. Porém, como a especificidade tratada aqui são as velhices masculinas, aponto algumas estimativas quanto ao número de idosos homens. De acordo com os Indicadores Demográficos do DATASUS, em 2008 a população de homens idosos no país (dos 60 aos 80 anos ou mais) era de 42% em relação às mulheres com 58%. Em Santa Catarina, no mesmo ano, a população idosa masculina era de 46% e em Florianópolis, o número de homens idosos em 2008 também era de 42%. Dados mais recentes do IBGE podem ser percebidos nas imagens da pirâmide etária do ano de 2010 (vide anexo1), nas faixas etárias compreendidas entre os 60 aos 80 anos ou mais, idades de meus entrevistados, sendo que o mais

velho completa 80 anos esse ano. Nesta imagem há uma pequena variação entre a quantidade de homens e mulheres nestas faixas etárias, com uma pequena predominância feminina. Contrário à segunda imagem (vide anexo2), na pirâmide etária do ano de 1996, na faixa etária pós 70 anos, havia um número muito maior de mulheres e nas estimativas realizada em 1999, a pirâmide etária do ano de 2030 prevê mais pessoas de 70 anos ou mais, do que qualquer outra faixa etária, também com um número maior de mulheres.

Geralmente esta predominância feminina nas pirâmides etárias, tem sido apontada, dentre outros motivos, pela maior mortandade do homem, como por exemplo, na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (2008), argumentando que esta estatística se deve ao fato dos homens utilizarem pouco os serviços de atenção primária em saúde:

A despeito da maior vulnerabilidade e das altas taxas de morbimortalidade, os homens não buscam, como o fazem as mulheres, os serviços de atenção primária (Figueiredo, 2005; Pinheiro et al, 2002), adentrando o sistema de saúde pela atenção ambulatorial e hospitalar de média e alta complexidade, o que tem como consequência agravado da morbidade (...). (BRASIL, 2008:s/p)

Ou no sentido de Miranda (2009) quando atesta que o homem torna-se mais frágil com a passagem dos anos e a mulher conta com um processo fisiológico maior na longevidade. Essa maior longevidade feminina é percebida em muitos espaços, como nos programas para a terceira idade. Embora, como será discutido neste trabalho, não se trata somente do número menor de homens, mas de sua preferência em

participar de outras atividades, que não às oferecidas pelas universidades abertas para a terceira idade, como os movimentos de aposentados. Mas, como meus entrevistados são participantes de um programa para a terceira idade, aponto as estimativas desta participação: no segundo semestre de 2010 do NETI, o número de idosos (as) participantes dos cursos, grupos e oficinas, contabilizaram um total de 108 (cento e oito) homens, um número bem abaixo das mulheres participantes que somaram um total de 587 (quinhentos e oitenta e sete) (vide apêndice 1). Ressalto que estes números são aproximados, pois muitos (as) idosos (as) participam de duas ou mais atividades ao mesmo tempo e esses dados foram obtidos a partir do número de idosos (as) de cada grupo, oficina ou curso. Então é provável que alguns tenham sido contados duas ou mais vezes. De qualquer forma, utilizando estes dados, o NETI contou até o segundo semestre de 2010, com aproximadamente 16% de participação masculina.

Enquanto cientista social, percebendo as estatísticas e observando o cotidiano do NETI e de outros programas para a terceira idade que tomei conhecimento, decidi optar por compreender não exatamente o porque há uma baixa participação masculina nestes programas, antes, precisava compreender como esses homens idosos percebem e experienciam a velhice. Assim, o objetivo do meu trabalho é o de identificar e analisar as concepções de envelhecimento e velhice entre estudantes e participantes do NETI, considerados idosos, atentando para as perspectivas de gênero e geração, no intuito de tentar compreender como eles experienciam os processos sociais do envelhecimento._

As possíveis respostas desta análise num sentido mais amplo, acredito poderem contribuir para o processo de repensar todos os esquemas etários utilizados até então, reformulando conceitos como: "velho", "idoso", "velhice", "terceira idade", "idade madura", entre outros, indispensáveis para reflexões sobre conflitos de gêneros, intergeracionais e de toda ordem que retratam nossa sociedade. Num sentido mais específico, talvez possa contribuir com este trabalho para a formulação de atividades dos programas para a terceira idade, provocando maiores estímulos para a participação masculina. Geralmente os programas são normatizados por faixas etárias e por gênero, quando há um número ilimitado de heterogeneidades de indivíduos, com diferenças que vão além das categorias etárias ou do binômio homem/mulher. Nos excertos utilizados, o (a) leitor (a) poderá perceber estas heterogeneidades dos entrevistados.

Para dar conta da discussão, esquematizei meu trabalho em dois capítulos. Dividido em subcapítulos, inicio no capítulo I com as discussões "Do Homem Universal ao Idoso Universal", tratando do histórico das idades, de suas cronologizações e "descronologizações" e de como termos designados aos (às) idosos (as) são apropriados pelas instituições. No segundo subcapítulo utilizo Karl Mannheim (1893 – 1947, sociólogo judeu nascido na Hungria) e sua discussão sobre o conceito de geração. Ressalto aqui a inestimável ajuda de meu companheiro Lucas, para a tradução do capítulo do livro “Essays on the sociology of knowledge” (1998). Num segundo momento passo para as discussões mais atuais sobre este conceito, como por exemplo, a intergeracionalidade, tratado, dentre outros, por Magalhães (1989). No

terceiro subcapítulo, como não poderia deixar de ser, o conceito de gênero transita nas discussões sobre como o homem e a mulher foram representados ao longo da história e de como essas representações moldaram e foram moldadas na dinâmica das mudanças sócio-históricas e político-culturais na dita "modernidade" e "pós modernidade". Trato ainda do conceito de gênero sob a ótica do envelhecimento, especialmente com as leituras de Debert (1994, 1999, 2007 e 2009), Birman (2009), Simões (2007), entre outros (as).

No segundo capítulo apresento o Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI, enquanto locus dos entrevistados; a metodologia de estudo, descrevendo o perfil dos entrevistados; dificuldades e facilidades da pesquisa e a experiência do evento da entrevista. Entrevistei 5 (cinco) participantes do NETI e suas escolhas não teve como proposta a amostragem, conforme Bosi (1987) na redação de sua obra em que utilizou entrevistas:

"Não se trata de uma obra com proposta de amostragem: o intuito que me levou a empreendê-la foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento (...). Este registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal". (BOSI, 1987:1)

O que diferencia, no entanto, as entrevistas de Bosi e as minhas, é que as dessa autora foram entrevistas em profundidade com idosos acima de 80 anos e as minhas foram entrevistas temáticas com idosos dos 60 aos 79 anos. A escolha por este tipo de entrevista no meu trabalho foi sugestão da Banca de Qualificação, sugerindo ser a

entrevista temática e/ou tópica, mais apropriada em função do tempo para a escrita, já que a entrevista em profundidade demandaria um maior tempo por retratar todo um conjunto da experiência vivida, enquanto a temática focaliza uma etapa ou uma determinada experiência dos entrevistados, como foi o caso dessa pesquisa.

No terceiro capítulo, trabalho com as categorias de análise a partir dos assuntos que mais emergiram nas entrevistas. Temas como trabalho, aposentadoria, relações conjugais, participação em programas para a terceira idade, saúde e doença, contação de histórias, projetos de vida, finitude e transcendência, figuram como aspectos centrais analisados no processo de envelhecimento desses homens e de como experienciam suas velhices.

Teço algumas considerações sobre a leitura que fiz das percepções dos meus entrevistados e, de minha compreensão a respeito do levantamento teórico dos (as) autores (as), sugerindo algumas formas de continuidade para essa pesquisa em vertentes que foram tratadas ao longo deste trabalho ou outras possíveis.

CAPITULO I

1. DO HOMEM UNIVERSAL AO IDOSO UNIVERSAL

**“(...) talvez o desejo de fugir à
condição humana esteja
presente na esperança de
prolongar a duração da vida**

1.1.1. Histórico das Idades e seus estudos

Beauvoir (1991) descreve a velhice nas sociedades históricas como uma imagem incerta, confusa e contraditória. A autora menciona que até o século XIX, nunca se fez menção aos "velhos pobres"; estes eram pouco numerosos e a longevidade só era possível nas classes privilegiadas. Nas páginas que seguem, Beauvoir descreve como os chineses, judeus e os gregos tratavam seus velhos. Na China, Confúcio justificava moralmente a autoridade, associando a velhice à posse da sabedoria; a longevidade, para os judeus era considerada como "suprema recompensa da virtude". Para os gregos, há um conflito no domínio dos mitos e das gerações, onde a idéia geral dos relatos é: "os antigos deuses, ao envelhecerem, tornam-se cada vez mais maldosos e perversos" (Beauvoir, 1991:120). As palavras gregas *Géra*, *géron*, significam ao mesmo tempo idade avançada e o privilégio da ancianidade, de honra ligada à velhice, virtude imprescindível para o conselho de anciãos ligado ao rei na antiga Pólis. Cícero (2001) argumenta a respeito da vida ativa, indagando se a velhice é motivo de afastamento dos assuntos públicos. Ao que ironicamente responde que um homem jovem e vigoroso não pode enfrentar sozinho, devendo valer-se da sabedoria dos mais velhos. Para este autor, a velhice é afastada das atividades normais, indesejável pelas limitações físicas e por tirar os prazeres, associando-a com a morte.

No ritual dos *Kĩsêdjê* ou *Suyá*, índios que habitam o Xingu do Mato Grosso no Brasil, os jovens iniciados são considerados como expressão máxima da idéia de masculinidade e autocontrole, enquanto o comportamento dos idosos é o oposto, caracterizado pelo humor, descontração e obscenidade. Os velhos da sociedade *Kĩsêdjê* possuem um papel social de atuar como palhaços nos rituais, responsáveis por eventuais cenas de humor ao final da tarde, quando provocam risadas nos mais jovens. Também a autoridade dos especialistas em rituais dos *Suyá*, vem da sabedoria e memória para cantos. (SEEGGER, 2003).

Weber (2004) tratando dos tipos de dominação, denomina a *Gerontocracia* como um tipo de dominação tradicional em que credita aos mais velhos – melhores conhecedores da sagrada tradição -, como por exemplo, a sociedade judaica, posições elevadas dentro da hierarquia social (hierarquia que vem do latim *hieros*, que significa sagrado e *arqui*, ordem), conforme sua citação: "deve-se entender por Gerontocracia la situación en que existe una autoridad en la asociación, esta se ejerce por los más viejos, originariamente según el sentido literal de la palabra: los mayores conocedores de la sagrada tradición". (WEBER, 2004:184).

Os exemplos dados pelos (as) autores (as) demonstram a heterogeneidade do envelhecimento e a ambigüidade no modo de tratamento dos idosos¹. Groisman (1999) considera que a

¹Vale ressaltar como exemplos atuais de modos de tratar os (as) velhos (as), a tragédia de agosto de 2003 na França, quando uma onda de calor matou pelo menos 3.000 pessoas, sendo a maioria, idosos. Autoridades daquele país argumentaram, na época, que agosto é o mês em que geralmente os idosos se encontram sozinhos, já que seus familiares saem de férias. Outro exemplo é o do terremoto ocorrido em janeiro de 2010 no Haiti em que, a Organização das Nações Unidas - ONU incluíram os idosos nos grupos "mais afetados". De acordo com a

homogeneidade nunca foi a característica da velhice, "(...) velhos sempre foram ricos e pobres, venerados ou denegridos e tratados tanto de forma dura quanto generosa pelas famílias e comunidades, não havendo necessariamente um padrão para isso" (p.47) e Magalhães (1989) ressalta que em algumas sociedades, ditas "tradicionais", atingidas por pragas e outras epidemias, era estimulado o gerontocídio.

Foi através de um projeto de modernidade, iniciado, segundo Wallerstein (2004, 2006)² no século XVI com as grandes navegações e reificado no século XVIII com o Iluminismo³, que o ciclo da vida humana e, conseqüentemente o envelhecimento foi universalizado no mundo ocidental, especialmente pelo aumento da expectativa de vida. O

missão da ONU no país, a situação dos anciãos é crítica, e muitos dos que escaparam da tragédia agora enfrentam dificuldades de viver em meios às péssimas condições dos abrigos onde moram. FONTES: "Onda de calor mata 3000 na França". Disponível em <<http://translate.google.com.br>>. Acesso em 19 mar.2010. E, "Haiti: idosos são abandonados em abrigos". Disponível em <<http://tvig.ig.com.br>>. Acesso em 19 mar 2010.

²Para Wallerstein (2004, 2006), até 1500 coexistiram muitos mini-sistemas (sistemas sociais com modesta abrangência geográfica e duração). E a história do passado que hoje conhecemos é a história dos Impérios-Mundo (uma das classificações do sistema-mundo, que se caracteriza quando todo o espaço é coberto pela divisão do trabalho, existindo uma única estrutura política). E a história dos Impérios-Mundo são sempre maiores que as Economias-Mundo (estas foram definidas por Wallerstein a partir de Braudel (1998) como um pedaço do planeta economicamente autônomo, capaz, no essencial, de bastar-se a si próprio, e ao qual suas ligações e trocas internas conferem certa unidade orgânica). A partir de 1500 algo fez com que uma economia-mundo ressurgisse resistente o suficiente para consolidar-se e expandir-se, absorvendo Impérios-Mundo e mini-sistemas. Até o século XVIII converteu-se totalmente em uma economia-mundo capitalista. Daí o autor iniciar o período da modernidade a partir do século XVI, com o início das navegações e todo o comércio advindo com ela, sendo reificado nos séculos seguintes.

³O Iluminismo – na concepção de Kant - permite uma reforma ontológica do “eu”, uma liberdade no ato de raciocinar que exacerba o erudito de se posicionar perante uma ordem e contestá-la. Essa contestação, porém, limita o agente a obedecer a esta mesma ordem que o levou a raciocinar. Raciocinar sim, desobedecer não. Segundo Michel Foucault no texto "O que são as luzes?" de 1984, em que analisa parte da obra de Kant, define que o "uso público e livre da razão autônoma será a melhor garantia da obediência, desde que, no entanto, o próprio princípio político ao qual é preciso obedecer esteja de acordo com a razão universal".

homem – antes, diluído numa ideia de um coletivo, dentro de uma dada comunidade – é tido como um indivíduo único, um adulto dotado de direitos e deveres.

Para Giddens (2000) foi no século XVIII que a maior parte das instituições modernas das sociedades ocidentais se consolidaram, fazendo com que certos eventos e ações distantes, atuassem de modo intenso e crescente sobre nossas vidas. Embora nas sociedades ditas pré-modernas e sociedades não ocidentais tivessem algum tipo de marcação etária como critério de diferença, é na modernidade⁴ que se dá relevância à institucionalização do curso da vida no mundo ocidental, universalizando e regulamentando as seqüências etárias, fazendo com que projetos e anseios individuais e coletivos fossem também definidos por esta institucionalização.

O processo de universalização está associado ao registro disciplinar e regulador da vida das pessoas. No sentido foucaultiano, *o homem é uma criação recente da modernidade*, uma representação de homem enquanto sujeito único, com características e responsabilidades próprias (FOUCAULT, 1992).

⁴ Para Giddens (1991), a modernidade se situa a partir do século XVII, conforme sua citação: "(...) modernidade refere-se a estilos, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII". (p.11). Modernidade é entendida por ele como sinônimo de sociedade moderna ou industrial, com influências econômicas mais perceptíveis do que em outras formas de sociedade, a saber, o capitalismo; mas não só, também devido ao distanciamento do espaço e do tempo, padronizado pelo relógio mecânico e a ruptura com o passado e a tradição, "enquanto modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade". (pgs. 44, 45), ou seja, parafraseando Foucault, vigiar e punir.

Para esse autor, as práticas reguladoras do Estado moderno estão vinculadas à política e à economia. A forma de atuação do poder apóia-se em procedimentos de distribuição espacial, do controle do corpo do indivíduo, das ações e atividades humanas, através da normalização, ao que ele denomina de *biopoder*. A partir do século XVIII, o poder estatal tende a regulamentar mais a vida e não a morte, ou seja, mais parecido a um "Estado jardineiro" (Bauman) do que a um policial de semáforo (Bobbio). O poder sobre a vida passou a exercer-se no adestramento do homem, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, na integração em sistemas de controle eficazes e econômicos e através do suporte e datação dos processos biológicos: nascimento, mortalidade, nível de saúde e longevidade. Este poder denuncia para Foucault um modo que não visa mais matar, mas investir sobre a vida – um Estado que cultiva homens, que cria *cultura*. (BAUMAN, 2006; FOUCAULT, 1982 e 1997). Segundo Àries (2006) desde a Idade Média até o século XVIII, um dos traços dominantes era a mistura de idades na organização social, embora o mesmo autor reconheça que em épocas anteriores, nas áreas de civilização oral e rural tem-se o registro de algumas sociedades organizadas por classes de idade. Esse autor mostrou como a partir do século XIII, especialmente no Ocidente, foi se ampliando a distância entre os adultos e as crianças, na medida em que estas foram gradualmente ocupando espaços próprios ao longo dos séculos.

É a partir do século XVII, se intensificando ao longo do século XVIII no mundo ocidental, que artistas (vide anexo 3) começaram a representar crianças em suas obras, não mais como pequenos adultos ou

como seres de estimação, ao mesmo tempo em que há um recolhimento da família nuclear (vide anexo 4) – pai, mãe, filhos (as) – longe dos espaços públicos e, por assim dizer, não mais preocupados com o bem estar da comunidade, mas com a proteção da família contra os intrusos, voltada para a intimidade e estabelecendo espaços individuais nos cômodos da casa. Este processo pode ser compreendido, dentre outros fatores, através das mudanças econômicas ocorridas a partir da passagem de uma economia feudal de base agrária e doméstica para o capitalismo centrado no mercado de trabalho.

Elias (1990) em "O Processo Civilizador – uma história dos costumes", sugere o comportamento dos adultos na Idade Média ter sido muito mais solto e espontâneo. Os controles sobre as emoções eram menos acentuados e sua expressão, como ocorre com as crianças, não carregava culpa ou vergonha. A modernidade teria aumentado a distância entre adultos e crianças, não apenas por considerar a infância como uma fase de dependência, mas também pela construção do adulto como um ser independente, com maturidade psicológica e com direitos e deveres de cidadania. A mistura de idades, citada por Àries (2006), anterior a este distanciamento etário regulamentado, permitia que crianças, adultos e velhos pudessem compartilhar dos mesmos espaços, sem um comportamento definido para cada um, conforme sua citação:

"As trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas fora da família, num *meio* muito denso e quente, composto de vizinhos, amigos, amos e criados, crianças e velhos, mulheres e homens, em que a inclinação se podia manifestar

mais livremente. As famílias conjugais se diluíam nesse meio". (ÀRIES, 2006, p.x)

Para Hareven (1999) num momento quando o misticismo dá lugar à razão, característica primordial do Iluminismo, expulsa as ilusões em nome da realidade e expulsa o medo da morte, de forma não mais se temer nenhum tipo de vingança dos idosos e, assim não ser preciso lhe dar muita atenção. O medo era de que as crianças poderiam ser adultos socialmente destrutivos, daí a necessidade de uma educação específica a elas. Vale salientar que tais regras se destinaram às crianças batizadas das famílias urbanas de classe média da Europa e dos EUA.

No final do século XIX a criação da adolescência seguiu um processo semelhante, enquanto um estágio de vida reconhecido. Estilos de vida e certas congregações de jovens foram caracterizados como comportamento próprio de adolescente. O século XX designou o adolescente ou o jovem como seu herói, por sua força física e espontaneidade. Segundo Àries (2006) "a juventude tornou-se tema de literatura, uma preocupação política no Ocidente, especialmente após a Primeira Guerra em que combatentes se opuseram contra velhas gerações da retaguarda, designando-a como velha e esclerosada". (p.14)

Com o despontar de um crescimento acelerado da população idosa, especialmente na Europa, houve um maior interesse médico por esta faixa etária como um grupo separado a ser estudado. No início do período da Revolução Industrial, autores (as) passaram a comparar o corpo a uma máquina sujeita ao desgaste, analogia já feita por René Descartes (1596 – 1650), associando o conceito de velho ao conceito de

doença. Porém, análises da fisiologia do envelhecimento e implicações clínicas das alterações observadas, desmentem que o envelhecimento possa ser uma doença.

De acordo com Neto (2006) em 1903 surge a Gerontologia (do grego *geronto*: *velho, ancião e logia*, do grego *logos*: *tratado, estudo a respeito de*) utilizada pela primeira vez pelo cientista russo Elie Metchnikoff, como uma nova especialidade de estudo, diferente da Geriatria que surgiu seis anos depois, voltada às características biológicas do ser humano. Metchnikoff previu que a área da Gerontologia seria um dos ramos mais importantes da ciência, em virtude das modificações ocorridas no curso do último período da vida humana. Ele acreditava que algum dia uma velhice fisiológica "normal" poderia ser alcançada pela humanidade. O cientista russo não conseguiu apoio suficiente, numa época em que os olhos do mundo voltavam-se para outra faixa etária: os jovens.

Durante algum tempo os estudos sobre envelhecimento continuaram a ter como base somente os aspectos da biologia humana. Mesmo considerando o processo biológico do envelhecimento com algumas perdas de seus fatores cognitivos, controles do movimento do corpo e controles psicoemocionais, como etapas mais ou menos seguidas pelos seres humanos, Debert (1999) acusa que é a perda destes fatores que leva à estigmatização dos (as) idosos (as) se, considerados apenas pela ótica da incapacidade funcional e incidência patológica.

1.2. Cronologizando, conceituando e determinando o lugar da velhice e do velho

"(...) A velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade". (BOBBIO, 1997:29).

Para Debert (2004):

"A institucionalização crescente do curso da vida na modernidade envolveu praticamente todas as dimensões do mundo familiar e do trabalho, presente na organização do sistema produtivo, nas instituições educativas, no mercado de consumo e nas políticas públicas que cada vez mais, tem como alvo grupos etários específicos". (DEBERT, 2004:51).

A autora em vários momentos (1994, 1999, 2004, 2007, 2009, 2010), juntamente com Magalhães (1989), Paschoal (1996) e Peixoto (2007, 2009) consideram arbitrários, tanto as delimitações cronológicas, quanto a criação de termos, como *idoso* e *terceira idade*, na tentativa de substituir o termo *velho*. Este último associado nas sociedades ocidentais de um modo geral – especialmente pós Revolução Francesa e Industrial -, à decrepitude e inatividade. Os (as) autores (as) associam a criação destes termos, enquanto representações sociais da velhice ligadas à criação das políticas de aposentadoria iniciadas no século XIX na França e, fortemente marcada pela inserção do indivíduo no processo de produção. Paschoal (1996) aponta que a Assembléia Mundial sobre Envelhecimento, realizada pela ONU e ocorrida em 1982 na Áustria, definiu população idosa como o grupo de pessoas com 60 anos ou mais, sendo este o corte etário para os países em desenvolvimento e 65 anos para os países desenvolvidos. O autor considera que o critério cronológico, apesar de ser o menos preciso, é o mais utilizado sempre que existe a necessidade de delimitar a população em estudo.

Magalhães (1989) sugere terceira idade como um termo associado ao período de formação, atividade produtiva e inatividade remunerada, respectivamente atribuída às crianças e jovens, adultos e velhos aposentados. Para este autor "(...) o conceito idoso envolve múltiplas dimensões, como a biológica, cronológica, social, demográfica, econômica, cultural, psicológica, ideológica e política". (p.15). Todas essas dimensões são ao mesmo tempo indissociáveis e dependentes umas das outras.

Para Peixoto (2009) a categoria "idoso" não é uma categoria em si, é uma construção histórica e social, que tentou substituir o "velho", considerado decrépito, designando como "velhos" e "velhas" as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam nitidamente traços do envelhecimento em declínio. Para a autora, o termo terceira idade é uma criação francesa, carregado de um *outro* tipo de significado que só o contexto francês consegue dar conta. Em outras palavras, uma categoria local.

Laslett *in* Debert (2010) designa a terceira idade como uma experiência inusitada de envelhecimento, não podendo ser reduzida aos indicadores de prolongamento da vida nas sociedades contemporâneas. O termo está mais ligado à existência de uma "comunidade de aposentados" com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e de outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de realização e satisfação pessoal⁵.

⁵Debert (2010) designa como "comunidade de aposentados", inicialmente aos idosos das classes médias do contexto francês e aos que dispõem de saúde e meios financeiros para realizações pessoais, mais propensos a participarem das Universidades Abertas para a Terceira

Para esta autora, a cronologização da vida humana nunca foi clara, as fronteiras etárias sempre foram muito tênues. É preciso levar em conta as variações nas etapas e na extensão em que o curso de vida é periodizado em sociedades modernas distintas, e a experiência de diferentes grupos sociais numa mesma sociedade. O tempo cronológico pode ser o mesmo para os indivíduos, mas a maneira vivida no percurso deste tempo é diferente. Ter quarenta anos e trabalhar na cana-de-açúcar ou em uma mina de carvão pode ser sinônimo de aposento, descanso e até de morte, dada as condições trabalhistas dos indivíduos. E ter quarenta anos pode ser também um tempo de terminar estudos e iniciar uma carreira acadêmica, por exemplo.

Mas voltando à Debert, as sociedades ocidentais desprezaram outros critérios, como por exemplo, àqueles utilizados por algumas sociedades não ocidentais⁶ que orientam os indivíduos pelo reconhecimento da capacidade que ele tem em realizar determinadas tarefas, conforme aponta:

Idade. Rifiotis (2007) a partir das considerações de Erik Erikson (1990) sugere que não existe mais uma "elite de anciãos", mas uma "massa de idosos" que deve lutar pelo seu espaço e reconhecimento de uma imagem valorativa da velhice. A essa "massa de idosos", podemos associar a grande maioria de idosos pobres, desvalidos, não ativos e dependentes. Ao termo "elite de anciãos", designado pelo autor como uma condição dos velhos no passado e em sociedades não-ocidentais, podemos associar agora ao que a autora denominou de "comunidade de aposentados", ou seja, uma elite com peso suficiente na sociedade.

⁶Em sua pesquisa sobre as sociedades banto-falantes do continente africano, Rifiotis (2007) demonstra nas narrativas estudadas, que no contexto destas sociedades, o conflito entre solidariedade geracional e de parentesco é permeado pela questão ancestral, uma vez um velho não ser necessariamente sábio, mas precisar dar provas de sua sabedoria. É esse critério que está pondo à prova e não a idade em abstrato. (p.98). Para maiores detalhes ver: O ciclo vital completado: a dinâmica dos sistemas etários em sociedades negro-africanas. In: "Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política". Org. Myriam Moraes Lins de Barros. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

"Os critérios e normas da idade cronológica são impostos nas sociedades ocidentais não porque elas disponham de um aparato cultural que domina a reflexão sobre os estágios de maturidade – entendido como ritual de passagem de um estado para outro não orientado pela idade e sim pela transmissão de um *status* social, como poder e autoridade -, mas por exigência das leis que determinam os deveres e direitos do cidadão". (DEBERT, 2007:57)

Os estudos sobre o comportamento esperado para cada etapa do ciclo de vida⁷: nascimento, infância, adolescência ou juventude, maturidade ou idade adulta e velhice, nunca conseguiram dar conta da realidade, já que esta segue mutável e provisória a frente das pesquisas que tentam aprisioná-las num determinado tempo e espaço. Sem se chegar a definições plausíveis (se é que se pode chegar), estabelecem-se cortes etários universais, baseadas num determinismo biológico, a de que todos nascem, crescem, envelhecem e morrem e, num sistema de datação não atento às transformações sócio-históricas e não atento aos estágios de maturidade e aos aspectos geracionais⁸.

⁷Debert (2010) aponta que Giddens utiliza ao invés de ciclo de vida, o termo curso de vida. Enquanto o primeiro está ligado a ideia de uma passagem ritualística de repetição nas etapas de vida entre as gerações, o segundo se refere às experiências na modernidade (ou pós modernidade) que só serão repetidas da geração anterior, caso faça sentido à trajetória do indivíduo. Barros (2006) acrescenta que por mais que o indivíduo atenda a certas classificações etárias dentro dos padrões estabelecidos para infância, idade adulta e velhice, lhe é permitido transitar por entre estes ciclos, independente da idade cronológica, "fazendo coisas de jovem" ou sendo jovem, mas "parecendo-se triste e melancólico como seria um velho".

⁸ A partir Meyer Fortes (1984), Debert (2004) distingue: a. Estágio de maturidade: papéis sociais designados de acordo com o reconhecimento da capacidade de cada um para a realização de certas tarefas; b. Idade Geracional: serve para estruturar a família e o parentesco. Um sistema menos pautado na idade e mais na vivência de determinados eventos que marcam trajetórias geracionais e de como as pessoas a compartilham. Idade Cronológica: baseadas num sistema de datação e mais presente nas sociedades ocidentais como mecanismo básico de *status*, definição de papéis sociais e formulação de demandas sociais. É estabelecida em nossa sociedade por um aparato cultural, independente e neutro em relação à estrutura biológica e à incorporação dos estágios de maturidade, mostrando por isso (pela falta de reflexão dos

Para Debert (2007), a idade cronológica só tem relevância dentro de um aparato político jurídico que precede nas relações, determinando a cidadania do indivíduo isolado. Isolado no sentido de que fora do ambiente familiar, o indivíduo é considerado como um cidadão que o Estado absorve somente em função de sua idade cronológica, determinando papéis individuais e intransponíveis, como por exemplo, o ato de votar no Brasil ou a idade de se aposentar. Já o termo geracional⁹ está relacionado ao papel e ao *status* do indivíduo nas questões da linhagem, estirpe, independente de sua idade.

Peixoto (2007) aponta a ambivalência da categoria etária do (a) idoso (a), sob a insígnia de uma identidade comum, apoiados somente na idade cronológica e no tempo de serviço. Para a autora, a terceira idade se situa na fronteira entre a idade madura e a velhice, um sinônimo do idoso (a) ativo (a), responsável pela gestão de seu envelhecimento. Para ela, "a terceira idade é a expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea". (p.81). Um conceito que pretende homogeneizar um tipo de idoso (a), ativo (a) e independente num contexto heterogêneo de identidades sociais frente a um campo de possibilidades de ações individuais.

estágios de maturidade) uma flexibilidade para a criação de novas etapas e a redefinição de direitos e obrigações.

⁹Sobre geração será tratado mais adiante.

Se por um lado, nas sociedades complexas¹⁰ é permitido ao indivíduo uma multiplicidade de escolhas, sustentadas pela conquista da liberdade e autonomia, por outro, o indivíduo é barrado em seus anseios e projetos individuais, interligado às condições socioculturais e econômico políticas de seu contexto e da própria intersubjetividade de seus projetos, dado a negociação e o caráter comunicacional com os projetos de outros indivíduos, ao que Velho (1994) chamou de *campo de possibilidades*.

A criação do termo terceira idade cria um campo próprio de possibilidades que podem ser ao mesmo tempo: 1) infinito e aberto, já que as pessoas na terceira idade podem se casar, entrar numa universidade, viajar, ficar em casa, ir a bailes, vestir-se como sua mãe ou sua neta, apoiadas em sua liberdade e autonomia e 2) finito e fechado, quando barradas pelo contexto sociocultural e político-econômico a que pertencem, ao percurso de sua vida e de seus projetos, às suas redes de sociabilidade e ao papel que lhe é imposto por pertencer teoricamente à terceira idade ou a uma "comunidade de aposentados", conforme Debert (2010). Enquanto os esforços se dão nas atividades e atitudes que devem ser tomadas pelos que cronologicamente estão na terceira idade, as questões primordiais sobre a velhice e o envelhecimento são adiadas para idades superiores, quarta ou quinta idade, quando retornam os problemas, de ordem conceitual e prática, que não foram ainda

¹⁰ Morin (1995) atesta que "quanto mais uma sociedade é complexa, menos rígidas ou pesadas são as obrigações que pesam sobre os indivíduos e os grupos, de forma que o conjunto da sociedade pode beneficiar as iniciativas, estratégias, invenções ou criações individuais. No limite, o excesso de complexidade destrói todas as obrigações, distende o laço social, a ponto de a complexidade no seu extremo se dissolver na desordem". (p.88).

resolvidos. O termo terceira idade acaba ganhando seus próprios contornos e especificidades dentro do processo do curso da vida moderna. Aqui cabe as perguntas: terceira idade pra quem? Um trabalhador rural? Um intelectual? Quem se considera na terceira idade e por que?

1.2.1. A atribuição dos termos no Brasil

No Brasil, os termos designados à velhice e ao envelhecimento, foram se moldando, amparado pelas iniciativas européias, especialmente da França, com a criação das Universidades Abertas para a Terceira Idade, no bojo do projeto desenvolvimentista do país, designando o trabalho como critério de tratamento da velhice¹¹: os aposentados e os *outros*. Em 1942 surgiram as atividades da Legião Brasileira de Assistência – LBA, fundação pública que auxiliava soldados brasileiros ex-combatentes da Segunda Guerra e depois as famílias beneficiadas com a previdência. (Motta M., 1998). Em 1963 o Serviço Social do Comércio – SESC iniciou suas atividades com idosos (as), conforme citação do Diretor Regional do SESC de São Paulo, Danilo Santos de Miranda (2006):

"Nos anos 60, a questão social dos velhos não estava na ordem do dia. O Brasil ainda era reconhecido como um país jovem (...) tínhamos pouco mais de 5% de pessoas maiores de 60 anos. (...) nos anos 60 e 70, o SESC incentivou a criação de grupos de convivência, para que o idoso pudesse enfrentar a marginalização e tivesse a

¹¹Enquanto os inativos formavam um sujeito político, o "outro" era a imagem da velhice doente e desdita refeita sob os valores do moderno, do "Brasil dos 50 anos em 5", de Juscelino Kubitschek. (SANT'ANNA, 2000:15)

oportunidade de estabelecer vínculos de amizade, compartilhando angústias, preocupações, sonhos e desejos". (MIRANDA, 2006:7)

Após os anos 60, o termo idoso (a) e terceira idade foram ganhando adeptos, uma vez a questão do envelhecimento ter se constituído enquanto um "problema social" a ser resolvido, especialmente em torno das questões da previdência. De acordo com Simões (2007) de 1930 a 1964, as reivindicações dos segurados da Previdência eram segmentados por categorias profissionais (bancários, ferroviários, marítimos). Em 1966, reduzindo drasticamente a moeda da previdência e o poder dos sindicatos, o regime militar unificou o sistema previdenciário com a criação do Instituto Nacional de Previdência Social - INPS e em 1974 dividiu a pasta do Trabalho instituindo o Ministério da Previdência e Assistência Social¹². (p.15). Em 1978 surge

¹²É interessante as denominações, delimitações cronológicas e formas usadas por algumas leis destinadas às pessoas idosas, após os anos 1960. **Lei nº 4.737 de 15 de julho de 1965** que institui o código eleitoral: **§ 2º (...)** tem preferência para votar o juiz eleitoral da zona, seus auxiliares de serviço, eleitores de idade avançada, enfermos e mulheres grávidas. **Lei nº 5.869 de 11 de janeiro de 1973** que institui o código de processo civil: **Art. 650, parágrafo I:** os frutos e os rendimentos dos bens inalienáveis, salvo se destinados a alimentos de incapazes, bem como de mulher viúva, solteira, desquitada ou de pessoas idosas. **Decreto-Lei nº 1.642 de 7 de dezembro de 1978** altera a legislação do imposto sobre a renda: **Art. 16.** A partir do mês em que o contribuinte completar sessenta e cinco anos de idade, não incidirá o imposto sobre a renda na fonte sobre os proventos de inatividade (...). **Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984** institui a **Lei de Execução Penal: Art 32 § 2º** - os maiores de sessenta anos poderão solicitar ocupação adequada à sua idade. **Lei nº 8.112 de 11 de dezembro de 1990** dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. **Art. 184 parágrafo I:** garantir meios de subsistência nos eventos de doença, invalidez, velhice, acidente em serviço (...). **Lei nº 8.212 de 24 de julho de 1991** dispõe sobre a organização da Seguridade Social, institui Plano de Custeio e dá outras providências. **Art 4º:** a assistência social é a política social que provê o atendimento das necessidades básicas (...) à família, à maternidade, à infância, à adolescência, à velhice (...) e **Art 55 parágrafo III:** promova, gratuitamente e em caráter exclusivo, a assistência social a pessoas carentes, em especial a crianças, adolescentes, idosos (...). **Lei nº 8.213 de 24 de julho de 1991** dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência. **Art 1º:** A Previdência Social, mediante contribuição, tem por fim assegurar aos seus beneficiários, meios indispensáveis de

a Sociedade de Geriatria e Gerontologia – SBGG (anexo 5) e em 1982 a Associação Nacional de Gerontologia – ANG. Ainda em 1982 acontece pela primeira vez, o Ano Internacional do Idoso e surge no Brasil, a primeira experiência de um programa educacional voltado para pessoas idosas nos moldes do contexto francês, o Núcleo de Estudos da Terceira

manutenção, por motivo de incapacidade, desemprego involuntário, idade avançada (...) e **Subseção II da aposentadoria por idade, art. 48:** a aposentadoria por idade será devida ao segurado que, cumprida a carência exigida nesta lei, completar sessenta e cinco anos de idade, se homem, e sessenta, se mulher (...) os limites fixados são reduzidos para sessenta e cinquenta e cinco anos, no caso dos que exercem atividades rurais. **Lei nº 8.625 de 12 de fevereiro de 1993** institui a Lei Orgânica Nacional do Ministério Público, dispõe sobre normas gerais (...). **Art 25, parágrafo VI:** exercer a fiscalização dos estabelecimentos prisionais e dos que abriguem idosos, menores, incapazes ou pessoas portadoras de deficiência. **Lei nº 8.742 de 7 de dezembro de 1993** dispõe sobre a organização da assistência social (...). **Art. 2º parágrafo I:** a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice. **Lei nº 8.842 de 4 de janeiro de 1994** dispõe sobre a Política Nacional do Idoso (...). **Art 1º:** (...) tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. **Art. 2º:** considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade. Nesta lei, além de assegurar ao idoso todos os direitos de cidadania e participação, o processo de envelhecimento é citado no **Art. 3º parágrafo II**, como sendo um processo que diz respeito à sociedade em geral, objeto de conhecimento e informação para todos. **Lei nº 8.926 de 9 de agosto de 1994** que torna obrigatória a inclusão nas bulas de medicamentos, advertências e recomendações sobre seu uso por pessoas de mais de sessenta e cinco anos. **Decreto Legislativo nº 56 de 19 de abril de 1995** sobre os direitos econômicos, sociais e culturais (...). **Art 17:** toda a pessoa tem direito a proteção especial na velhice (...) proporcionar instalações adequadas, alimentação e assistência médica especializada, às pessoas de idade avançada (...). **Lei nº 9.059 de 13 de junho de 1995** que dispõe sobre proteção e estímulo à pesca. **Art. 1º § 4º** - ficam dispensados do pagamento da taxa, os aposentados e os maiores de sessenta e cinco anos, se do sexo masculino, e de sessenta anos, se do sexo feminino, que utilizem para o exercício da pesca, linha de mão, caniço simples (...) e, que não sejam filiados aos clubes ou associações (...), desde que a pesca não importe em atividade comercial. Quer dizer, se pessoas desta idade designada, para não pagar taxa, precisarem pescar enquanto atividade de subsistência, não podem fazer parte de nenhuma associação, não podem usar qualquer material de pesca, exceto os permitidos por lei, nem vender seu peixe, literalmente. Ainda dentro desta Lei no **Decreto nº 1.744 de 8 de dezembro de 1995** que regulamenta o benefício de prestação continuada, é estabelecido um salário mínimo mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso, com setenta anos ou mais, que comprovem não possuir meios de sua própria manutenção (...). **Decreto nº 1.904 de 13 de maio de 1996** que institui o **Programa Nacional de Direitos Humanos**, direciona as propostas

Idade – NETI¹³ na Universidade Federal de Santa Catarina. A partir dos anos 80 foram surgindo novos programas que conforme Sant'Anna (2000) são voltados para:

"Pessoas da classe média urbana, que gozam de saúde e têm um histórico de reivindicações após sua vida de funcionário, permitindo a organização de uma forma de assistência, que defende prioritariamente a autonomia e a gestão participativa de todos os membros destes grupos".
(SANT'ANNA, 2000:23)

Todas essas iniciativas foram experimentando um *outro* modo de tratar a velhice, dividida entre os pertencentes à classe média urbana, intitulada agora como terceira idade e à massa dos velhos aposentados

governamentais às pessoas da Terceira Idade. Decreto nº 1.948 de 3 de julho de 1996, Art. 3º - o atendimento asilar é estimulado somente nos casos de: (...) ao idoso sem vínculo familiar ou sem condições de prover à própria subsistência de modo satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social. Percebe-se que a família é estimulada cuidar de seus idosos, privatizando cada vez mais o atendimento, na falta de um Estado de Bem Estar Social. Decreto nº 2.710 de 4 de março de 1997, é instituído em Art. 2º que a carteira de identidade contenha campo destinado ao registro da expressão idoso ou maior de sessenta e cinco anos. Na Ordem de Serviço nº 596 de 3 de abril de 1998, do Instituto Nacional do Seguro Social, o benefício assistencial de um salário mínimo é designado ao idoso com sessenta e sete anos ou mais, que comprove não possuir meios de prover a própria manutenção, nem de sua família. As leis até aqui observadas, fora as que não foram citadas ou as anteriores de 1960, demonstram a irregularidade etária atribuída aos deveres e direitos das pessoas idosas: ora com 60, 65, 67 e 70 anos, ou ainda, mais arbitrário, o termo "idade avançada", embora seja estipulado como pessoa idosa nos países em desenvolvimento, a idade de 60 anos, fixada na Assembléia da ONU de 1982. Outra análise interessante é que os termos designados às pessoas idosas surgiram por diversas vezes, ao lado daqueles considerados "fracos" da sociedade: mulheres (grávidas, viúvas, solteiras, desquitadas), enfermos, menores, incapazes, portadores de deficiência. Por último, resalto que a palavra velhice (uma condição etária) e o termo processo de envelhecimento enquanto um processo que diz respeito a todos, são citados, mas não a palavra velho (a) designada na raiz desta palavra, como o sujeito do processo de envelhecimento para uma condição etária de velhice. Aparece somente os termos idoso, pessoa idosa e terceira idade. **(grifos da autora).** Maiores detalhes em: "IDOSOS: legislação". 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1999.

¹³Sobre Universidades Abertas para a Terceira Idade e o Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI será reservado um estudo específico mais adiante neste trabalho.

que reivindicavam suas questões salariais mal resolvidas. No campo conceitual, as iniciativas também foram abolindo aos poucos de seus discursos oficiais, o termo velho (a) e velhice, como por exemplo, nas variedades de uso dos termos destinados aos programas educacionais para esta faixa etária nas Instituições de Ensino Superior de Santa Catarina: *Universidade da Experiência* (Universidade do Sul de Santa Catarina), *Faculdade da Maturidade* (Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina), *Universidade da Vida* (Universidade do Vale do Itajaí), *Universidade Alternativa* (Universidade do Extremo Sul Catarinense), *Programa Permanente Vida Ativa* (Centro Universitário de Brusque), *Programa Unochapecó-Ativa* (Universidade Comunitária Regional de Chapecó), entre outros. (CACHIONI, 2003 e dados disponibilizados pelo NETI)

1.3. Idoso Universal?

"(...) Não foi o envelhecimento que me amoleceu, visto que aos 42 anos, avançava com segurança a mesma idéia que aqui sustento". (MORIN, 1995:84)

A criação do termo terceira idade, apontado pelos (as) autores (as) e as variadas formas de conceituações, como os utilizados pelos programas para a terceira idade (Universidade da Experiência, Faculdade da Maturidade, etc.) nos leva a pensar num tipo específico de velho, o "Idoso Universal". Àquele (a) inserido num programa para a terceira idade, sociável, ativo, esportista, independente, potencial consumidor (a) de cosméticos e modismos "para não envelhecer", preocupado (a) com dietas milagrosas e, principalmente, responsável pelo seu próprio envelhecimento. Este Idoso (a) é o *tipo ideal*, um tipo

que deve ser almejado por todos os que estão vivendo a velhice, os que estão envelhecendo e os que irão envelhecer: cuidando de si com tecnologias rejuvenescedoras, amparada pela mídia e pela oferta crescente de *kits anti rugas*, cremes, remédios, comprimidos *Viagra* e cirurgias que prometem devolver a juventude. Esse tipo "Idoso (a) Universal" estigmatiza os que não se enquadram neste perfil, culpando-os (as) por seu declínio natural da velhice ou conforme Debert (2004), ser velho tornou-se uma questão de *autoconvencimento*.

A esse processo, a autora chama reprivatização do envelhecimento, um processo que estimula e responsabiliza somente o (a) idoso (a) a cuidar de si e a família como única instituição privada responsável pelo seu ente. Para a autora, é uma forma do Estado reprivatizar o cuidado pelos seus cidadãos e cidadãs idosos e idosas, devolvendo-os (as) à família, ele (o Estado) se isenta de investir em Instituições de Longa Permanência - ILP's e em programas sociais que possam dar conta das necessidades desta população. Debert acha lamentável esta inversão do público para o privado, do retorno dos (as) idosos (as) à família, uma vez que rejeitados por ela, podem ficar *à mercê* de todo tipo de violência doméstica. (DEBERT, 2004, 2009)¹⁴.

O (a) idoso (a) dependente não participante de atividades sociais, de exercícios físicos, que não tem uma alimentação dita saudável, prefere não sair de casa, é desprovido (a) e/ou asilado (a), é o

¹⁴Em seu livro "A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento" de 2004, Debert aponta que "o processo de reprivatização da velhice é também resultado de uma interlocução intensa dos gerontólogos com a mídia e com os espaços sociais criados em torno do envelhecimento. Essa interlocução obriga o discurso gerontológico a se colocar em dia com o que se faz de mais avançado em relação à velhice nos setores de ponta, em nível internacional, e a responder, ao mesmo tempo, a um conjunto de novas demandas sociais". (p.230)

(a) *estranho(a)*, não se conforma num universalismo ocidental etário, marginalizado (a) e responsabilizado (a) por suas próprias limitações e dificuldades, sujeitos (as) às precárias políticas de seguridade social e a todo tipo de preconceito. Mas, o (a) *estranho (a)* é também aquele (a) que, sem limitações físicas e nenhuma patologia, com condições financeiras e poder de acesso aos programas para a terceira idade, opta por não querer participar destes programas ou de nenhum grupo ou associação para a terceira idade, são e não são velhos (as) ao mesmo tempo. Compartilham de algumas coisas inerentes à sua idade ou geração, e outras não lhe fazem sentido. Não se sentem, nem se percebem ainda *velhos*, conforme mostra um dos meus entrevistados de 76 anos: *Até hoje eu nunca parei pra pensar: Puxa, eu tô velho! Ainda não tô me sentindo velho. Eu ainda sou um sujeito produtivo, entendeu?* – **(Robert P. em 18 maio 2010)** ou ainda na citação de outro entrevistado de 60 anos:

Não me ocorreu alguma outra participação dentro do projeto do NETI enquanto curso, enquanto, digamos participação de terceira idade, quer dizer, isso seria alguma coisa que, se serve pra sua entrevista, eu não fui fazer o curso por causa da terceira idade, até porque eu acho esse negócio uma grande mentira, foi por causa do francês (...). – **Excerto da entrevista (Mick J. em 09 junho 2010)**

Quando surgem estes *estranhos* na heterogeneidade do envelhecimento, surge todo um aparato político, amparado muitas vezes, segundo Debert (2004) pelos discursos dos gerontólogos, geriatras e mídia, com novas tentativas classificatórias, no intuito de reestabelecer a ordem, classificar e dominar, conforme sua citação:

"Ao louvar as pessoas saudáveis e bem-sucedidas que aderiram aos estilos de vida e à parafernália de técnicas de manutenção corporal veiculadas pela mídia, assistimos à emergência de novos estereótipos (...). 'Dar voz aos velhos', transformá-los em 'sujeitos do seu destino' são palavras de ordem usadas pelos defensores de uma gerontologia crítica, empenhados em descrever a 'indústria da velhice' (...) cuja tarefa tem sido pôr em ação tecnologias de saber e poder, a partir das quais as populações são reguladas, classificadas, divididas e dominadas". (DEBERT, 2004:229)

Ao se criar terceira idade não se substituiu nenhum dos termos velho ou idoso - estes nunca deixaram de existir, ainda que às margens - mas criam-se outros termos, como a dos "jovens velhos" e "velhos velhos". Neste sentido Norberto Bobbio (1997) em seus escritos autobiográficos, crê que sua velhice biologicamente começou aos 80 anos e psicologicamente sempre se considerou um pouco velho. Diz que foi velho quando era jovem e quando velho ainda se considerava jovem, só no momento em que redigia sua obra, pensou ser então, *velho-velho*.

Pode-se ser e não ser idoso (a) ao mesmo tempo. Entre o se perceber e sentir-se velho (a) (devido aparecimento de uma ruga, de fios brancos, da lentidão dos passos, entre outros) o homem e a mulher percebem sua velhice nos olhos do outro. Como já nos disse Sartre (1981):

"Todos me tratam como um velho. Acho graça. Porque um velho nunca se sente velho. Segundo os outros, sei o que a velhice implica para quem a vê de fora, mas não sinto minha velhice. Portanto, minha velhice não é algo que, em si, me ensine alguma coisa (...) a velhice é uma realidade minha

que os outros sentem, me vêem (...) os outros é que são minha velhice". (SARTRE, 1981:33)

1.4. Descronologizando a velhice: fragmentação do "Idoso Universal"

Você vai ver o que a rotina faz, do ponto de vista do ser humano, ela acaba interferindo na sua própria semiótica, a rotina do engenheiro, do advogado, do professor ou de um gari, faz com que essa pessoa tenha um formato de gari, um formato de professor, porque eles fazem as mesmas coisas do mesmo jeito, embora a vida tenha esta mágica de permitir as nossas diferenças todas (...)
Mick J. Excerto da entrevista.

O não perceber-se velho, antes um *estranho* no limiar cronológico, esvazia o conceito de "Idoso Universal". Adentramos agora na discussão sobre a sua fragmentação, mas antes discorro brevemente sobre o conceito de "pós-modernidade", associado às descontinuidades, rupturas institucionais e desorganizações das formas humanas de viver.

Giddens (1991) a partir de *Jean-François Lyotard* (1985) – autor que popularizou o termo pós-modernidade - vê na perspectiva pós-moderna, uma pluralidade de reivindicações heterogêneas. No decorrer do seu texto, Giddens (1991) coloca em dúvida, o próprio conceito de pós-modernidade, no sentido de estarmos vivendo as "consequências radicalizadas e universalizadas ainda da modernidade". (p.13). O autor não se situa num conceito fixo de pós-modernidade, antes aponta uma série de utilizações que designam o *limiar de uma nova era*, "pós-modernidade", "pós-modernismo", "sociedade pós-industrial", "sociedade da informação", entre outros, preferindo a utilização de "alta

modernidade" ou propriamente de uma modernidade pela qual estamos vivendo suas consequências.

Meu intuito aqui é situar a questão das idades, em especial da velhice, na fronteira da modernidade e/ou pós-modernidade que conforme Bobbio (1997), é frágil, é simplesmente dizer "um depois". Ensejo situar a velhice neste *limiar de uma nova era*, num *outro* lugar, novamente submetido a novas classificações e categorizações numa luta pelo antiuniversalismo da velhice e desbiologização da vida humana.

Magalhães (1989) sugere que termos classificatórios não só influem na produção histórica e social da velhice, como também influem no ritmo e na forma de como se processa o envelhecimento no indivíduo. Um envelhecimento com uma pluralidade de percursos de vida diferenciados, atendendo às subjetividades, às categorias geracionais e de gênero, às condições de vida, às escolhas, ao modo como interferem e se percebem em suas vidas, como criam seus laços de sociabilidade, entre outros. Uma série de pluralidades que escapam do controle moderno de categorizar coisas e pessoas. A cronologização da vida segue agora um sentido inverso, o da *descronologização*.

Debert (2010) a partir de Held (1986), propõe a *desinstitucionalização* ou *descronologização* da vida, a partir das mudanças nos processos de produção que valoriza o novo em detrimento do velho (nos dois sentidos, das coisas e das pessoas). No âmbito da família, esse fenômeno é percebido na variedade de idades para casar, ter filhos, nas várias formas de moradia, podendo numa mesma casa residir avó, mãe e filha em idades próximas. Debert (2010)

aponta três etapas sucessivas formuladas por Moody (1993) em que a sensibilidade investida na idade cronológica é distinta:

Pré-modernidade: idade cronológica menos relevante do que o *status* da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder;

Modernidade: cronologização da vida;

Pós-Modernidade: desconstrução do curso da vida.

Neste sentido utilizado, o conceito de pós-modernidade associa-se à *descronologização*, um modo de situar a vida humana na velocidade das mudanças, na provisoriedade dos estilos, na transitoriedade das identidades. Isto significa pensar que a velhice não é uma variável fixa, que podemos analisar antes, durante ou depois da modernização. A velhice é uma categoria socialmente e culturalmente construída, devendo distinguir, conforme Debert (2007) entre fato universal e natural (ciclo biológico de nascimento, crescimento e morte) e fato social e histórico (variabilidade nas formas de conceber e viver este ciclo). A autora estabelece que "a idade não é um dado da natureza, nem um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem ainda um fator explicativo dos comportamentos humanos". (p.51). A idade é também uma categoria socialmente e culturalmente construída.

Para Barros (2006):

"As idades deixam de ser entendidas apenas como referências cronológicas fundamentais para a inserção dos indivíduos na sociedade moderna (...)

estas passam a ser compreendidas na contemporaneidade como estilos de vida, que podem ou não ser adotados e que definem fronteiras entre indivíduos e segmentos sociais, ao se tratar, por exemplo, juventude ou terceira idade, como um modo de estar no mundo". (BARROS, 2006:21)

O curso de vida é pensado menos nas fronteiras definidas por idade e mais nos esmagamentos e estreitamentos etários, na fluidez das identidades, nos múltiplos modos de ser, nas mudanças dos processos de vida. Uma série de etapas é criada entre a idade adulta e a condição de *ser velho (a)*: terceira idade, meia idade, melhor idade, aposentadoria ativa, idade de ouro, para só depois disso ser considerado *um (a) velho (a)* em idades que podem variar entre os 60 aos 90 anos ou mais. Este processo de adiamento é percebido também no interior da idade adulta, uma *crescente infantilização*, cunhado pelo sociólogo inglês Frank Furedi (2004) e citado por Debert (2010), como um fenômeno em que atividades ditas específicas para uma determinada faixa etária, acabam por chamar a atenção de outras faixas etárias, como por exemplo, os desenhos hollywoodianos de *Sherek* assistido muito mais por jovens do que por crianças e o uso adotado por jovens adultos, de objetos infantis como os da marca *Hello Kitty*. É um adiamento da idade adulta ou prolongamento da infância e adolescência. Estudos da Psicologia Social apontam a *síndrome da porta giratória*, definida como a tendência entre jovens adultos, entre os 20 aos 40 anos retornarem ao lar dos seus pais, uma vez não conseguirem ter estabelecido sua vida própria, por questões financeiras ou emocionais¹⁵.

¹⁵Para maiores detalhes, ver: PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos & FELDMAN, Ruth Duskin "Desenvolvimento Humano" São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

O indivíduo que viveu muito tempo na infância e adolescência deve entrar mais tarde na vida adulta, prolongando-a a um tempo em que o envelhecimento já desponta. Pensar então em se posicionar numa terceira idade acaba por ser uma ideia interessante, um tempo em que se pode começar ou dar continuidade a atividades e projetos de vida, já que se passou muito tempo como adolescente e jovem. Um lugar que ainda não é ser idoso (a) e, por isso mesmo, um lugar em que o preconceito não chegou com toda sua força.

Para Debert (2009) é comum que atividades para a terceira idade programadas para mobilizar um público acima dos 60, 70 anos, acabem por atrair pessoas e mais especificamente, mulheres de 50 anos¹⁶. Segundo Palma (2000), as Universidades Abertas para a Terceira Idade são constituídas por uma demanda de pessoas mais jovens e escolarizada, que se aposentam cada vez mais cedo, sugerindo novos modelos de pessoa idosa e das próprias propostas educativas.

A vivência das pessoas está menos marcada por suas idades - nos termos de Featherstone (1998) seguido por Ferrigno (2006), uma *nebulização das faixas etárias* – e mais pela vivência compartilhada de determinados eventos que marcam trajetórias passadas e futuras, conforme citação:

¹⁶Sobre a participação majoritária das mulheres em Universidades Abertas para a Terceira Idade será tratado de modo específico nas discussões sobre gênero e Universidades Abertas para a Terceira Idade em capítulo posterior.

“Talvez no século XX, ou pelo menos desde os anos 60, a vida está, de certa forma, ficando mais desorganizada. O curso de vida pós-moderno pode fazer voltar algumas características ou estilos de vida. Se for introduzidas mais complexidade ou mais desordem à vida social, haverá uma nebulização das faixas etárias”. (FEATHERSTONE, 1998:13)

Pertencer a uma mesma geração pode ou não determinar certos comportamentos e modos de ser e pensar. A idade cronológica acaba sendo, segundo Debert (2004) um receptáculo de um número ilimitado de significações. Esse número ilimitado de significações são causas e consequências de um processo de desorganização e *descronologização* da vida humana. A ideia de um (a) "Idoso (a) Universal" fragmenta-se em pedaços, quebra-se e reconstitui-se em novos pedaços, novas identidades e conceituações. Conceitos se redefinem para contrapor a outros: terceira idade X velhice; aposentadoria ativa X aposentadoria passiva; centro residencial X asilo; gerontologia X ajuda social; animador X assistente social. Para Debert (2007):

"O discurso sobre a terceira idade não acompanha simplesmente processos de mudanças objetivas, deve ser entendido como parte constitutiva destas mudanças. Ele contribui para acelerar e direcionar processos, na medida em que opera reclassificações que são constitutivas das formas de gestão do envelhecimento. Portanto, entender a terceira idade como construção social é recuperar os conteúdos investidos nessa classificação, as formas de mobilização e as condições que as tornam possíveis, a especificidade dos agentes encarregados de dar credibilidade às representações e o tipo de autoridade de que se servem para isso, os conteúdos produzidos e o modo pelo qual se constituem intervenções

voltadas para uma população específica, a reelaboração e a incorporação desses conteúdos às práticas e às autodefinições dos mais velhos". (DEBERT, 2007:64)

Em outras palavras, não se pode tratar a questão do envelhecimento utilizando termos de um dado contexto local específico - como é o caso da terceira idade -, para dar conta de explicar de modo global todas as variações e pluralidades da velhice. Tratar por esta ótica é voltarmos ao determinismo biológico, estipulando a terceira idade – no sentido conotado pelos (as) autores (as) - uma passagem obrigatória por todos aqueles que envelhecem, passagem essa marcada por uma velhice participativa, autônoma e independente. Não é negar a conceituação por si só, é negar a busca por universais, não prender-se somente no que há em comum entre e no interior das sociedades, mas entender como o "guarda chuva conceitual" da terceira idade, meia idade, melhor idade, idade do ouro, vai se abrir em meio a uma tempestade de condições e práticas diferenciadas de velhice e envelhecimento e como o termo irá se incorporar nas definições e autodefinições dos (as) velhos (as) em contextos locais. Meus entrevistados não se perceberam embaixo deste "guarda chuva conceitual":

Olha eu acho que esse negócio da melhor idade é uma hipocrisia tão danada! Isso eu acho que é um marketing fajuto da imprensa, porque não há velho, com suas limitações cada vez maiores que se sinta na melhor idade, isso não existe, é uma piada! Entre um médico e outro, a gente pode até dançar, mas é danado ficar velho, é muito ruim! –
Excerto da entrevista (David G. em 08 junho 2010)

(...) mas o que eu acho da velhice? é bem, vamos dizer, inevitável. Não que seja boa, nem que seja ruim, organizando ela pode se tornar uma parte boa. Eu acho que o negócio de melhor idade é falso. - **Excerto da entrevista (J.Beck em 28 junho 2010)**

Eu acho que terceira idade não tem nada a ver! Eu acho que a minha vida continua da mesma forma. Eu não mudei o meu estilo de vida, talvez eu tenha mudado sim ... à medida que a gente vai envelhecendo, vai modificando alguns conceitos. - **Excerto da entrevista – (Robert P.)**

2. DISCUTINDO GERAÇÃO

"Não foi, sem um certo choque, que o velho que eu era reencontrou o jovem que fora um dia. Em uma das páginas reconheci a mim mesmo; não sem certo espanto, descobri que com a idade de 27 anos, já me preocupava com problemas que mais tarde vieram a se encontrar no centro de minha reflexão". (ELIAS, 1990:111)

2.1. Uma importante ferramenta de análise das mudanças sociais

Como possibilidade de pensar todas as variações e pluralidades do processo de envelhecimento, o conceito de geração surge como importante ferramenta de análise, já que é um termo presente nas representações da história da condição humana, tanto de forma linear (geração anos 30, anos 40, anos 50, etc.) como circular (as gerações que vão se ausentando da vida e as gerações que vão surgindo e assim sucessivamente).

Segundo Mannheim (1998) a expressão geração¹⁷ foi inicialmente pensada pelos positivistas franceses, no sentido de que uma geração sucede outra, permanecendo uma ideia advinda das gerações anteriores, uma continuidade de repetição de modelos: "as forças da mudança e da continuidade são diretamente atribuídas a fatores

¹⁷Segundo o dicionário Aurélio, geração é o ato de gerar. Conjunto das funções ou fenômenos pelos quais um ser organizado produz outro semelhante. Cada grau de filiação de pai a filho; posteridade, descendência. Linhagem, estirpe, ascendência, genealogia. O conjunto dos indivíduos nascidos pela mesma época. O espaço de tempo (aproximadamente 25 anos) que vai de uma geração a outra. Produção, formação. Em um sistema onde estejam ocorrendo fissões nucleares, conjunto de nêutrons produzidos em um mesmo intervalo de tempo. A que sucede a outra no ciclo vital de muitas plantas.

biológicos, assim geração é um dado da natureza". (Comte in Mannheim, 1998).

No sentido mannheimiano, pensar geração é perceber não como um grupo concreto – tal como família ou tribo – mas através da percepção de que os membros do fenômeno social geração não estão ligados por laços físicos, ainda que estejam ligados de alguma forma no todo social, conforme sua citação: "The unity of generations is constituted essentially by a similarity of location of number of individuals within a social whole" (p.290)¹⁸. O autor divide três formas de *status* geracional:

1 – Localização Geracional: baseada na existência de um ritmo biológico na existência humana, sem que para isso seus integrantes possam interagir entre si;

2 - Geração como realidade: quando há laços criados entre os membros de uma geração por estarem expostos aos sintomas sociais e intelectuais de um processo de desestabilização dinâmica (mudança social);

2 – Unidade Geracional: uma dinâmica em que gerações reais trabalham conjuntamente suas experiências. Essas unidades podem constituir-se em forma de grupos, movimentos, associações, desde que se identifiquem numa experiência comum;

¹⁸É importante ressaltar que para Mannheim (1998), a ideia de cultura e sociedade era de uma estrutura que posicionava os indivíduos em determinados lugares sociais, em contraposição, Stuart Hall vai atestar que "o problema do sujeito se identificar é que a própria estrutura, o processo de identificação tornou-se mais provisório, variável e problemático". (p.12). Para esse autor o que conta para a identidade pós-moderna é a história e não a biologia. (HALL, 2003).

Meus entrevistados podem se reconhecer através de uma localização geracional, no sentido sócio-temporal de pertencimento a um determinado fato que transpassou suas vidas como, por exemplo, a Ditadura Militar no Brasil – evento que operou mudanças em níveis diferenciados do Oiapoque ao Chuí -, eles não necessariamente se reconhecem diretamente entre si e com este fato como um grupo atuante ativo, embora tenham sofrido de alguma forma às conseqüências da ditadura, posicionando-se, mesmo através da negação:

*Porque eu até não gosto desta coisa de movimento, porque aí remete a uma sensação que eu não gosto muito, porque não consigo funcionar assim, que é a questão dos clãs, dos clubes, das turmas, eu não tenho ... é até um problema, de repente de vida mesmo. Não tenho uma coisa relacionada a uma "tchurma", quer seja esporte, política, de tipos, de biótipos. (...) inclusive essa de participação, quando você me perguntou lá se participei de algum movimento, tem muita coisa que eu vi do aquário, porque eu não tinha cacife pra enfrentar essa chutada de balde, não é? - **Mick J. Excerto da entrevista***

*(...) aí chegaram os cubanos e finalmente nós vencemos e aos 10 minutos da palestra eu vi que os sujeitos só pregavam sangue e, nunca mais participei de qualquer movimento, principalmente esquerda. Principalmente esquerda. Isso em 1964, no auge, um pouco antes da revolução. – **David G. Excerto da entrevista***

Movimentos que participei, bom, eu trabalhei ... movimento particularmente não. Eu trabalhei como voluntário em Brasília, no Centro de Valorização da Vida (...), mas movimento no sentido político não, nunca, nunca, nunca. (...) em 31 de março de 1964, estava fazendo auditoria em Porto Alegre, pra você ter idéia, quando eu

saía do hotel não tinha certeza se eu ia chegar no meu trabalho vivo (...) porque a baderna estava horrível e sempre o Seu Brizola fazendo discursos contra os gorilas e tal. O último discurso que eu ouvi e vi quando ele tava no palanque! Ele dizia o seguinte, que o povo gaúcho não ia se render aos gorilas, se referindo aos generais, e que todos viessem com armas pra cidade, ta, ta ... com o que tivesse, facção, revólver, pistola, espingarda, foice, enfim, faca (...). No dia seguinte de manhã, tava assim (gesto de muita gente) de gaúcho, todo mundo armado e o Seu Brizola já tava no Uruguai, entende? Então tava chegando num ponto que não dava mais... – Robert P. Excerto da entrevista

Percebe-se que nas citações de meus entrevistados pertencentes a contextos sócio-culturais diferenciados, de modo direto ou indireto, suas ações foram direcionadas conforme a situação que o país estava passando na época da Ditadura Militar, desencadeando mudanças sócio-econômicas e político-culturais determinantes na vida das pessoas. No período de 1969 a 1973, o Brasil viveu o dito Milagre Econômico, numa inversão nunca vista antes no país, em que a população na cidade superou a do campo, com ofertas de empregos na cidade e prejuízos na área rural. Meus entrevistados que em 1969 contavam com idades que variavam dos 19 aos 35 anos, experienciaram estas mudanças em nome do progresso do país, reagindo de maneiras diferenciadas de acordo com suas trajetórias, escolhas e condições de vida, mesmo sem se perceber dentro processo, como é o caso de Neil Y. que mais ou menos na década de 60, acompanhando o êxodo rural do país, migrou juntamente com a família, do interior para a cidade de Florianópolis¹⁹.

¹⁹O declínio da agricultura e da atividade pesqueira foi bastante acelerado, pois o crescimento demográfico foi muito desproporcional entre a cidade e as áreas rurais. Em 1900, os habitantes de Florianópolis somavam 32.220, dos quais 15 mil habitavam o interior da ilha. Em 1940 o

Eu trabalhei muito tempo com meus avós na roça, nós plantava milho, feijão, mandioca, aipim (...) tudo essas coisas. Depois tinha uma horta pequena, fazia carvão, fazia lenha pra vender pras padarias, né? Nós fazia picada, derrubar aqueles paus, depois fazia a roça, lenha pra fogão né? A noite a gente juntava num carro de boi, depois levava o carro de boi morro abaixo, carregado de lenha e mandioca.(...) chegava no tempo das farinhas, tinha que levar as mandiocas pra senhoras ali no Saco Grande e aí, o meu avô dava beiju, dava cuscuz, pacote de farinha e aí ficava até de noite, não lembro mais, até 11h da noite descascando mandioca, depois no outro dia, pesava aquela mandioca pra passar pra fazer a farinha e aí depois era feito cuscuz. (...) bem, aí depois da roça, aconteceu que o meu avô morreu, não aqui, no Saco Grande! Aí quando ele morreu, a falecida minha avó também morreu e aí foi assim, ficou os quatro filhos, o que foi que eles fizeram? Tinha vaga (muitas risadas) na polícia, tinha vaga na Casan, eles saíram do morro, porque morreu o pai, mas eles não tinham estudo, mas foram pra polícia! A polícia naquela época pegava tudo, era gente com dente, sem dente, era preto, era branco, banguela! Tudo esculhambado! Aí foram pra polícia! (muitas risadas). (...) Aí eu e a falecida minha mãe nós fomos, não tinha mais nada o que fazer, meu avô morreu, não tinha mais roça, mais nada, descemos o morro assim, nós moramos ainda lá no meio do mato, no engenho e depois saímos de lá e viemos morar no Saco Grande, na rua geral e nesse Saco Grande nós começamos eu e ela a trabalhar de empregado, na casa de um, na casa de outro. – Neil Y. -Excerto da entrevista

recenseamento acusou 46.771 pessoas para Florianópolis e 17 mil para a população interiorana. No censo de 1980, quando apontam 187.871 habitantes para todo o município de Florianópolis, dentre os quais somente 14.500 residentes no interior da Ilha. No entanto, não foi só a tendência geral de êxodo rural que o município encenava, mas também a diminuição da produção rural. A farinha de mandioca foi desaparecendo e sendo substituída pela farinha do Continente, cultivada em terras mais produtivas e com engenhos mecanizados. Igualmente, as frutas, legumes e verduras, passam a ser cada vez mais importantes, em detrimento da produção local. (CECCA, 1997).

No entanto, não só Neil Y. não se percebia no processo de progresso nacional, mas os outros entrevistados citados, não consideraram-se como atuantes nos movimentos políticos e sociais na época da ditadura. Estavam ligados de algum modo, sob um ponto de vista global, pelas decisões de um Estado Ditatorial e por outro lado por suas particularidades locais. De acordo com Mannheim (1998):

"(...) o fenômeno social geração representa nada mais do que um tipo particular de identidade de local, englobando "idades grupais" relacionadas dentro de um processo histórico-social. Enquanto a natureza do local de classe pode ser explicada em termos de condições sociais e econômicas, a localização geracional é determinada duma maneira na qual certos padrões de experiência e pensamento tendem a ser trazidos à existência por dados naturais da transição de uma geração para outra". (MANNHEIM, 1998:292) **(tradução e grifos da autora)**

Por dados naturais, segundo o autor, deve-se entender como a própria condição humana de que todos morrem e, sendo assim, há uma emergência de novos participantes no processo cultural (dada através do nascimento) e a contínua retirada de outros (dada através da morte), fazendo com que membros de qualquer geração só possam participar num tempo limitado do processo histórico. Para Durkheim (2006) a geração no reino biológico mantém a linha dos ascendentes bem mais enraizadas no organismo, não se deixando atacar facilmente pela ação dos meios individuais, apesar da diversidade das circunstâncias exteriores, permanecem idênticas entre si. Já no reino social, tais ações não podem ser reforçadas pela geração, porque só duram uma geração, ao combinarem-se originam novos arranjos. Por exemplo, ainda que eu

aja igual a meu pai, em valores, comportamentos, atitudes, ainda assim não serei ele ou igual a ele. Posso pensar que sim, que vivo da mesma forma, porque pensamos numa continuidade e não percebemos a mudança, mas ela existe. E a forma de repasse de uma geração para outra, segundo Durkheim (2006), é dada através da educação.

Para Mannheim (1998), o que faz uma posição social ser a mesma está atrelada à experiência²⁰ dos mesmos eventos, uma participação nas mesmas circunstâncias históricas e sociais. Ferrigno (2006) a partir deste autor considera:

"que membros do mesmo grupo apresentam certas similaridades porque suas primeiras e cruciais experiências os colocam em contato com as mesmas coisas (...) mas os efeitos desses eventos serão diferentes, dependendo se forem experimentados pela primeira vez ou dentro de um quadro já formado de experiências semelhantes". (FERRIGNO, 2006:17 e 18)

Meus entrevistados podem apresentar similaridades na inserção de determinados eventos, como a Ditadura Militar, por terem pertencido a um mesmo quadro de referências e representações sociais. Mas, a similaridade não é condição suficiente para o reconhecimento das experiências coletivas, os membros de uma dada geração podem criar

²⁰Sobre o conceito de experiência, cito Bondía (2002): "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece". (p.21). Considero este conceito apropriado, por não ser uma experiência confundida com acúmulo de informação, um estar sempre informado com muitas coisas, não é o mesmo que saber dessas coisas, não é sinônimo de sabedoria. Bondía continua na mesma página: "a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência". O modo como as pessoas experienciam individual e coletivamente os eventos numa dada época geracional, no sentido do que lhes toca, é mais importante do que constituir-se como sujeitos meramente informados numa dita "sociedade da informação".

laços por estarem expostos aos mesmos sintomas sociais. O criar laços vai além da exposição e é, segundo a proposta de Mannheim (1998), um *status* da geração como realidade.

Alguns de meus entrevistados ao participarem de um programa educacional voltado para a terceira idade, se percebem como pertencentes à categoria idoso e terceira idade (mesmo negando o termo), e identificam-se com este perfil etário em experiências similares conjuntas, conforme suas citações:

Eu diria que o NETI proporciona ao idoso uma oportunidade de se sentir válido, de sentir que ainda presta pra alguma coisa, que ainda pode ser útil, sem falar nas amizades que se faz lá. É um pessoal muito sadio, terceira idade, tem gente muito preparada, outros menos preparados e que todos estão nivelados, isso eu acho maravilhoso! É tudo parelho, né? - David G. Excerto da entrevista. (grifos da autora)

Do NETI? eu diria primeiro o seguinte, que é um lugar para a turma da terceira idade, é um lugar sério, que você tem "n" opções de cursos e principalmente, é a forma de você estar saindo de sua casa, ao invés de ficar dentro da casa recolhido, em frente a uma televisão ou numa mesa de jogo, você lá está fazendo "n" coisas (...) – Robert P. Excerto da entrevista. (grifos da autora)

Olha, além da orientação que a gente recebe, tem principalmente o companheirismo, parece que a gente (...) num bom sentido conduz, um informa o outro, a disputa é de quem tem menor não pior, certo? Então é fácil de ambientar e é difícil de encontrar outro local (se referindo ao NETI) que tenha essas ... o que a universidade pode fazer, tem um objetivo de melhorar as condições pra

sociedade, esse é um dos setores mais desenvolvidos. – **J.Beck. Excerto da entrevista.**
(grifos da autora)

A participação em um programa para a terceira idade pode ser um exemplo do *status* da geração como realidade, pois estabelece um vínculo entre membros de uma dada geração que se reconhecem como pertencentes a ela (já que se matricularam nos cursos voltados para esta faixa etária), expostos às mudanças sociais e intelectuais que os circundam e compartilhando de alguma forma os fenômenos da aposentadoria, do envelhecimento, das perdas, conforme a fala de Robert P.:

A gente à medida que vai envelhecendo, a gente só tem perdas, né? É perda de saúde, perda da audição, perda da visão, perda de um parente, perda de um amigo, porque morreu, porque mudou, porque não sai mais de casa e tal e no NETI a gente tá sempre fazendo novos amigos, sempre, sempre.- Robert P. - Excerto da entrevista.

Como contraponto aos que se identificam com o programa para a terceira idade oferecido pelo NETI, expostos nas citações, há também os que não se percebem dessa forma. Sua participação no programa advém por outros motivos:

Eu sempre tento fazer qualquer coisa, não é? Não exatamente o francês, mas sempre na perspectiva de fazer alguma coisa (...) não fui me relacionar com pessoas da mesma faixa, nada (risos), nem de ... que é engraçado de eu falar isso, o que provavelmente eu não falaria na sala de aula se tivessem me perguntado, não tem nada de idade de ouro nesta história, entendeu? Não

foi por causa disso (...) – Mick J. Excerto da entrevista

Porém, embora Mick J. não perceba diferenças geracionais nem se reconheça dentro deste perfil - o do participante da terceira idade - nem tenha participado de outros grupos, *clãs, turmas*, conforme dito mais acima, ele reconhece que fez parte das mudanças sociais de sua geração, entendendo-a não como uma repetição do mesmo pelo mesmo, mas com rompimentos necessários dos comportamentos de vida entre uma geração e outra:

(...) engraçado isso, porque eu não acho que tenha uma diferença muito grande entre as gerações. É claro, cada uma tem seu cenário, a dificuldade, atividade, o rompimento, o enfrentamento. Então assim, eu não consigo ver uma grande diferença, é claro que o que eu disse quando eu andava de cabelo grande e não podia andar de cabelo grande, de calça apertada ou rompendo algumas barreiras que hoje funcionam de uma maneira mais suave, embora até existam, até onde você acha que não existe, existe. Mas o que é interessante nisso é a grande possibilidade de predomínio de conversação, de mudança (...) sou personagem de um grande processo, eu entendo que isso que a gente tá vendo aqui agora, é resultado desse processo e isto aqui é uma coisa que tem a ver com a minha produção, tem a ver com a minha personalidade, com a minha pessoa, com a minha história, embora não necessariamente eu tenha feito tudo isso aqui nesse cenário. Então quando eu vejo o cenário aqui, por exemplo, (se refere ao espaço do seu apto, onde estamos no evento da entrevista), comparando com meus tios, avós, e aí você pode ser testemunha ocular, você vai ver que existe uma relação de liberdade aqui dentro. As coisas arejadas, de certa forma coloridas, de certa forma leves, porque isso dá uma sensação de que

pode-se ir e vir, em qualquer sentido. (...) então, eu sou testemunha, 60 anos, de uma maneira eu fui radical, tenho consciência, ciência de que eu fui um elemento importante, eu me sinto assim.-
Mick J. Excerto da entrevista. (grifos da autora)

O que quero enfatizar é que mesmo não havendo por parte de Mick J. um reconhecimento de pertencer a algum tipo de associação ou no caso, do NETI, ele reconhece-se como personagem de um processo de mudança social que se diferencia de seus tios e avós, ainda que não tenha necessariamente participado ativamente de nenhum tipo de movimento político, há uma identificação com os movimentos de luta pela liberdade, engajado por membros de sua geração. A natureza, se assim se pode dizer, desse processo, é geracional – uma vez ele se referir ao movimento contracultural, a "geração" da juventude de 1960, pela qual ele se identifica. Andar de cabelo grande quando *não se podia andar de cabelo grande*. Fica-se claro de que a "regra do cabelo curto" não era a sua norma e nem a de seus contemporâneos juvenis.

Porém, reconhecer-se no perfil etário de participante do NETI, como os demais entrevistados, não garante uma unidade geracional, que segundo Mannheim (1998) dá-se quando os membros reconhecem-se e constroem-se juntos em prol de uma ação, direcionando suas atividades individuais em atividades coletivas. Nem todos meus entrevistados conhecem-se entre si, vez ou outra, se esbarram pelos espaços do NETI e da universidade ou em algum evento. A experiência e a produção do que é comum na dinâmica da unidade geracional pode ser percebida em J.Beck que demonstrou em seu discurso ser sempre um participante

ativo de movimentos políticos, sindicalistas e atualmente na luta contra o mal de Parkinson:

E eu fui muito novo trabalhar em banco e entrei para o sindicato dos bancários, que geralmente é de esquerda, como quase todos os sindicatos, mais pra esquerda. E eu fui militante dos movimentos estudantis dos anos 60, depois já universitário, fiz nos anos 60, anos 70, até que houve o Golpe Militar em 64 não é? Ai entramos numa organização clandestina (...) – J. Beck.
Excertos da entrevista

O engajar-se numa condição coletiva de luta, como é o caso de J.Beck, é um reconhecimento da continuidade de uma geração após a outra, unidas pelo espírito da democracia como mola propulsora desta continuidade:

*(...) democracia a gente exige, não pede. Não existe outra coisa que possa ser competidor à democracia para relações internas entre pessoas, uma sociedade, uma comunidade, é o sistema social democrático que funciona, já demonstrou que é o melhor. O legado dessa consciência política é o de que o importante pra nós é a manutenção da democracia que nos permite no dia-a-dia se relacionar (...) gostaria de deixar exatamente um país bom, onde se possa viver com uma relação de segurança, ética. Tá feito. Não tenho muita pretensão (...) o nível que eu vivi precisou pegar arma, pedra – porque movimento estudantil pegava em pedra – (...) que seja um lugar que haja mais justiça entre os homens (...).***J. Beck .Excertos da entrevista.**

A análise aqui feita em cima das três formas de *status* geracional proposta por Mannheim (1998) foi um exercício de pensar como os atores dão conta de suas experiências e se percebem dentro do

fenômeno das gerações. Mas a análise não pode ser fixa e isolada, o próprio Mannheim atesta que a unidade geracional é dinâmica, as gerações estão num constante estado de interação, num aprendizado mútuo e até porque as próprias entrevistas sugerem um leque de interpretações. Se por um lado, os sujeitos entrevistados, por vezes, negam sua condição de fazer parte de uma geração que está na terceira idade, eles também encaram com bons olhos fazer parte de um programa para a terceira idade, pois pode significar sentir-se útil e fazer amizades. E ainda que Mick J. diga não perceber muitas diferenças na fronteira entre as gerações, é nítido no modo como atua com seus filhos, diferenciar-se do modelo com o qual foi tratado pelos seus pais, conforme Mannheim (1998) atestou: "a geração que ensina escolhe o que passar e cobiça o que ainda não foi atingido". Na citação de meu entrevistado ele expõe essa escolha:

*Acho que minha infância foi uma grande bobagem, porque ela não foi bem aproveitada, de maneira, digamos, infantil. Certamente por uma questão que pratico hoje com meus filhos completamente, uma coisa participativa. Quando a gente veio pra cá eu optei, foi uma coisa consciente, ficar perto deles, interessava vê-los 24h, isso era uma coisa que me interessava muito, por isso que eu fui mudando o modelo. Mas no meu caso, foi muito pelo contrário, meus pais trabalhavam fora o tempo todo (...) Além do mais, também tem todo o processo de formação, toda a questão rebelde de comportamento dos anos 60 versus as tombadas de modelos, passando por uma fase de mudança social e familiar, as famílias estavam mudando. Eu andava na rua e era um péssimo exemplo! Cabeludo, minha calça quase não entrava de tão apertada que era. **Mick J. Excerto da entrevista.***

2.2. A convivência num só tempo entre várias gerações: "Imigrantes perdidos no espaço"

"Mergulhamos em um nevoeiro histórico. Isso repercute sobre o presente. Somos seres de raízes e de mudança, de comunidades e de universalização (...) nossa tarefa é construir um novo futuro, diferente daquele que faliu: um futuro da consciência e da vontade. O amanhã não será oferecido pela história". (MORIN & KERN, 2002:11-12)

Passamos agora para as discussões mais atuais sobre o conceito de geração. Para vários autores, como Barros (2006), Debert (1999, 2007) e Motta (1999, 2009), gênero e geração são dimensões fundamentais da vida social e correspondem a categorias básicas de análise das relações sociais. À medida que o curso da vida vai se desorganizando, a "questão das gerações acompanha as reflexões sobre as formas de sociabilidade e sobre experiências de vida de diferentes segmentos sociais e distintos grupos etários". (BARROS, 2006:11). Esta autora realiza sua pesquisa com duas gerações de mulheres: jovens e mulheres velhas da cidade do Rio de Janeiro e de como cada geração lida com os processos de autonomia individual. A autora, a partir de Mannheim (1998), aponta que a questão das gerações está intrinsecamente ligada à problemática das mudanças sociais, no caso de sua pesquisa, entender como se dão experiências distintas para diferentes gerações num determinado espaço urbano.

Autores (as) apontam como a geração dos *baby boomers*²¹, os que hoje se encontram na *meia-idade* e velhice, não obstante foram jovens ativos na recriação dos valores e estilos ao longo das etapas pelas quais passaram e muitos continuam empenhados na redefinição dos estágios mais avançados da vida (DEBERT, 1999). É esta geração dos movimentos políticos e movimentos feministas que hoje continuam lutando pela sua visibilidade social – seja por meios de associações e movimentos, seja de modo individual -, não enquanto uma categoria de *velhos (as)*, mas de um percurso humano de um processo histórico de conquistas políticas, sociais e individuais.

J.Beck não está preocupado em ser visto como um idoso "assim ou assado", uma categoria separada, mas se percebe diluído dentro de uma coletividade em que o importante mais do que a condição etária e geracional é a participação política:

²¹Após a Segunda Guerra Mundial, principalmente nos países que se envolveram no conflito (com destaque para os Estados Unidos), durante o período compreendido entre 1946 e 1964, a taxa anual de natalidade alcançou níveis altíssimos, e pôde-se observar uma explosão demográfica – esse é o motivo pelo qual as crianças que nasceram ao longo desses anos são denominadas *baby boomers*. Segundo Solomon (2002), citado por Novais (2005) a primeira razão para tudo isso é poder em números. Eles representam aproximadamente um terço dos americanos, e respondem no Brasil por quase um quarto da população. Eles constituem uma enorme parcela da força de trabalho – cerca de 40% nos Estados Unidos (*U.S. Bureau Of The Census*, 2001), e 30% no Brasil (IBGE, 2000) – e também possuem a mais alta renda média entre as faixas etárias nos dois países. O que torna os *boomers* tão importantes é a sua intensa contribuição para a configuração sócio-econômica devido ao fato de eles terem um *modus vivendis* peculiar em relação às coortes anteriores. Desde jovens, já sentiram que não estavam dispostos a reproduzir o padrão de vida de seus pais e buscaram construir uma sociedade alternativa, que era radicalmente contra a cultura da época. (Popcorn, 2002). Pode se dizer que, a emergência dos *boomers* à terceira idade vem forçando transformações em diversas estruturas sociais. Essas mudanças vão tanto na direção de preparar a infra-estrutura necessária para responder às demandas deste grupo, quanto na direção de se repensar o papel das pessoas mais velhas na sociedade. (NOVAIS, 2005).

(...) ser velho é ter idade mais alta do que um moço e pode haver um jovem que tem mentalidade de um idoso, descrente, não participativo, isolado e o idoso que pode ter suas funções, sua ação política voltada para a realidade presente. Um jovem tem a obrigação de conhecer como está o mundo (...) pode ser um jovem ou um velho, mas tem que participar". **J. Beck. Excerto da entrevista.**

David G., no que concerne ao reconhecimento geracional, considera o fator etário como importante, já que o aproxima dos membros de sua geração:

Qual é a geração que me identifico? (silêncio) eu te diria que eram os mesmos amigos da mesma idade aproximadamente, o pessoal do Aeroclub que até hoje eu ... é, acho que foi a geração que me marcou mais. Que hoje está entre 65 e 70 né? Porque nós vivemos juntos, toda essa evolução que aconteceu aí e foi muito bacana. –**David G. Excerto da entrevista.**

Já Robert P. percebe o fenômeno da geração dentro da descendência e ascendência familiar:

Vou falar do meu pai. Ele era um cara bom, mas severo, rígido em questões de honestidade. Qualquer coisa, a gente respondia ele na hora, mesmo correndo o risco de levar uma surra. O meu filho a mesma coisa. Todas as vezes que eu perguntei alguma coisa para meu filho, ele respondeu na hora, até quando peguei ele com a maconha. (...) meu pai era muito trabalhador, mas mulher, era igual o filho dele: olhava assim, tava de saia, não era padre, nem escocês, chegava junto! (muitos risos). –**Robert P. Excerto da entrevista**

Também há por parte de Robert P. um reconhecimento parecido com David G., não de identificação etária como este, mas de identificação com a ideologia de uma dada geração a que pertenceu, no caso, a Ditadura:

Me identifico talvez na geração da ditadura. Porque? eu gosto, por exemplo, do Getúlio, apesar de ditador, principalmente quando ele foi eleito pelo povo. (...) então, desde que eu vim pra cá (se referindo ao Brasil), a época que eu mais me identifiquei foi na dos militares, apesar de não gostar de regime militar nenhum, mas pelo menos na época todo mundo viveu mais tranqüilo, entende? Hoje a gente tá vendo corrupção demais, que nunca se viu no Brasil. Toda vida existiu a corrupção, mas agora aumentou.-
Robert P. Excerto da entrevista

J.Beck, David G. e Robert P. atribuem de modo diferente o conceito de geração. O primeiro, a uma conquista política que ultrapassa gerações e idades e não se situa dentro de uma genealogia familiar; o segundo identifica-se às experiências coletivas vividas por ele e por membros de sua idade; o terceiro, num primeiro momento parte dos valores hereditários, mas também na identificação a um determinado evento histórico, vivido de modo similar entre ele e toda uma geração, independente de se reconhecerem.

Para Debert (1999), o conceito de geração é mais importante para dar conta das experiências vividas do que a idade cronológica. Esta é uma criação arbitrária que, como já visto, normatiza todas as etapas da vida. A partir de Kriegel (1978), a autora atesta:

"A idéia de geração não corresponde à sucessão de um grupo pelo outro, à substituição do mesmo pelo mesmo. Apesar de suas conotações variadas, a idéia de geração implica um conjunto de mudanças que impõem singularidades de costumes e comportamentos a determinadas gerações. Daí falar-se em geração do pós-guerra, da televisão, de 68. A geração não se refere às pessoas que compartilham a idade, mas às que viveram determinados eventos (...)". (DEBERT, 2007:60)

As experiências dos membros de uma dada geração os fazem partilhar de um sentimento coletivo - seja de ódio, amor, nacionalismo – impregnando-as com as marcas de suas subjetividades e percursos próprios. Ainda que jovens e velhos possam fazer parte dos mesmos eventos, partilharem dos mesmos significados simbólicos; os velhos sempre terão maior bagagem em decorrência de seu percurso histórico, podendo comparar as experiências passadas com a atual, ressignificá-la ou negá-la²². Impossibilidade para um jovem *inexperiente* (no sentido cronológico do termo), ou seja: todos tem passado, mas alguns tem mais passado do que outros.

No contexto moderno, para Debert (2004), o conceito de geração em que os indivíduos partilham de determinados eventos só faz sentido em oposição ao tempo padronizado. As práticas de uma geração só são repetidas se forem reflexivamente justificadas – em outras

²² Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos apenas algumas indicações, meros signos destinados a evocar antigas imagens. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. (BOSI, 1987)

palavras, tradição não é o que deve ser, mas o que se julga que se deva perpetuar.

O fenômeno geração, não sendo percebido como um grupo concreto, mas uma possível ferramenta analítica das mudanças sociais, ele próprio transita entre essas mudanças, se apropriando e sendo apropriado em variados contextos, seja para analisar a descendência e ascendências nas relações familiares (avós, pais e filhos) de como dão conta de repassarem ou não modelos adquiridos, seja para explicar determinado evento histórico, como a ditadura ou a Segunda Guerra, e de como seus membros direcionam suas ações, unidos por uma causa ou simplesmente expostos dentro de uma mesma localização geracional à mercê dos fatos.

Margareth Mead *in* Magalhães (1989) creditou aos idosos e idosas como "Imigrantes perdidos no tempo e no espaço", buscando sempre novas formas de articular sua sociabilidade, através da institucionalização das relações geracionais e intergeracionais, negociando permanentemente a própria linguagem como forma de facilitar as relações com os mais jovens. Mick J. expõe de forma clara essa negociação da linguagem:

Porque no meu modo de ser, dando aulas em vários lugares e outros relacionamentos que eu tenho com pessoas mais jovens, eu primo por isso, isso é uma coisa importante: em não deixar a diferença de idade fazer bloqueios, tanto é que quando converso por telefone com pessoas, é uma coisa completamente diferente, pela internet é completamente diferente, porque não interfere meu cabelo branco, não interfere a relação física,

então isso deveria ser regra geral.- Mick J.
Excerto da entrevista

A partir destas discussões, exponho três conceitos atribuídos para geração, o primeiro ao que se refere às controvérsias de estabelecimento da idade cronológica, presumindo dizer que assim como *sexo não está para gênero, idade também não está para geração*²³. Neste último, as experiências dos indivíduos não estão "coladas" às suas idades cronológicas, mas, por um lado, por uma condição homogênea de identificação coletiva em eventos vividos numa dada geração, partilhando das mesmas referências e representações sociais. Por outro lado, às heterogeneidades de gênero, classe e de como os indivíduos experienciam, sentem e percebem esses eventos.

O segundo conceito atribuído para geração tem como referência o legado geracional ou geratividade. Pensado não como um repasse do mesmo pelo mesmo, mas nas ações e pensamentos que atores sociais deixarão para as gerações futuras, como forma de perpetuar-se neles, ou seja, a questão de desenvolver uma tecnologia social de reprodução simbólica. Caso contrário, os atores temem que suas vidas tenham passado inutilmente e que num futuro não muito distante serão esquecidos, conforme aponta Bosi (1987): "(...) dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento". (p.33). Ou o temor de ver esvair-se junto com a sua morte conquistas de

²³ O uso do termo *sexo não está para gênero* é para diferenciar estes conceitos, sem que um possa estar subordinado ao outro. Do mesmo modo, que a idade também não está subordinada à geração e vice-versa.

uma vida inteira, percebido nas palavras de Bobbio (1987) atribuindo-se como único guardião de sua memória:

"Somos guardiões inconscientes das sombras do passado, no próprio instante em que aparecem fugazmente na memória revivem por um segundo, se permitir que este vulto desvaneça, estará a morte para sempre.(...) o mundo dos velhos é o mundo da memória, somos o que pensamos, amamos, realizamos (...) as lembranças que conservamos e não deixamos apagar, somos o único guardião". (BOBBIO, 1987:30)

Pensar em legado geracional ou geratividade, possibilita compreender porque os indivíduos se preocupam em deixar algo para os que virão, imortalizando-se e prorrogando-se naquilo ou naqueles que deixarão. Dessa forma, geração pode ser pensada para além de uma linhagem familiar, pois o legado geracional se estende a todos (as) àqueles (as) que reproduzem uma ideia, uma memória, repassam saberes, alterando, ressignificando, atribuindo novos sentidos, sem desprezar o conhecimento anterior.

Norbert Elias (2001) em seus escritos autobiográficos, ilustra a relação intelectual dentro de seu campo de estudo para com as gerações precedentes:

"(...) foram precisamente os membros das gerações mais velhas que ainda não eram profissionais, que foram canonizados em nossos dias como autoridades em sociologia (p.145) (...) em meados do século XX, os sociólogos com uma vasta cultura histórica, não eram raros e muitos já constataavam que o conhecimento do passado é indispensável para compreender os problemas do presente (...) mesmo os advindos de outras áreas

se dispuseram a estudar a sociedade humana em mudanças e também em deixar para as gerações futuras o seu legado, afim de que pudessem dar continuidade, fosse para refutar ou mudar". (ELIAS, 2001:47)

Há sempre a possibilidade dos indivíduos frustrarem-se antecipadamente, especialmente no contexto das sociedades ocidentais, onde questões sobre a transcendência e imortalidade são inoportunos, tratados, na maioria das vezes, somente no âmbito religioso. Queremos viver, mas não envelhecer, "queremos nos saber finitos para eleger a finitude como princípio e a eternidade como retorno perpétuo através do legado que deixamos para quem fica". (Py, 1988:15). Hanna Arendt (1981) atesta que a tarefa e a grandeza potencial dos mortais têm a ver com sua capacidade de produzir coisas – obras, feitos e palavras. E são esses feitos que darão ou não continuidade à nossa memória, ainda que não nos apercebamos disso. Elias (2001:145) expõe seu receio, pois apesar do intelectual ter consciência de se "inscrever na cadeia das gerações e, portanto também na dos sociólogos", sentia-se inseguro, até um pouco triste, ao pensar na hipótese de que outros não dariam continuidade ao seu trabalho, sabendo que não podia fazer nada sozinho, mas sim um trabalho de muitas gerações.

Num terceiro momento, a intergeracionalidade surge também como importante modelo de análise nesta fase de *desconstrução* do curso da vida ou *descronologização*, em que já desponta a chamada "Geração Z", sucessora da cronologia da Geração *Baby Boomers*,

"Geração X" e "Geração Y"²⁴. O mundo contemporâneo encena um maior convívio entre várias gerações no interior das famílias e nas demais instituições e espaços sociais, ainda que algumas instituições teimem em determinar um lugar para o (a) velho (a) e um outro lugar para os jovens. Desta forma, o fato de que na (pós) modernidade os mesmos eventos tendem a ser experienciados por pessoas de idades díspares faz com que essas experiências tirem, mais ainda, o peso da idade cronológica como fator delimitador da geração, ainda que conforme já nos apontou Debert, em diversos momentos, a regulamentação cronológica persista.

Para Magalhães (1989):

"A coexistência geracional tende a ser institucionalizada, reunindo e redefinindo papéis sociais e deixando de ser produzida de forma espontânea e personalizada. A função das instituições e agências sociais na produção e estímulo das novas formas de convivência geracional e intergeracional será crescente". (MAGALHÃES, 1989:117)

²⁴O consultor de Marketing e Comportamento do Consumidor, Daniel Portillo Serrano em seu artigo "Geração X, Geração Y, Geração Z.". 2010, classifica essas gerações. **Geração X** – composta pelos filhos da chamada *Geração Baby Boomers*, têm sua data de nascimento localizada, aproximadamente, entre os anos 1960 e 1980. **Geração Y** - também chamada de Geração *Next* ou *Millennials*. Apesar de não haver um consenso a respeito do período desta geração, a maioria da literatura se refere às pessoas nascidas entre os anos 1980 e 2000. São, por isso, muitos deles, filhos da Geração X e netos da Geração Baby Boomers. **Geração Z** - Formada por indivíduos constantemente conectados através de dispositivos portáteis e, preocupados com o meio ambiente, a Geração Z não tem uma data definida. Pode ser integrante ou parte da Geração Y, já que a maioria dos autores posiciona o nascimento das pessoas da Geração Z entre 1990 e 2009. Disponível em:

<http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Geracao_X_Geracao_Y_Geracao_Z.htm>.

Acesso em 05 jan 2011.

Magalhães em 1989 já supunha e sugeria, a intergeracionalidade como proposta a ser estimulada pelas instituições e agências sociais, década essa que houve um aumento significativo de programas para a terceira idade em universidades públicas e privadas em todo o país e América Latina, incentivando o convívio entre as gerações de jovens universitários e estudantes idosos (as). Em pesquisa realizada em 2003, Ferrigno (2006) constatou uma crescente aproximação entre as diferentes gerações, - ainda incipiente - a partir de 1990, em projetos institucionais nas áreas do lazer, cultura e voluntariado. Em 2009 a intergeracionalidade surge nos discursos do Congresso sobre Envelhecimento Masculino ocorrido no SESC de São Paulo, nas falas de Peixoto e Magnani. A primeira se refere aos conflitos existentes nas coabitações intergeracionais em que regras dos espaços comuns da casa (horários, barulhos, funções domésticas, entre outros) precisam ser permanentemente negociadas entre os habitantes pertencentes as várias gerações. Na fala de Magnani, o palestrante propõe dentro da temática do homem idoso e sua participação social, um encontro entre as gerações, uma intergeracionalidade dos espaços públicos, dos eventos políticos e privados, dos saraus e em todo lugar que possam entrar em contato e trocarem saberes e não somente em 'guetos', como os bailes para a terceira idade.

Após explanar as três formas de se pensar geração: geração não "colada" às idades; como legado ou geratividade e das relações intergeracionais, pode-se atestar que o fenômeno geração é sim uma ferramenta de análise das mudanças sociais, já apresentado por Mannheim (1998) como dinâmica e num constante estado de interação,

um aprendizado mútuo. É importante ressaltar que este autor nem chegou a vivenciar todas as mudanças ocorridas na geração da contracultura dos anos 60, já que faleceu em 1947. Daí sua perspicácia em pensar geração dessa forma entre a juventude hitlerista e altamente totalitária, que não deu continuidade ao liberalismo da geração anterior do final do século XIX e início do século XX. Mannheim não pensou geração como uma evolução, no sentido de que uma sucede a outra, mas sim que apesar das heranças obtidas, membros das gerações posteriores podem reproduzir ou negar essas heranças. Uma vez o autor ter considerado a experiência como principal elemento de participação dos indivíduos nas mesmas circunstâncias históricas e sociais, há uma quebra no modo como os positivistas pensavam geração: da repetição de modelos e há um ingresso deste conceito nas discussões mais urgentes das multiplicidades e heterogeneidades etárias das experiências de vida.

3. DISCUTINDO GÊNERO

"Pelo fato de não termos clareza das condições envolvidas na não inclusão do homem idoso nesses espaços sociais, precisamos desvelar esse fenômeno levando em conta sua multidimensionalidade e, ainda, a individualidade e a autonomia do homem idoso". (FERNANDES & MEDEIROS, 2008:18)

3.1. "Se alguém é uma mulher ou homem, isso certamente não é tudo o que esse alguém é"

Se o conceito ou o fenômeno da geração pode ser considerado como uma ferramenta importante de análise das mudanças sociais, gênero, por sua vez, também partilha desta condição movediça de ser uma *categoria útil de análise histórica*, conforme Scott (1990), usada para explicar as relações sociais entre os sexos, indicando não mais explicações biológicas, mas antes construções sociais, enfatizando a complexidade das relações não determinadas pelo sexo.

Tratar da questão de gênero dentro da temática do envelhecimento requer, conforme aula de Sônia Maluf, *entender gênero como paradigma e não um tema em si, mas um recorte que sempre aparece em vários temas*. Grossi (1998) cita Françoise Héritier²⁵ (1996) a respeito da coletânea desta autora que versa sobre o pensamento da diferença sexu-

²⁵ **Françoise Héritier**, antropóloga francesa, nasceu em 15 de novembro de 1933. Seu nome em francês significa "herdeiro". Professora honorária do Collège de France, onde ocupou por muitos anos a cadeira de Estudos Comparados de Sociedades Africanas, ela é considerada a sucessora de Claude Lévi-Strauss, e isto por algumas razões. A mais importante delas diz respeito ao desenvolvimento dos estudos de parentesco e, por conseguinte, à formulação de uma teoria geral do social. Além disso, elaborou uma análise sobre a relação entre o masculino e o feminino, que ela chama de "valência diferencial dos sexos", que se tornou uma referência fundamental na área de estudos de gênero franceses. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100007>. Acesso em 04 jan 2011.

al, pensou gênero como um construto na relação homem/mulher, uma vez que não existe indivíduo isolado, independente de regras e representações sociais. Scott (1990) acrescenta, porém, ser a categoria gênero não só construída sobre a diferença de sexo do homem e da mulher, mas para "dar sentido" a esta diferença. Grossi (1998) define gênero como uma categoria:

"usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual. (...) serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado". (GROSSI, 1998:6) **(grifos da autora)**

O pensar as relações sociais sob a ótica do gênero "não colado" somente aos estudos voltados só para a mulher ou a condição feminina, mas os que envolvem homens e mulheres, permite abrir este capítulo percebendo como os estudos de gênero podem dar conta também de tratar do envelhecimento e mais ainda, das velhices masculinas. Segundo Scott (2002), não é simplesmente escrever uma história que negue ou assuma as diferenças ou igualdades, uma oposta à outra, optar ou negar pela existência dessas dicotomias é impossível. A história do feminismo não é essa, é sim a própria história das mulheres (e de alguns homens) que enfrentaram dificuldades na inserção das mulheres na sociedade.

Repasso brevemente como as teorias feministas percorreram historicamente seus estudos²⁶, calcados sob um determinismo biológico ou no sentido de Scott (2002):

“Quando se legitimava a exclusão com base na diferença biológica entre homens e mulheres, estabelecia-se que a diferença sexual não era apenas um fato natural, mas uma justificativa ontológica para um tratamento diferenciado no campo político e social”. (SCOTT, 2002:26).

Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981) traçam o percurso realizado pelos estudos feministas - que não tratavam ainda sob a insígnia de gênero, mas de sexo – iniciando com o grupo composto por Simone de Beauvoir, Shulamith Firestone e Evelyn Reed²⁷. Para Beauvoir, os

²⁶ Apesar de me opor às ideias baseadas na diferença biológica homem/mulher, que naturaliza a subordinação e opressão feminina, não pretendo negar esses estudos, mas entender como esta temática vem sendo tratada historicamente. Entendo que muitas das teorias feministas surgiram no âmago do Iluminismo, tendo no "Homem Branco Ocidental" – contrário às mulheres e aos ditos primitivos – o representante *mor* da humanidade e, portanto, seres morais completos. A não completude da mulher foi dada por uma possível *falta* do desenvolvimento de seus órgãos internos e, portanto, seres incompletos. No meu entendimento foi preciso coragem por parte das mulheres (e alguns homens) na época em tentar romper com este modelo de "Homem Branco Ocidental", em que a masculinidade se igualava à individualidade e a feminilidade com a alteridade.

²⁷ **Simone Lucie-Ernestine-Marie-Bertrand de Beauvoir** (1908–1986). Licenciou-se em Filosofia na Sorbonne em 1929. Dentre os vários livros que escreveu, "O Segundo Sexo I - Fatos e Mitos", do original "Le Deuxième Sexe (I)" foi lançado em 1949, numa época em que o termo "feminismo" nem sequer havia sido cunhado, este livro é considerado, hoje, como o marco inicial da prática discursiva da situação feminina. Neste primeiro volume, Simone de Beauvoir aborda os fatos e mitos da condição da mulher numa reflexão apaixonante que interessa a ambos os gêneros humanos. FONTES: (Beauvoir, 1995) e "Simone de Beauvoir", disponível em <http://www.simonebeauvoir.kit.net/livros_01.htm>. **Shulamith Firestone** (1945 -) escreveu aos 25 anos o livro "A Dialética do Sexo" de 1976 surgido do movimento revolucionário feminista. O método é o mesmo que seguiram Marx e Freud: análise e observação detalhadas da experiência comum. Diferenciação social dos sexos, família, amor romântico, instinto maternal, todos esses considerados os pilares de nossa civilização, são questionados pela autora com argumentos surpreendentes. FONTE: "Livro A Dialética do Sexo" – Shulamith Firestone. Disponível em <<http://cidadesaopaulo.olx.com.br/livro-a-dialectica-do-sexo-shulamith-firestone-iid-67812618>>. **Evelyn Reed** (1905 – 1979) was an American communist and women's rights activist. An active participant in the Women's liberation movement of the 1960s and 1970s, Reed was a founding member of the Women's

dados biológicos são fundamentais na história da mulher, desde que revestidos de significações no contexto social. Esta autora previu que a reprodução privou a mulher de elaborar outros projetos e de transcender à própria vida, uma vez estar subjugada à repetição dela²⁸. A opressão feminina para Beauvoir (1967) está no ato de repetir a vida, como parte existencialmente mais fraca, contrária às atividades masculinas que constituiu valores à própria existência. Firestone considerou a condição feminina advinda da biologia, da maternidade e da fisiologia do corpo que constitui a condenação primária da mulher e, portanto a dominação masculina é inerente. Reed, segundo Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981), parte das ideias de Engels, do seu livro "A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado" (1976), onde o autor defende que a mulher foi a primeira propriedade privada do homem. A autora considera que a opressão está dentro do surgimento da propriedade privada, das classes sociais e do Estado. A família patriarcal priva a mulher no âmbito doméstico e a impede de realizar-se enquanto indivíduo, o que só pode acontecer na Produção e no Mercado de Trabalho Livre. Esse caráter fortemente marxista na teoria feminista, é considerado por Scott (2002) como um deslocamento desnecessário do debate, visto a subordi-

National Abortion Action Coalition in 1971. Inspired by the works on women and the family by Friedrich Engels and Alexandra Kollontai, Reed is the author of many books on Marxist feminism and the origin of the oppression of women and the fight for their emancipation. She was nominated as a candidate for President of the United States for the Socialist Workers Party in the United States presidential election, 1972. FONTE: "Wikipedia: the free encyclopedia:Evelyn Reed". Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Evelyn_Reed>. Acesso em 04 jan 2011.

²⁸Percebe-se uma similaridade ao conceito de geração enquanto repetição, *o mesmo pelo mesmo*. As mulheres seguiam seus percursos de vida igual às gerações de suas mães e avós, contrário ao modo de viver a vida nas sociedades ocidentais contemporâneas, já exposto por Debert (2007) no capítulo sobre as gerações: " (...) A idéia de geração não corresponde à sucessão de um grupo pelo outro, à substituição do mesmo pelo mesmo".

nação das mulheres acontecerem antes e depois do capitalismo. Para Scott (1990, 2002), o conceito de gênero deve ser utilizado não como *muleta* de cunho marxista ou psicanalítico, mas dar-lhe *um lugar ao sol* no âmbito das discussões sócio-culturais e político-econômicas da história atual e de suas nuances.

Para Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981), as primeiras teorias feministas prevêem uma linearidade e um evolucionismo de acordo com o pensamento clássico do século XIX. Num segundo grupo de análise, estas autoras selecionaram as produções de Rubin, Rosaldo e Atkinson²⁹. A primeira continua a usar o termo opressão dentro do sistema social. Parte de um contexto dos sistemas de parentesco que coloca a opressão da mulher como socialmente construída. Rosaldo e Atkinson distinguem o masculino e o feminino sob o conceito de “dar a vida e tirar a vida” em grande parte das sociedades tribais. Representa a mulher ligada aos processos naturais da terra, crescimento das plantas, ciclos de fertilidade, incapazes de transcender o biológico. E o “tirar a vida” associa-se à caça e a guerra, um controle intencional da vida e da morte, designado ao homem (trabalho).

²⁹ **Gayle S. Rubin** (1949) antropóloga cultural, conhecida como ativista e teórica influente em políticas de sexo e gênero. Tem escrito a respeito de vários temas que incluem feminismo, sadomasoquismo, prostituição, pedofilia, pornografia e literatura lesbiana, bem como estudos antropológicos sobre subculturas sexuais. FONTE: "Encyclopedia Encydia beta". Disponível em: <http://pt.encydia.com/es/Gayle_Rubin>. **Michelle Zimbalist Rosaldo** (1944, New York -1981, Filipinas), conhecida por seus amigos como Shelly, foi uma antropóloga famosa por seus estudos das tribos de Filipinas, abrindo caminho sobre os estudos das mulheres e a antropologia do gênero. Morreu de uma queda accidental ao conduzir seu trabalho de campo nas Filipinas em 1981. Seus trabalhos foram prosseguidos por seu marido Renato Rosaldo, também antropólogo e por seus dois filhos. FONTE: "WorldLingo Translation Localization Globalization". Disponível em <http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Michelle_Rosaldo>. Acesso em 05 jan 2011.

Ao conjunto dos trabalhos examinados, Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981) apresentam como uma das sínteses: a identificação de uma igualdade substancial das mulheres originária na biologia e de sua opressão e/ou discriminação por parte do homem. Ou seja, tanto o primeiro grupo das feministas concentradas nos dados biológicos, na maternidade e fisiologia do corpo, constituindo a mulher como parte essencialmente mais fraca do binômio homem *versus* mulher e as teorias do segundo período no exemplo dado de "dar a vida e tirar a vida", há a permanência de um forte caráter do universalismo biológico a que se tenta fugir.

A citação "Não se nasce mulher, torna-se mulher", de Simone de Beauvoir, é uma contestação da naturalidade de uma essência feminina. O resultado dessa afirmação é a não existência da Mulher, enquanto gênero universal biológico, mas de uma pluralidade de identidades de mulheres ou nas palavras de Judith Butler (2003): "Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é". (p.20). Scott (1990, 2002) tece também algumas críticas quanto à elaboração das teorias ou recortes tomados por outras feministas adeptas a um universalismo, especialmente em relação à suposta idealização da família matriarcal, primeiramente centrada no pressuposto do domínio masculino absoluto e posteriormente contrário ao biologismo, se legitimando somente na organização social. Essas vertentes de pensamento acabam por distanciar-se do próprio debate e desconhecer outras formas de desigualdade.

Neste preâmbulo, volta a questão Iluminista de "Homem Universal", dos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade para todos os homens, seguindo a da "Mulher Universal", representada por seu sexo biológico: seja pela "incompletude" dos seus órgãos internos, seja pela condição de reprodutora e da maternidade, pelo controle do desejo e orgasmo feminino vistos como pecaminosos ou "anti-naturais", conformados pela normatividade da Igreja Católica ou nas biopolíticas, no sentido foucaultiano. A ideia da Mulher Universal evoca a diferença sexual a fim de justificar sua exclusão, acaba por reificar a própria diferença biológica, geralmente expressa pela ideia universal do homem opressor e da mulher submissa.

Rosaldo (1995) contraria esse universalismo pelo risco das generalizações, conforme sua citação: "As mulheres, onde quer que estejam são, assim parece, a nossa imagem despida, e a especificidade histórica de suas vidas assim como das nossas se torna obscurecida". (p.15). Para esta autora é preciso desarticular a visão biológica da assimetria sexual. Rosaldo não pretende dar um reconhecimento às mulheres que passaram despercebidas no passado, mesmo porque sua atuação é evidente, mas desnaturalizar o lugar feminino como predominantemente frágil e designadas às funções maternas e domésticas. Segundo esta autora, o próprio discurso feminista corre o risco de deixar vir à tona preconceitos e diferenças, evidenciando uma possível fraqueza feminina ou um repúdio ao sexo oposto, não levando em consideração outras esferas do ser humano, sem a devida compreensão de que os "papéis que os sexos desempenham contribuem para e são, por sua vez, moldados por todas as outras desigualdades".

(p.35). Desigualdades de classes sociais, de classes etárias, de *ethos*, de localidades e todas as subjetividades inerentes a grupos e indivíduos.

Miriam Grossi (1998) cita que os estudos de gênero iniciaram com Margareth Mead em 1950 com "Sexo e Temperamento". Esses estudos trataram sobre três tribos da Nova Guiné: os *Arapesh*, os *Mundugumor* e os *Tchambuli*. Todas as tribos atribuíam papéis muito diferentes para homens e mulheres. Agressividade e passividade, por exemplo, nem sempre eram atribuídos ao homem e a mulher, respectivamente. Em nossa cultura estão fortemente associados a homens e mulheres quase como uma determinação biológica. (p.8)

Para Grossi (1998) os estudos de gênero são uma das consequências das lutas libertárias dos anos 60, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968. Esta década foi um período de grande questionamento sobre a sexualidade. Para ela, a pílula anticoncepcional passa a ser comercializada e a virgindade enquanto valor essencial das mulheres para o casamento começa a ser amplamente questionada. O sexo começa a ser pensado no Ocidente como fonte de prazer e não apenas destinado à reprodução da espécie humana. Nas décadas de 1970 e 1980, o campo de estudos sobre gênero no Brasil gira em torno da problemática da condição feminina. Nos grupos feministas se pensava que era necessário que as mulheres se reunissem sem os homens, pois "havam sido silenciadas ao longo da história" e a ausência de homens era uma forma de garantir a palavra das mulheres. (p.3). Nos anos 80, especificamente, deixa-se de falar de condição feminina e passa-se a tratar das mulheres com suas inúmeras diferenças e particularidades.

3.2. Ser Homem Idoso: a perda de um "lugar fixo"

"Os homens, quase todos, mencionam as viagens como uma exigência para gozar a aposentadoria e, com frequência, sonham comprar um rancho ou se tornar senhores fazendeiros. As mulheres ficam previsivelmente preocupadas em perder as raízes, abandonar velhos amigos e filhos e ficar longe dos netos. A preocupação delas também é que seus maridos, sem o estímulo de um trabalho fiquem azedos e chatos". (SHEEHY, 2002:246)

Com essa abertura dos estudos de gênero no Brasil, a partir das décadas de 1970 e 1980, o conceito de gênero, segundo Negreiros (2004), foi se arrolando ao longo das gerações, em meio às mudanças sociais, sendo apreendido, representado, ressignificado nas variações cada vez mais desbiologizantes. Constituindo-se em outras matrizes que não só masculino/feminino, mas das heterossexualidades e homossexualidades, homoafetividades, transexualidades, androginia (termo usado para especificar comportamentos comuns para homens e mulheres), a ampliação desses estudos de gênero para além da condição feminina, dada a partir dos anos 80, permitiu inserir o estudo de outras identidades e papéis de gênero. Segundo Grossi (1998):

"Papel é entendido no sentido que se usa no teatro, uma representação de um personagem. Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado como papel de gênero (...) estudar a diversidade cultural humana, tem mostrado que os papéis de gênero são muito diferentes de um lugar para outro. (...) Identidade de Gênero remete à constituição do sentimento individual de identidade. Segundo Stoller todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o

que é masculino ou feminino". (GROSSI, 1998:7 e 9)

Esses estudos permitiram um aumento cada vez maior de pesquisas nas heterogeneidades e multiplicidades que o conceito de gênero ia dando conta, estudiosos (as) começaram a se envolver cada vez mais nos estudos das identidades da mulher e do homem (mais ainda da mulher) ao longo do seu percurso de vida, privilegiando a reflexão sobre as particularidades locais de um já desfeito universalismo. No *rol* desta abertura, a partir de 1996, o estudo das masculinidades surgiu no Seminário Internacional Fazendo Gênero na Universidade Federal de Santa Catarina. As temáticas tratam geralmente sobre os papéis e identidades de gênero nas questões relativas ao trabalho, ao *status* de homens jovens e velhos, espaços de violência (conjugal, institucional), homossexualidades no ciberespaço, esportes, entre outros. Esses estudos transitam nas inúmeras possibilidades de *o que é ser homem?* No entanto, dos mais de 70 simpósios, grupos de trabalho e GT's geralmente disponíveis neste Seminário, um ou dois são destinados aos estudos das masculinidades, e, dentro deste, poucas palestras se voltam para a velhice ou envelhecimento masculino.

Utilizo neste tópico o conceito da identidade de gênero proposto por Grossi (1998), por se distanciar mais de uma associação biológica – embora o próprio papel de gênero também se distancie um pouco desta associação, uma vez serem mutáveis cultural e historicamente –, porém a identidade de gênero, por ser mais complexa (fala-se então de identidades) remete, conforme apontou a autora, à constituição do sentimento individual de identidade, ou seja, da imagem que faço de mim, a partir

de um conjunto de convicções herdadas do que posso me considerar como masculino ou feminino. Em outras palavras, constituo-me enquanto homem ou mulher, a partir, por exemplo, do meu nascimento e das cores que serão estipuladas de acordo com meu sexo: rosa ou azul. Tais convicções, segundo ainda Grossi (1998) não param por aí, elas vão ao longo do tempo se associando a uma "massa de convicções" construída nas socializações. Essa imagem que faço de mim, segundo Durkheim (2006) é inseparável da imagem que eu tenho de outra pessoa. De como percebo outros (as) com o mesmo sexo biológico que o meu e de como eles (as) agem e eu então devo agir. Dessa forma, ao envelhecer, a mulher e o homem pode não perceberem ou fazerem de conta que não perceberam seu envelhecimento, por considerarem que ser velho ou velha, é ser como foi seus avós, seus pais ou o (a) *velhinho (a) da praça*. Velho e velha, portanto, passa a ser *os (as) outros (as)*.

Assim, para o estudo do envelhecimento o conceito de gênero e/ou sua(s) identidade(s) é imprescindível, conforme nos mostra Motta (1999), a constituição de uma identidade social, qualquer que seja ela, implica necessariamente no processo simultâneo de construção da identidade de gênero. Trajetórias de vida de homens e mulheres, e de como se perceberam e se percebem como homens e mulheres, podem determinar seu envelhecimento. Para as mulheres, sua velhice pode associar-se ao modo como suas mães e avós viveram, mas a tendência é, conforme Debert (1994) "da passagem de um mundo totalmente regrado para outro em que se sentem impelidas a criar suas próprias regras". (p.48). Longe que estão de suas funções domésticas, reprodutoras e maternais, com filhos crescidos e muitas vezes viúvas, ocupando cada vez mais es-

paços no mercado de trabalho, as mulheres experimentam um outro modo de viver a velhice diferente das gerações anteriores, pelo menos, nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Geralmente se atesta um maior desprendimento da mulher no seu processo de envelhecimento, reforçado pela sua maior longevidade, participação majoritária nos grupos de convivência e terceira idade e a sua própria desinibição, apontada inclusive pelos homens, conforme um dos meus entrevistados: (...) *porque tem mais mulher no mundo (risos), segundo, a mulher é mais desinibida do que o homem. (...) o homem, cadeira dura e aí com vergonha não tem uma expressão corporal que faz o que uma dançarina faz* (risinhos). **J.Beck. Excerto da entrevista.**

Esse pensamento corre o risco de reificar a diferença biológica, como já aconteceu com as primeiras feministas, resultando, por exemplo, na mulher vista enquanto *sexo frágil* e na dominação masculina como dados universais. É claro que, conforme adverte Motta (2009), existe as diferenças biológicas próprias de casa sexo, com trajetórias sociais diferenciadas e desiguais, mas *levantar bandeiras* anunciando somente estas diferenças dentro do processo de envelhecimento, pode obscurecer outras formas de debate pertinentes ao assunto, como as questões de classe, raça/etnia, geração, e todas as outras particularidades e subjetividades que permeiam o envelhecimento humano para homens e mulheres. Durkheim (2006) no início do século XX ao demonstrar uma maior facilidade da mulher em viver isolada e, de uma certa, superioridade sua em relação ao homem, acaba concluindo que a mulher é mais *rudimentar*:

“Eis enfim porque ocorre que a mulher pode, mais facilmente que o homem, viver isolada. Quando se vê a viúva suportar sua condição muito melhor que o viúvo e procurar novo casamento com menor paixão, é-se levado a crer que essa aptidão de passar sem a família é um sinal de superioridade; diz-se que as faculdades afetivas da mulher, sendo mais intensas, encontram facilmente com que se ocupar fora do círculo doméstico, enquanto seu devotamento nos é indispensável para nos ajudar a suportar a vida. Na realidade, se ela tem esse privilégio, é que sua sensibilidade é antes rudimentar que mais desenvolvida. Como ela vive mais que o homem fora da vida comum, a vida comum penetra-a menos: a sociedade lhe é menos necessária porque está menos impregnada de sociabilidade. Ela tem poucas necessidades que sejam voltadas para esse lado, e as satisfaz com poucos gastos. Com algumas práticas de devoção, alguns animais a cuidar, a solteirona tem sua vida tomada. O homem, ao contrário, aí se vê mal. Seu pensamento e sua atividade, na medida em que se desenvolvem, ultrapassam cada vez mais os quadros arcaicos. Mas ele precisa então de outros. Visto que é um ser social mais complexo, ele não se pode manter em equilíbrio se não encontrar um ponto de apoio exterior, e é porque sua base moral depende de muitas condições, ela se perturba também com mais facilidade”.(DURKHEIM, 2006:111/112)

É importante ressaltar que Durkheim (1858-1917), um dos pais da sociologia moderna, pensou dessa forma, pois veio de uma tradição evolucionista presente em sua época. O que interessa demonstrar é que trabalhar com comportamentos específicos para homens e mulheres, associados, muitas vezes, a condições biologizantes de suas identidades, como é o caso, da força física (maior no homem e menor na mulher) ou de comportamentos psicossociais inerentes a cada um, como é o da *mu-*

lher desinibida e o homem mais fechado, acaba por considerar demais alguns aspectos do homem ou na mulher e desconsiderar outros.

Motta (1998) em sua pesquisa com um grupo de idosas participantes da Legião Brasileira de Assistência – LBA denominou o termo "faceira", como sendo um modo particular de construção da identidade feminina que tenta escapar dos conceitos de "velha assexuada" ou de mulher submissa. Procura assim se eximir do biologismo, da dominação masculina e do universalismo opressor da mulher, atentando para a pluralidade de suas experiências, percebidas na "faceirice" de seus modos de vestir, ser, agir e falar. O termo "faceira" pode servir de instrumento de análise das "mulheres velhas", considerando a fronteira tênue que operam as diferenças entre as experiências do homem e da mulher na velhice.

A autora demonstra em sua pesquisa, uma exarcebação da feminilidade da mulher velha, não mais em suas curvas, mas nas cores de suas vestes, na leveza dos gestos, na entonação de sua voz e outros artifícios presente em mulheres de qualquer idade. Neste sentido, Debert (2009) atesta três modelos de estudos sobre a mulher idosa no Brasil: 1) sua dupla vulnerabilidade (enquanto mulher e enquanto idosa); 2) com maiores vantagens, considerando que já está mais acostumada do que o homem com as perdas e mudanças do corpo e, 3) a androginia³⁰, estudos sobre gênero nas ciências sociais que tiveram maior ênfase a partir dos anos 70, contrário aos estudos separados de homem e mulher.

³⁰ Estudos da Psicologia Social utilizam a ideia de androginia como Permutação de Gênero para designar a inversão dos papéis, masculino e feminino. É interessante perceber que permuta é um termo usado na biologia para designar mudanças como da larva para a borboleta.

Em relação aos estudos do homem idoso, Birman (2009) parte de uma perspectiva biopolítica de Foucault e demonstra uma “desorientação ontológica” do homem. Um deslocamento de um lugar fixo para um lugar não fixo, uma quebra hierárquica do lugar do homem ocupado deste o século XIX ao lado do lugar submisso da mulher voltado especificamente à maternidade e que a partir dos anos 60, se intensificando nas décadas seguintes, seguiu um percurso diferente. Muitas dessas mulheres que hoje se encontram na velhice, foram atuantes nos movimentos feministas e livres do imperativo da reprodução para ser/fazer uma outra coisa da ordem da escolha, desde a concepção de ter ou não filhos e as maiores possibilidades de inserção no trabalho. Esse posicionamento incomodou um dos meus entrevistados:

Eu fui casado 22 anos com a mãe das minhas filhas. Inicialmente nós fomos muito felizes aí ela começou ... ela tinha uma capacidade, uma simpatia, um poder de venda muito grande. E nós resolvemos, tava muito difícil lá a situação financeira, que ela iria trabalhar como representante comercial. Daí ela começou a desenvolver um trabalho tão importante que se achou por bem, que ela abrisse uma pequena fábrica de confecção feminina, tinha muito gosto! E aí uma pequena fábrica na garagem, se tornou uma grande fábrica e eu paralelamente no banco, também fazendo uma bela carreira, né? E aí começamos a competir um com o outro. E nesta competição realmente prejudicou o casamento ao ponto de a gente ir a Gramado um dia e resolver se separar e logo depois nós separamos, não é? E aí passei 2 anos sozinho, gravitando em torno da minha ex-mulher e filhas (...)até que eu encontrei uma criatura que me tirou daquela rotina. Eu precisava desesperadamente, porque o homem sozinho é uma porcaria! Ele não funciona, não funciona! (risinhos) eu tive uma babá pra cuidar de mim, por-

que a gente não sabe nem lavar a louça. – **David G. Excerto da entrevista.**

David G. demonstrou-se um pouco deslocado, tanto com a possibilidade de crescimento profissional da ex-mulher e conseqüentemente, após a separação com sua nova condição de solteiro para lidar com as funções domésticas, atestando *gravitar* em torno da ex-mulher até encontrar uma *babá* para cuidar dele.

Num segundo momento, para Birman (2009), o deslocamento masculino foi aumentando devido ao que ele chamou de *Revolução dos Gays*³¹, uma desconstrução e dissolução maciça do *falo* e, por conseguinte do patriarcalismo e dos papéis que já estavam sendo alterados na família.

Como contraponto, talvez possa servir alguns argumentos de Robert P. e Mick J. sobre suas opiniões a respeito dos *gays*:

Já tive grandes amigos veados! (...) nós morávamos na Bocaiúva e tínhamos 2 amigos, ela era casada com um amigo nosso e o irmão era veado. Um cara muito inteligente, professor de alemão e lecionava na Alemanha e aqui na universidade. (...) eles saíram da minha casa 8 e pouca da manhã. A noite inteira conversando. Fiquei maravilhado, porque realmente a gente gostava dos dois. Nunca tive nenhum preconceito contra veado! Pessoas boníssimas. – **Robert P. Excerto da entrevista**

Tava vendo no supermercado a capa da Veja desta semana, leu? Só no passante eu vi, mas era um garoto, rapaz de uns 20 anos, fazendo uma posição jovial e a chamada era assim: "a dificuldade de ser jovem e ser gay". Então é uma abordagem que é livre, é claro que tem os preconceitos, que

³¹ Entendida aqui como o avanço do movimento e das lutas empreendidas pelos homossexuais, iniciadas a partir dos anos 60.

tem muito a ser conquistado, principalmente neste patamar, mas é um assunto que é capa, exposto, você quer saber, vai e encontra a resposta! –
Mick J. Excertos da entrevista

Nessas exposições Robert P. e Mick J. se mostram, por assim dizer, simpáticos à causa, sentindo que suas masculinidades não foram afetadas pelos homossexuais, mas deve servir mais enquanto ilustração, já que deve-se considerar que tais opiniões foram emitidas num evento específico: o da entrevista.

Num terceiro momento, Birman (2009) sugere o deslocamento ocasionado pela *Revolução Transexual*, ou seja, na possibilidade de ser um outro corpo, facilitou a retirada do princípio de uma "certa identidade" masculina. Esses deslocamentos, segundo o autor, fazem parte de um conjunto radical de transformações sociais, que viabilizaram o surgimento dos discursos da reprodução social no lugar dos discursos de reprodução biológica.

Magalhães (1989) compartilha com Birman (2009) no que diz respeito a perda de um lugar fixo do homem, quando atesta um desajustamento masculino sofrido dentro e fora de casa. O primeiro por não ter sido preparado para o serviço doméstico e o segundo pela ruptura da aposentadoria. Magalhães (1989) acrescenta que "os homens são destinados basicamente à economia de mercado, funções políticas e econômicas, que só de maneira suplementar e minoritária a mulher tem exercido (...)" (p.74). Neste caso, a perda deste lugar dito fixo do homem, geralmente na saída do espaço público, é compartilhado pelos meus entrevistados:

Eu trabalhei a minha vida inteira, só com carteira assinada, foram 42 anos, tenho um currículo respeitável e não tive como usá-lo depois de velho! Ai eu queria trabalhar, queria ... eu cheguei a ser síndico aqui no edifício por 2 anos pra poder trabalhar! Eu queria trabalhar para não mofar.(...) quando eu cheguei aqui há 8 anos atrás, eu procurei emprego de todas as formas, não consegui, e não consegui por causa do meu currículo, ninguém me dava emprego. Eu queria trabalhar por qualquer dinheiro! Trabalhar inclusive meio expediente, só pra poder trabalhar e não me deram chance, inclusive gente que ajudei muito quando fui diretor de banco, ajudei muito o pessoal daqui, né? Mas me recusaram, não me deram chance, é uma cidade muito fechada, isso a gente sabe ... o pessoal que vem de fora sofre. – David G. Excerto da entrevista

Maior arrependimento que eu tive foi ter me aposentado, mas de certa forma, o próprio NETI veio cobrir essa lacuna, entende? Eu sempre trabalhei. Trabalhei 47 anos, de repente me aposentei, fiquei assim sem fazer nada! (...) Fazer um trabalho voluntário pra mim é um agora um GRANDE projeto (...) – Robert P.- Excerto da entrevista

No que quer dizer atividade que eu tenho ou que sempre tive uma relação mais de afinidade ou tivesse mais perto de um modelo, eu resolvo ... mas lavar roupa, por exemplo, neste modelo pra mim é complicado. Ainda não achei o timbre da máquina, a quantidade de sabão, o ritmo cíclico das roupas, mas como eu tenho essa liberdade, não é difícil de experimentar. - Mick J. Excerto da entrevista

Nas duas primeiras citações, a aposentadoria foi um elemento de desestabilização das identidades de meus entrevistados. No terceiro caso, embora haja em Mick J. uma afinidade com os serviços domésti-

cos, demonstra também alguma dificuldade em lidar com a máquina de lavar.

Não só a aposentadoria, mas a virilidade são centrais na imagem que o homem idoso faz de si, conforme Mucida (2009): "a identificação entre masculinidade, potência fálica, desempenho e poder pode acarretar na velhice uma associação entre envelhecimento e perda do desejo, com efeitos sobre a sexualidade, sobretudo com a aposentadoria". (p.49). O retorno do *status* do homem idoso à sociedade pode ser propiciada, no caso da aposentadoria, conforme Robert P., através do voluntariado e da participação num programa para a terceira idade. No caso da virilidade, conforme Birman (2009) esse retorno é bem mais problemático, pois o uso do *Viagra* pode "devolver" de certa forma sua condição viril, mas também ocasionar sérios riscos à saúde³², como as DST/AIDS e ataques cardíacos causados pelo uso abusivo deste medicamento. Além do mais, não é um elemento que possa, necessariamente, ajudar nas relações conjugais, já que homens mais velhos, optam, muitas vezes, em trocar suas esposas por companheiras mais jovens. Saliento que este não é o caso de meus entrevistados:

Eu tenho uma vida muito boa, graças a Deus, com a minha senhora, vivemos bem, até hoje, né? – Neil Y. **Excerto da entrevista.**

³² Devido maior mortalidade do homem, o Ministério da Saúde promulgou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem que visa qualificar a atenção à saúde desta população na perspectiva de linhas de cuidado que resguarдем a integralidade da atenção. Essa Política deve considerar a heterogeneidade das possibilidades de ser homem. Uma questão bastante apontada pelos homens para a não procura pelos serviços de atenção primária está ligada a sua posição de provedor. Alega-se que o horário do funcionamento dos serviços de saúde coincide com a carga horária de trabalho. (BRASIL, 2008).

(...) eu achei que era uma boa e realmente eu acertei em cheio por ter aceitado o convite da N.(sua esposa), aliás, é o grande amor da minha vida, já falei isso? – Robert P. Excerto da entrevista

O meu maior sonho é poder viajar, eu adoro viajar! E minha mulher também gosta, então a gente encontra uma felicidade muito grande viajando, muito grande! Somos dois grandes companheiros de viagem. - David G. Excerto da entrevista

Os estudos sobre a aposentadoria ou sexualidade, não podem ser pensados somente pela ótica do homem ou da mulher. Estudos centrados só em um ou em outro, reificam as diferenças biológicas. Estudá-los de forma única, como é o caso da androginia, pode estimular pensar um só tipo de velho, seja ele, homem ou mulher. Há uma tendência nas pesquisas de voltar-se para o *velho andrógino, assexuado*, uma dissolução das diferenças na idade avançada. Considera-se, sob esta perspectiva, que a mulher vai se masculinizando, por perder suas funções reprodutoras ou conforme citação de Beauvoir (1967:43): “(...) a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade, perde, jovem ainda o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade”. Ao homem, é atribuído uma certa feminização, dado pelos mesmos motivos demográficos de maior longevidade da mulher, mas, principalmente, pelos deslocamentos expostos por Birman (2009), como a dissolução do *falo*, a queda do patriarcalismo e um certo aumento de sua sensibilidade e/ou fragilidade.

Nas sociedades contemporâneas, especialmente a partir do século XX, marcada, como já visto, pela ideia do novo em contraposição ao

velho, o homem idoso vê-se despojado de sua identidade masculina, seja pela perda gradual da identidade de chefe no trabalho ou de chefe de família. Na área da Psicologia Social, especialmente de Papalia e Olds e Feldman (2009) e Mardegan (1993), a crise do homem da *meia-idade* se dá pelas pressões que o homem sofre por estar entre seus (as) filhos (as) – pertencentes às chamadas gerações X, Y e Z, que contam com uma maior liberdade, inclusive de transgredir regras impostas por seus pais – por outro lado, possuem dificuldades em cuidar de seus próprios pais com idade bem mais avançada do que a sua, uma imagem do que ele – homem na *meia-idade* – vai logo se tornar. Para esses autores (as), esse fenômeno é chamado de *Geração Sanduíche*. O homem perde o controle dos (as) filhos (as) e sente-se perdido no cuidado com seus pais, muitas vezes dependentes e frágeis, quando outrora foram fortes e saudáveis, tendo então que decidir se devem pô-los num asilo e/ou lidar com eles e com várias gerações vivendo sob o mesmo teto. Robert P. expõe essa situação vivida por ele:

Porque que eu quis fazer o Curso de Monitores da Ação Gerontológica? de certa forma foi um resgate que eu fiz em memória de meu pai. Porque meu pai morreu aos 84 anos com muita saúde, apenas ele fumava demais, não é? Chegava a fumar 6 maços por dia, era um cigarro atrás do outro. E eu não tive a paciência para entender que ele estava doente, não sei, se talvez não fosse Alzheimer, mas tava quase chegando a isso, não sei! Eu não tinha paciência, eu não entendia certas coisas, porque eu falava uma coisa com ele para não fazer, determinadas bobagens que ele fazia, por exemplo, saía do quarto ia fazer xixi na cozinha, entendeu? Então, ele terminava de fazer, dizia pra mim que não ia fazer mais e no mesmo instante ele fazia. Então eu não tive esta capaci-

dade de entender meu pai. (...) Meu filho e minha filha tem a vida deles, como é que eles vão cuidar da gente? A gente tem que ser racional. Eu acho que a gente recebe dos filhos o que a gente dá para os filhos. Eu tenho um filho que é uma maravilha! Minha filha a mesma coisa, mas nós sempre o tratamos como nossos amigos, entende? Não tem nada, nada que ele diga: “não posso pai”. A mesma coisa, com o maior prazer. Eu tô cozinhando aqui, por causa dele, não é por causa de mim, seria mais fácil comer ali (aponta para o restaurante da rua), entende? Então, a gente dá, a gente recebe. Sabemos que os pais não querem saber dos filhos pra nada! Ai chega velhice e começam a reclamar dos filhos? – Robert P. Excerto da entrevista.

Para Robert P. participar de um dos cursos oferecidos pelo NETI, possibilitou - ainda que seu pai não estivesse mais vivo -, resgatar a sua memória. E mais, cuidar de seu filho e de sua filha, na garantia de que possa ter um reconhecimento maior deles do que ele próprio foi capaz com o seu pai.

3.3. Aposentadoria como Rito de Passagem

"Ao pensar nos *baby boomers* entrando na idade da aposentadoria, em vez de imaginar o Vovô devemos ver Paul McCartney, Mick Jagger ou Keith Richards aposentados". (SHEEHY, 2002:240)

A aposentadoria e as pressões sofridas pelos homens nesta transição têm sido foco de estudo na Antropologia, no contexto dos rituais de passagem. Estes podem servir para pensar a aposentadoria, por esta apresentar características de passagem de um estado para outro.

Van Gennep (1960) comporta três fases no ritual de passagem: separação (afastamento do indivíduo e/ou grupo de um ponto fixo

anterior na estrutura social); marginalização (fase limiar, intermediária, condição do ‘transitante’). Aqui, as características do sujeito são ambíguas, permeiam entre o passado e o futuro; e (re) agregação ou (re) incorporação: sujeito ritual individual e/ou coletivo que retorna a um estado de ordem, não necessariamente a mesma ordem anterior. É a concretização da passagem para um estado relativamente estável. Turner *in* Dawsey (2005) inclui mais uma classificação neste esquema de Van Gennep (1960). Estabelece a partir do modelo anterior, uma maior classificação dos Ritos de Passagem:

1. Ruptura;
2. Crise³³ e Intensificação da Crise;
3. Ação Reparadora;
4. Desfecho (que pode levar à harmonia ou cisão social).

Turner interessa-se particularmente pelos momentos de suspensão de papéis, no período liminar, ou ‘meta-teatro’ da vida social. Para ele, são nos momentos de suspensão das relações cotidianas que é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas. É por isso que ele intensifica o esquema de Van Gennep (1960), especialmente no momento de liminaridade, no qual ocorre a Crise e Intensificação da Crise (ocasionada pela ruptura) e a Ação Reparadora, antecessora do desfecho, para uma outra condição de ser/estar. Os eventos rituais assumem um caráter de restaurador das ‘crises’ sociais,

³³ É importante pensar crise no sentido exposto por Mardegan (1993). O autor prefere o uso da palavra crise usada como ritual de passagem das fases do ciclo da vida, como tantos que passamos entre a infância e a adolescência, a adolescência e a fase adulta, a fase adulta e a meia-idade e esta com a velhice. E não no sentido de crise como depressão em função das crises econômicas sofridas no último século.

tanto pelo possível retorno à ordem anterior, como por outro tipo de ordem. É neste sentido que a aposentadoria, enquanto fase liminar, de ruptura, denota uma condição em que o (a) aposentado (a) sai de uma situação dita estável (o trabalho) e se insere numa fase de indecisão: a de permanecer num estado de aposentadoria, enquanto descanso, a de se envolver em outros projetos ou permanecer no mesmo estado.

Santos (1990) *apud* Cunha et al.(2004) demonstra diferentes comportamentos em relação à aposentadoria: aposentadoria liberdade (tempo disponível para realizar atividades até então limitadas); aposentadoria lazer (tempo para viajar e realizar outras atividades de lazer); aposentadoria repouso (desejo de descansar); aposentadoria assistência (tempo para ajudar os outros, envolvendo-se em atividades voluntárias) e aposentadoria sobrevivência (renda insuficiente pode ocasionar dúvida entre buscar uma nova ocupação ou resignar-se com a situação atual). O autor reitera que tais comportamentos não seguem uma ordem linear, podendo ocorrer num mesmo indivíduo, concomitantemente, tal qual Weber já apontou.

O estudo dos ritos de passagem pode auxiliar a pensar sobre este momento de transição do indivíduo, no sentido de previsibilidade frente às novas situações e de preparo para um novo reestabelecimento, seja ele qual for: de descanso, viagens, novos projetos, voluntariado. Os programas de preparação para aposentadoria (PPA) podem colaborar nesta fase de liminaridade, conforme nos aponta Silva³⁴ (2007):

³⁴ Helena Bertho da Silva tem mais de 80 anos, é educadora, assistente social, aposentada pelo Instituto Nacional de Previdência Social, com pós-graduação em Recursos Humanos pela PUC/RJ e em Supervisão de Alunos de Serviço Social pela UFRJ. Atualmente presta consultoria a empresas públicas e privadas em programas de responsabilidade social. O foco de

"O PPA possibilita àqueles que contribuíram com o melhor de suas vidas um preparo para não desanimarem com as perdas inevitáveis decorrentes do desengajamento da força de trabalho, que são: a diminuição do salário, perda da identidade organizacional, tão valorizada na nossa cultura; o status, conforme o cargo ocupado na empresa, conferido pela sociedade em forma de prestígio e; finalmente, a perda do convívio afetivo com os colegas de trabalho (...). No campo social, a contribuição do PPA abre horizontes, favorece a criatividade, o diálogo com o mundo fora da empresa, ajuda a mudar paradigmas, possibilitando assim exercitar a liberdade. No meu entender, o momento da aposentadoria é um espaço para o exercício da liberdade". (SILVA, 2007:15)

A aposentadoria vista sob a ótica dos ritos, pode representar um momento de reflexão na fase que parte da ruptura, passa pela crise, se intensifica e tem um desfecho. Este desfecho vai depender de vários fatores, dentre eles, o grau de intensidade da identificação que o indivíduo tem no trabalho, suas relações familiares, redes sociais, aspectos biopsicosociais, fatores esses que podem ser trabalhados pelos PPA.

3.4. Movimento de aposentados *versus* Grupos para a Terceira Idade

Porque homem não quer nada! Mas eu acho que é o machismo. Eu conheço muita gente, teve um caso aqui inclusive, o marido tá desempregado, a mulher tá fazendo

sua atuação é a formação de multiplicadores em programas de preparação para aposentadoria, projetos de promoção social para aposentados e educadores comunitários. (SILVA, 2007). Os programas de preparação dos trabalhadores para a aposentadoria é previsto no Cap. VI, parágrafo II na Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso: "o poder público criará e estimulará programas de preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de 1 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania".

faxina, ele tá procurando emprego? Não, tá soltando pipa! Ou então tá carregando a gaiolinha do curió (...).
Robert P. Excerto da entrevista.

Mas a aposentadoria também é estudada no campo do gênero e envelhecimento, especialmente das associações e movimentos de aposentados, com maior número de homens e, nos grupos de convivência, de lazer e programas para a terceira idade, majoritariamente freqüentado por mulheres.

Ressalto que a aposentadoria é um assunto recente em se tratando dos estudos do envelhecimento. No Brasil, a Previdência Social foi implantada a partir da Lei Eloy Chaves de 1923, onde foi criado inicialmente as caixas de aposentadoria e pensão para empresas ferroviárias. Mannheim (1998), por exemplo, não se preocupou com a aposentadoria, a preocupação na época era muito mais biológica, de falta de vacinas, de como se fazer para viver mais. Nas palavras de Bobbio (1997) o programa da medicina nem tanto faz viver mais, mas impede de morrer. Agora que já conseguimos aumentar a expectativa de vida, resta saber o que fazer com todos esses anos a mais? Na palestra de Ribeiro, proferida no Seminário Envelhecimento Masculino no SESC de São Paulo em 2009, ele indaga: "quantos anos a sociedade pode agüentar viver de aposentadoria?", pois para o palestrante, o problema não é o trabalho em si, mas a identidade que é construída a partir da vinculação do sujeito à quantidade de horas trabalhadas numa dada profissão em que o lazer e o entretenimento são postos à margem, daí o preconceito dos aposentados em relação ao ócio, ao lazer.

3.4.1. "Somos a maior categoria do país"

O desprezo por atividades não ligadas ao trabalho, na concepção oposta ao lazer, voltadas ao entretenimento, é uma característica dos aposentados engajados em sindicatos e associações. A frase, título deste tópico, foi proferida pelo ex-presidente da Associação dos Aposentados Metalúrgicos de Campinas, eleito no período entre 1992 a 1995. Sua citação diz respeito ao número de associados que na sua presidência passou de 200 para mais de 11 mil associados. Simões (2007) traça, a partir disso, o histórico de luta dos movimentos dos aposentados e pensionistas pela Previdência.

A partir de 1974, com o surgimento das duas pastas no Ministério do Trabalho: o Ministério da Previdência e a Assistência Social, os sindicatos foram perdendo espaço e poder e as questões salariais ficaram *à mercê* do descaso. O autor distingue três momentos das novas associações surgidas após este enfraquecimento. O primeiro ocorre no início dos anos 80 com várias ações judiciais contra as ilegalidades da Previdência Social. A segunda fase corresponde, para o autor, à movimentação em torno da eleição do Congresso Constituinte na elaboração do capítulo constitucional relativo à seguridade social. Várias associações de aposentados e pensionistas conseguiram introduzir representantes para a Reestruturação da Previdência Social, mobilizando mais de 600 associações de base Cobap (Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas). A terceira fase, diz respeito à mobilização dos 147%, conhecida pela *Revolta dos Velhinhos*. Foi exposta por Simões (2007) e resumi da seguinte forma:

Em setembro de 1991, quando o salário mínimo recebeu um aumento de 147,06%, os benefícios da Previdência Social só foram reajustados em 54,6%. Houve várias ações contra o governo e em novembro deste mesmo ano, a justiça de Brasília concedeu a primeira liminar para o pagamento imediato dos 147, 06%. (...) entre idas e vindas de suspensões de liminares, somente a partir de agosto de 1992, é que os aposentados acabaram recebendo a quantia reivindicada.

Para este autor, no período de protestos na mobilização dos 147%, a imagem dos velhos enfurecidos nas filas contrastava com o "jovem autoritário" no governo. Vários aposentados neste período saíram às ruas em várias capitais, fazendo passeatas, freqüentemente sob aplausos da população. Simões (2007:28) traz a citação de um alto funcionário do INSS, após a morte de um aposentado por ter ficado várias horas numa fila de banco no Rio de Janeiro: "a culpa é dos próprios aposentados, que querem ir todos ao mesmo tempo ver a cor do dinheiro; são velhos, doentes e estressados". Segundo Debert (1994), a luta em torno dos 147%, transformou as associações em prestadoras de um serviço assistencial, espaços coletivos em que mudanças globais podem ser direcionadas por aqueles de mais idade.

Simões (2007) apresenta uma heterogeneidade no interior destas associações: as corporativistas que oferecem aposentadoria complementar e outros benefícios, como o Banco do Brasil; as sindicais específicas de determinada categoria, que não tem sede própria, reunindo-se em espaços cedidos pelos sindicatos, como a Associação dos Metalúrgicos Aposentados de Campinas; as associações ecléticas que reúnem diferentes categorias, mantendo relações com vários sindicatos, ocupações

e profissões que abarcam e; as associações nascidas de interesses políticos, geralmente inoperantes e com tempo de vida curto.

No que diz respeito às rupturas entre essas associações e no interior delas, o autor comenta que as novas formas de socialização profissional ocorridas desde os anos de 1960, culminaram em novas fronteiras simbólicas entre trabalhadores "velhos" e "novos", ocorrendo conflitos entre as gerações trabalhistas, bem como as próprias disputas entre partidos e ideologias. Porém, apesar das várias críticas aos aposentados ditos mais jovens, há uma maior abertura destes. Os aposentados mais velhos, geralmente ex-ativistas militares, insistem em sua autodenominação como "a maior categoria do país", contrapondo-se a qualquer outra iniciativa e, por conseguinte, aos programas de terceira idade, considerados por eles como um "descanso", uma "diversão", simplesmente uma atividade de lazer e ócio, um local onde a luta pelos direitos dos idosos seria ausente.

Debert (1994) atesta que a luta pela redistribuição da riqueza e dos direitos do cidadão, mobiliza, sobretudo um público masculino, enquanto a luta por mudanças culturais mais amplas (a dos movimentos sociais) mobiliza um público feminino. (p.39). Se por parte das associações e movimentos dos aposentados há um desprezo pelos programas, também há a contrapartida, "não é raro mulheres que participam dos programas e que tem interesse por questões políticas, acusarem o machismo presente no movimento dos aposentados, posto que neles, as mulheres não tem voz". (DEBERT, 1994:47)

Para esta autora, os programas oferecidos pelas universidades abertas para a terceira e pelo SESC, constituem espaços de luta contra os estereótipos e preconceitos da velhice e do envelhecimento, tanto quanto nas associações. Nos programas e nas associações, redefinem-se formas de sociabilidade e de estilos de vida para as mulheres e homens que buscam formas de viver a velhice. Nas associações de aposentados, os homens de mais idade conquistaram um espaço histórico coletivo de luta, de repensar o futuro do país. E, nos programas, as mulheres experienciam novas descobertas ou um retorno às atividades intelectuais e acadêmicas, deixadas de lado quando casaram, por exemplo. Debert (2009) atesta que não se trata de competir, mas ambos segmentos – associações e programas - são semelhantes à medida que produzem uma nova identidade e suscitam discussões sobre a velhice.

Embora a maioria dos (as) autores (as) apontem maior participação de mulheres nos programas e esse dado seja visível nos congressos, seminários e nas universidades para a terceira idade, há um exponencial crescimento do público masculino. Segundo informações obtidas com uma das professoras fundadoras do NETI, no início do funcionamento do núcleo, havia um grande número de homens participantes, não chegava a ser maioria do núcleo, mas a participação era significativa. Não é que eles não queiram participar, conforme expõe David G.:

E realmente eu acho que o NETI tinha que desenvolver uma área onde o homem pudesse se interessar mais, tipo algo assim, dar palestras, dentro desta linha, compreende? Que o homem se sentisse importante, porque ele chega lá, vê aquele bando de mulher, a maior parte desiste no começo, se assusta! Diz: "isso aqui é pra mulher!". – David G. Excerto da entrevista.

No X Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior - IES, realizado em 2007 na cidade de Caxias do Sul/RS, presenciei a aprovação em plenária, do aprimoramento de estratégias para maior inserção de homens nos projetos e programas institucionais, evidenciando futuras mudanças nos quadros disciplinares das universidades abertas para a terceira idade. (vide anexo 6)

CAPITULO II

4. METODOLOGIA DE ESTUDO

4.1. NETI: um programa para pessoas da terceira idade

A partir do modelo da *Université du Troisième Age* (UTA) criada em 1973 na França, outras universidades abertas para a terceira idade se intensificaram. Primeiramente na Europa, depois na América e num grande número de países, abrindo espaço também para a integração e pesquisas na área do estudo do processo de envelhecimento, a gerontologia. (CACHIONI, 2003)

A partir de 1980 essas universidades intensificaram em adaptar seu currículo na melhoria do processo de socialização, na educação permanente e nas oportunidades do exercício contínuo da cidadania. Segundo Cachioni (2003), começaram a elaborar uma programação baseada em três eixos: participação, autonomia e integração.

A experiência de universidade para a terceira idade na América Latina iniciou no Uruguai contemplando o modelo de Genebra/Suíça. A proposta do Uruguai é transcrita no livro de Alondra B. de Algazi, “Tercera Edad: un desafio” (1983), conceituando o termo “cidade educativa”, entendida como o diálogo intenso da educação com o homem em todas as etapas da vida, como um ser inacabado que renasce sempre a cada conhecimento adquirido. O programa do Uruguai se pauta nas ressignificações e no protagonismo do (a) idoso (a) como uma experiência viva, conforme citação:

"El Aula Universitaria de la Tercera Edad de la que hablamos responde em los hechos absolutamente a una experiencia viva, real, en la que gente adulta de nuestro tiempo recupera su significación y se afirma para asumir otra vez rol protagónico en la familia y em el círculo nuevo de amigos que el Aula promueve". (ALGAZI, 1983:6)

O Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina – NETI/UFSC, funcionando numa Instituição de Ensino Superior, foi criado em 1982 e é o pioneiro em programas para idosos (as) no Brasil, no caráter do ensino, pesquisa e extensão. Sua criação teve à frente a Doutora em Enfermagem Lúcia Hisako Takase Gonçalves e a Assistente Social Neusa Mendes Guedes (*in memorian*). As atividades desenvolvidas no NETI pautam-se na elaboração, socialização e ampliação dos conhecimentos, estabelecendo o resgate do papel do (a) idoso (a) na sociedade brasileira.

Seus princípios se reconhecem na visão do homem enquanto ser histórico que se realiza no mundo e na valorização de que o homem tem

a possibilidade de aprender durante toda a sua existência, reconhecendo seu potencial e engajamento responsável na sociedade. Suas principais concepções básicas é a compreensão de um mundo complexo e dinâmico que vê na educação permanente um instrumento capaz de uma eterna construção da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões.

Os objetivos são o de ampliar e sistematizar o conhecimento da Gerontologia, formar recursos humanos nos diversos níveis, manter atividades interdisciplinares de ensino, pesquisa e extensão, divulgar e desenvolver ações institucionais e interinstitucionais, assessorar entidades na organização de programas de valorização do (a) idoso (a) e oferecer subsídios para uma política de resgate da pessoa idosa na sociedade brasileira.

Como missão, o núcleo se propõe a: redescobrir, recriar de forma integrada, sistematizar e socializar o conhecimento da Gerontologia, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão para inserir e promover as pessoas da terceira idade, no meio acadêmico e comunitário, como sujeitos em transformação e transformadores.³⁵

O NETI oferece um total de 25 (vinte e cinco atividades), sendo 01 (um) Curso de Especialização em Gerontologia, *lato sensu*, voltado para profissionais graduados de qualquer idade interessados na área; 06 (seis) cursos: Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica - CFMAG, desenvolvido em seis semestres, Curso Os Avós na Universidade, duração de três semestres, Cinedebate em Gerontologia I e II, duração de dois semestres cada, Curso Contadores de História,

³⁵ Folheto de divulgação do NETI. Florianópolis, 2007 e Atividades do NETI. Disponível em: <<http://www.neti.ufsc.br>>. Acesso em 16 jan 2011.

duração de dois semestres, Curso de Leitura e Escrita Para Pessoas Idosas e Adultas, com duração de um semestre e Empreendedorismo na Terceira Idade. 05 (cinco) cursos de línguas: Inglês, Espanhol, Italiano, Francês e Esperanto, todos com duração de um semestre cada nível, do básico ao intermediário; 01(um) grupo de apoio psicológico: Grupo de Encontro com duração de dois semestres; 04 (quatro) oficinas: Oficina de Auto Conhecimento, com duração de dois semestres; Oficina de Inclusão Digital, com duração de um semestre³⁶; Oficina de Teatro para Idosos e Oficina Otimização da Memória e, 8 (oito) projetos/grupos permanentes: Projeto Intercâmbio Comunitário em Gerontologia, Projeto Grupo de Apoio aos Familiares de Portadores da Doença de Alzheimer, Projeto Resgate Histórico do NETI, Projeto Ressignificando a Arte no Envelhecer (projeto que a pesquisadora deste trabalho atua), Projeto Grupo de Apoio aos Portadores da Doença de Parkinson, Grupo de Apoio à Longevidade – GAL; Grupo de Estudo Sobre Memória e Grupo de Convivência 5 de Maio, este último o pioneiro do núcleo.

As entidades organizadas pelos (as) alunos (as) e ex-alunos (as) são conseqüências da importância das atividades oferecidas pelo NETI, do envolvimento por parte dos estudantes e de extrema significância para a continuidade do trabalho iniciado pelos cursos, grupos, oficinas e projetos do núcleo. São elas: Associação de Monitores da Ação Gerontológica – AMAG; Centro de Estudantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade – CENETI; Grupo de Artesãos;

³⁶ Devido a grande procura pela oficina de Inclusão Digital, o nº limitado de computadores disponíveis e a preocupação com um ensino de qualidade, a coordenação do NETI optou por privilegiar as pessoas idosas com idade a partir dos 60 anos, contrário aos demais cursos com entrada permitida a partir dos 50 anos.

Grupo A Hora da História, Grupo Teatral Chão de Estrelas e Grupo de Canto Vozes da Ilha. (NETI, 2010).

4.2. Perfil dos entrevistados, cenário e *clima* da entrevista (*o não-dito*)

Com o intuito de preservar a identidade dos meus entrevistados, utilizarei ao longo do trabalho, pseudônimos de nomes de personalidades do *rock*. Por se tratar de um trabalho público, os pseudônimos serão somente nomes iniciais e não seus nomes completos: Mick J., Robert P., David G., Neil Y, e Jeff B; em uma alusão aos ícones Mick Jagger, Robert Plant, David Gilmore, Neil Young e Jeff Beck.

A escolha por estes pseudônimos é meramente ilustrativa, embora estes nomes sugiram um distanciamento entre ser *homem com mais de 60 anos* e *ser velho*, conforme muito bem lembrado por um dos meus entrevistados, a quem denomino de Mick J.:

A gente tava vendo aqui um vídeo de um cara que já tem 70 anos (referente um clip dos Rolling Stones), e que tem uma semiótica, uma história, uma experiência que nenhum cara de 30, vamos falar em quase na metade, tem! Não se pode falar que ele é velho, como vai falar? Você não consegue nem falar Sr. Mike Jager ou Sr. Caetano Veloso, talvez na intimidade do lar a secretária dele, assim, por algum motivo, não chama de Seu Caetano? Ele deve se ofender, não dá certo! (risos).- Mick J. Excerto da entrevista

Mick J. – Tem 60 anos, nasceu em Belo Horizonte e é bacharel em Design. É casado, passando atualmente por um tempo *solo*. Tem um filho de 27 anos e uma filha de 20 que mora com ele. Seu pai era de Tiradentes/MG e, segundo ele, *a família tinha uma relação muito funcionalista*. Sua mãe era de Barbacena/MG, a mais nova de um núcleo de doze ou treze irmãos. A família da mãe era ligada ao Movimento Modernista de Minas, o pai e os irmãos da mãe, eram artistas, pintores, arquitetos, o que, segundo ele, acabou dando *um certo glamour* à família. Teve três irmãs e um irmão, com quem diz não ter muito contato. Morou e trabalhou como design em vários lugares como Brasília e por último em Florianópolis, onde reside há mais de 20 anos. Foi professor universitário e atualmente continua trabalhando na profissão de designer.

O primeiro contato para a entrevista se deu por email. Quando o avisei que para poder entrevistá-lo precisava saber sua idade, perguntou se era uma afirmação *sutil* e que, de acordo com meu *feeling*, “eu que respondesse”. As trocas de emails com ele acerca da entrevista foram sempre permeadas de bom humor, brincando com a sua nova condição de *ser idoso*.

A entrevista ocorreu no dia 09 de junho em seu apartamento, numa sala espaçosa, conforme ele com uma *relação de liberdade (...) as coisas arejadas, de certa forma coloridas, leves, porque isso dá uma sensação de que pode-se ir e vir, em qualquer sentido*. Durante a entrevista, ficamos assistindo (sem o som por causa do gravador) o *clip*

dos Rolling Stones. Ao final, passou um café, tomamos e nos despedimos.

Robert P. - Tem 76 anos. Nasceu em Favaíos, vilarejo de Portugal. Com dois anos foi morar no Rio de Janeiro/RJ e depois de se aposentar como representante comercial veio morar em Florianópolis. É técnico em contabilidade e fez vários cursinhos na área. É casado fora do âmbito jurídico e diz ser muito apaixonado pela companheira, uma bancária aposentada, com que vive há 38 anos. Possuem um filho que mora com eles e uma filha que reside em Valinhos/SP com o respectivo marido e filha pequena. O avô paterno, também português, morou em meados de 1900 no Rio de Janeiro/RJ, depois, segundo ele, *quebrou e voltou* com a sua avó para Portugal em 1919. O pai retornou ao Brasil com a família por volta de 1936. Segundo Robert P. quando era pequeno, seus *pais eram muito pobres. O pai não tinha instrução, trabalhava em dois empregos, um durante o dia como vendedor num laboratório pequeno (...) e a noite entregava embrulhos.* Conforme dito na entrevista, o pai era muito *mulherengo* e fumava muito. Morreu aos 84 anos, ele acredita que tinha Alzheimer, mas não tem certeza: *(...) não tive a paciência para entender que ele estava doente, não sei, se talvez não fosse Alzheimer, mas tava quase chegando a isso, não sei!* Atribui à companheira o papel de cuidadora, não só de seu pai, mas de toda a família. Diz ter sempre se dado muito bem com suas duas irmãs mais velhas que ele e o irmão mais novo. Atualmente ele é contador de histórias do NETI, pertencente ao grupo criado por ele em 2004, “A Hora da História”.

Numa das vezes em que nos encontramos para discutir os assuntos do Projeto do NETI, falamos sobre a entrevista e discutimos local, data e horário. O evento se deu em duas partes, no dia 18 de maio e na semana seguinte. Devido ser a primeira das entrevistas, tive problemas com o gravador. Como conhecia bem o entrevistado, essa falha não trouxe grandes problemas, pois ele entendeu minha dificuldade, sem nenhuma objeção em continuarmos outro dia.

Fui muito bem recebida em ambas as ocasiões e Robert P. foi sempre disposto a conversar e contar suas histórias. O evento ocorreu numa salinha de computador, entremeando com o apoio que lhe dava no uso do micro para as atividades do seu Grupo. Ao final dos dois dias de entrevista, ele me serviu uma salada de frutas feita por ele, depois voltei pra casa com uma sacola cheia delas para que pudesse fazer “a minha própria salada”, assim disse ele.

David G. – Carioca de 76 anos, se aposentou em Porto Alegre/RS e veio para Florianópolis em busca, inicialmente, de sossego. É separado da mãe de suas três filhas e vive com a atual companheira há 18 anos. Uma filha faleceu quando era bebê e a outra, há pouco tempo: *Eu tive 3 filhas, perdi 2, tenho uma filha, a que faleceu me deixou 2 netos e a viva tem 3 netos, a Le, chamo de Le, tem 2 filhos homens e que nos deram 2 netos já, então são 7 netinhos e total 3 filhos.* A avó materna era austríaca: (...) *gorda, usava aventalzinho engomado! tudo branquinho, né? (...) eu amarrava ela na cadeira com o avental* (risos), *foi uma grande avó.* Das origens do pai e da mãe ele não falou, mas ressaltou sempre que a mãe *era um tipo incrível (...) inesquecível, sabe?* Faleceu

de câncer aos 60 anos. O pai era um *tipo sisudo, sério*, mas diz ter sido seu melhor amigo. Da mãe diz ter herdado a extroversão e, do pai a correção. Irmão só teve um, com quem nunca se deu bem: (...) *tentamos diversas vezes ser amigos, mas não houve condição (...) já é falecido (...) nós ficamos muito afastados, é uma pena.*

É formado em Economia e Direito com pós-graduação na Suíça. Trabalhou como bancário e como piloto de avião. Este é apontado como uma de suas grandes frustrações: deixar de pilotar por problemas de audição. Atualmente é contador de histórias no Grupo de Robert P. e membro do *Rotary Club*.

Como já trocávamos emails, indaguei-o sobre a proposta da entrevista. Ele aceitou de imediato e após alguns contratempos na data, ela ocorreu no dia 08 de junho e, ao contrário das demais, no período matutino. O evento se deu num dos cômodos de seu apartamento de frente para a Beira Mar. Foi uma das entrevistas mais curtas, mas nem por isso, menos proveitosa. Ao final da entrevista ele me mostrou emocionado um álbum de família que recebeu de presente de seus enteados. Sua companheira, uma pedagoga aposentada, surgiu na sala e na conversa sobre meu TCC, ela disse: *"acho que mais importante do que a experiência, é a inexperiência, pois é ela que permite sempre buscar mais"*. Essa frase me causou surpresa, até então falava sobre a importância que atribuía no reconhecimento da experiência, um atributo dos mais velhos. Ela explicou que é necessário um toque de inexperiência, um não-saber o que fazer em determinadas situações, a fim de se ter a oportunidade de errar e aprender com os erros. Chegamos

a conclusão que nem só a experiência, nem só a inexperiência, mas um como complementar do outro.

Neil Y. – É natural da Ilha de Santa Catarina e tem 67 anos. Casado há 41 anos, tem quatro filhos casados e três netos. Filho único, não conheceu o pai. Passou sua infância trabalhando com a mãe, tios, tias e primos no engenho do avô, localizado no Saco Grande em Florianópolis. Após a morte do avô, a família se dividiu e ele com a mãe foram trabalhar em várias casas como cortador de grama e empregada doméstica, respectivamente. Com o tempo ele foi contratado como empregado da família *Busch* até adquirir a sua aposentadoria. Antes mesmo de se aposentar, abriu um armazém junto com o filho mais velho e a esposa. Após a aposentadoria, o armazém fechou devido a concorrência dos grandes supermercados da região. Com a venda, distribuiu o dinheiro entre os filhos e aluga alguns imóveis.

Atualmente ele participa de várias atividades na UFSC: Curso de Contadores de História, Curso de Leitura e Escrita e Grupo de Canto Vozes da Ilha oferecidos pelo NETI; Projeto de Extensão Atividade Física e Dança Folclórica para Terceira Idade, musculação e corrida promovidas pelo Centro de Desportos e, aulas de violão oferecidas pelo Departamento Artístico Cultural - DAC.

Por estar sempre transitando pelos espaços do NETI, não foi difícil abordá-lo sobre a entrevista. Difícil foi conseguir marcar um horário que não atrapalhasse as suas atividades. Após acharmos uma *brecha* no seu calendário, optamos por fazer a entrevista em dois dias numa sala do NETI. No primeiro dia ele se mostrou um pouco relutante

e *desconfiado*, com a pasta da aula no colo perguntava: *Já são seis horas, moça?* Na segunda sessão, as respostas foram muito mais fluídas e menos “prontas”, padronizadas. Uma puxava a outra e quase não era mais preciso perguntar, já que as respostas foram se diluindo em pequenas histórias.

J. Beck – Mineiro como Mick J. tem 70 anos. Engenheiro Eletricista de formação, trabalhou como bancário e assessor político. É separado há alguns anos e tem 4 filhos que moram em Campo Grande/MS, Cuiabá/MT, Novo Hamburgo/RS e Florianópolis/SC. Mora sozinho *ainda que* a filha more no mesmo prédio. Nasceu em uma fazenda no interior de Minas Gerais onde viveu até os doze anos, mas não possui muitas recordações. Conta que se dava melhor com a mãe, esta era *conversadeira e alegre* e o pai *não sabia lidar com gente mais nova*. Teve quatorze irmãos, sete homens e sete mulheres. As irmãs mais velhas cuidavam dos irmãos mais novos.

Enquanto estudante participou dos movimentos estudantis na época da Ditadura e como bancário sempre participou do Sindicato. Veio para Florianópolis transferido de uma empresa carioca e, quando se aposentou em 1992, prosseguiu trabalhando com assessoria política. No NETI, participa desde 2001 do Grupo de Apoio ao Portador da Doença de Parkinson.

Num dado dia depois da reunião do Grupo de Parkinson, abordei J. Beck e perguntei se ele aceitava ser entrevistado. De todos os entrevistados, ele era o único que tive pouco contato, embora sempre o visse vez ou outra. Isso causou um pouco de tensão de minha parte,

principalmente porque não havia lidado com um parkisoniano antes: se teria dificuldades na gravação, se ele se sentiria bem em falar sobre determinados assuntos, se não estaria, enfim, invadindo sua privacidade. Como ele aceitou com um sorriso, marcamos a data e a entrevista ocorreu numa das salas do NETI.

No início J. Beck falava baixo, seus olhos eram tímidos e o tremor propiciado pelo Parkinson estava um pouco acentuado. No decorrer da conversa, quando falava sobre os dias em que ele havia militado contra a Ditadura, seu rosto mudou: os olhos brilharam, a voz tinha aumentado e sua expressão ganhou força, esboçada por alguns sorrisos e pela busca das lembranças dos tempos de luta política e, o mais surpreendente, seu tremor diminuía muito.

4.3. Dificuldades da Pesquisa

Após a qualificação do projeto no dia 29 de março de 2010, submeti-o ao parecer do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (vide apêndice 2) no dia 13 de abril, de modo só poder realizar as entrevistas após a aprovação do projeto. Dessa forma iniciei-as no dia 18 de maio, pois mesmo já tendo sido aprovado no Comitê, precisava negociar data, horário e local com meus entrevistados. A última entrevista foi realizada no dia 23 de agosto de 2010.

As entrevistas que foram realizadas em dois dias, exigiram um esforço maior devido um segundo deslocamento e transcrições mais longas. Com Robert P. foram duas horas no primeiro dia e três horas no segundo, totalizando vinte e cinco horas de transcrição. Com as

entrevistas ocorridas num só dia, as transcrições duraram de nove a doze horas.

Existiu uma sexta entrevista não utilizada neste trabalho. O entrevistado informou ter 56 anos, fato que passou despercebido durante a gravação. Ao transcrever dei-me conta de que, conforme sugestão das professoras da Banca de Qualificação, meus entrevistados deveriam ter no mínimo 60 anos, idade que no Brasil é legalmente um (a) idoso (a). Assim, tive que descartar essa entrevista. Recentemente, soube a verdadeira idade deste entrevistado: 65 anos. Achei graça, pois como tantas vezes já aconteceu com etnógrafos e entrevistadores, meu entrevistado *me pregou uma peça*. [Nada tão surpreendente, uma vez ele ser graduado em Artes Cênicas].

O longo espaço entre a primeira e a última entrevista (18 de maio – 23 de agosto) se deu pelo tempo dispensado em cuidados ao meu avô, na época acamado e com perdas gradativas de suas capacidades motoras e cognitivas e, conseqüentemente, pelo meu desgaste psicológico com sua perda ocorrida no dia 14 de setembro de 2010. A demora da redação do trabalho se deu pelo tempo gasto com as transcrições e pela minha inexperiência em transcrever.

Pela duração das entrevistas, transcrições e da própria escrita do trabalho, não foi possível dar continuidade à análise das obras: "Os Meus Demônios" (1995), "Norbert Elias por ele mesmo" (2001) e "O Tempo da Memória: de senectude e outros escritos autobiográficos" (1997), dos autores Edgar Morin, Norbert Elias e Norberto Bobbio, respectivamente, conforme havia proposto no projeto. Decidi,

juntamente com minha orientadora, analisar somente as entrevistas, pois já era um bom material de trabalho, deixando a análise das obras para outra oportunidade.

4.4. Facilidades da Pesquisa:

A escolha por esses estudantes e participantes do NETI se deu pela minha inserção, enquanto bolsista de extensão e estagiária. Desde 2007 acompanho as atividades desenvolvidas no núcleo, interagindo com os sujeitos, tecendo junto com eles a construção de eventos dentro e fora dos espaços da UFSC, como aulas, festas, comemorações, formaturas, exposições, festivais, entre outros, constituindo-se numa imersão no cotidiano deles. E foi se valendo desta imersão que optei pela entrevista, pulando a primeira etapa, a de acessar uma relação de afinidade, tão importante entre entrevistadora/entrevistados.

4.5. A experiência da entrevista

O critério de escolha pelos entrevistados se deu por pertencerem ao gênero masculino, constituírem-se nas faixas etárias entre os 60 aos 79 anos (contribuindo na possível variabilidade dos discursos) e pela construção da interação sócio-afetiva existente entre pesquisadora e pesquisados.

As entrevistas foram qualitativas e temáticas, conforme sugestão da Banca de Qualificação. De acordo com Briggs (1986) o uso da entrevista como ferramenta parte sempre de um objetivo e de uma metodologia escolhida pelo (a) pesquisador (a). Este (a) impõe uma visão sua, entendida como o direcionamento dado pelo (a) entrevistador

(a) à entrevista. Enquanto evento comunicativo diferencia-se de uma conversa cotidiana, pois aprisiona o *dito* (as respostas em si) e o *não-dito* (gestos, comportamentos, ênfase na voz, desvio do olhar, nervosismo, etc.) no tempo e espaço. É um evento socialmente construído e não dado ao acaso.

Neste sentido, considero que as entrevistas obtiveram êxito por estabelecer uma outra forma de comunicação, que não as conversas dentro do meu papel de bolsista, mas um evento específico na minha nova identidade: como entrevistadora, sem contudo perder o grau de confiabilidade conquistado como bolsista.

Embora o roteiro sugerisse um direcionamento a partir do objetivo deste trabalho³⁷, as perguntas foram flexíveis de acordo com o contexto. O (a) leitor (a) perceberá no roteiro e nas entrevistas em anexo, que há algumas mudanças nas perguntas, sem, porém, fugir da temática. Esse recurso foi sendo pensado no processo das entrevistas e não planejado previamente, visto obter maior confiança do meu entrevistado, repeti algumas palavras e frases do seu vocabulário e moldei alguns termos, de forma me aproximar de seu *mundo simbólico*. A partir de algumas respostas, introduzi outras perguntas, demonstrando interesse no assunto, sem pular abruptamente de uma pergunta a outra.

O roteiro de entrevistas (vide apêndice 3), aprovado pelo Comitê de Ética, foi direcionado de modo dar conta das variáveis de gênero, geração e do tema principal, a velhice. Iniciou com perguntas

³⁷ Identificar e analisar as concepções de envelhecimento e velhice entre estudantes e participantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI/UFSC, considerados idosos, atentando para as perspectivas de gênero e geração, no intuito de tentar compreender como os sujeitos experienciam os processos sociais do envelhecimento._

sobre o tempo presente, para aos poucos o entrevistado se sentir mais à vontade em falar de assuntos do passado e de suas vidas. Algumas perguntas foram sugestões retiradas do livro "Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som" de Bauer & Gaskell (2008), como por exemplo, a pergunta realizada no final: *há algo mais que você gostaria de me dizer?* No embalo da entrevista, essa pergunta trouxe boa parte de muitas informações que até então tinham sido “ocultadas” pelos meus entrevistados, especialmente Neil Y e Robert P.

Quanto à análise, de acordo com os mesmo autores:

"a análise e a interpretação exigem tempo e esforço e não existe um método que seja o melhor. Elas implicam na imersão do próprio pesquisador no *corpus* do texto. No processo de ler e reler, as técnicas tradicionais empregadas com lápis ou canetas que realcem o texto, acrescentando notas e comentários são formas de representação gráfica dos assuntos (...). Ao ler as transcrições, são lembrados aspectos da entrevista que vão além das palavras e o pesquisador quase que revive a entrevista. (...). Um procedimento proveitoso é construir uma matriz com os objetivos e finalidades da pesquisa colocados como temas no título das colunas, e o que cada entrevistado diz, como se fossem as linhas (...)" (BAUER & GASKELL, 2008:85)

Partindo desta citação, fiz as minhas análises, inicialmente lendo e relendo as transcrições com apontamentos e realces, lembrando aspectos vividos na entrevista e, construindo três matrizes (vide apêndice 4), onde na linha coloquei o nome do entrevistado com palavras e/ou frase que pudesse identificá-lo e, nas colunas as seguintes tabelas:

- Tabela Geracional, com as décadas (Anos 60, Anos 70, Anos 80, Anos 90 e Anos 2000), preenchendo com trechos das entrevistas nos respectivos anos, a fim de facilitar a percepção de meus entrevistados em situarem-se mais no passado ou no presente;
- Tabela Relações de Gênero e Trabalho com as temáticas (Relações com a mãe, irmãs, empregada, companheira e filhas; Homem *versus* Mulher; Percepções de si e Representações de sua Masculinidade; Ser "homem velho" *versus* Ser "mulher velha" e, Trabalho *versus* Relações conjugais e velhice). Esta matriz possibilitou recortar das transcrições originais, os excertos referentes a essas temáticas e diferenciar, por exemplo, suas percepções da companheira, enquanto mulher e enquanto *mulher idosa*;
- Relação com a entrevista (*clima*, cenário, etc.) e Transcendência, morte, finitude e religião. Esta última permitiu inserir minhas percepções sobre a entrevista e incluir mais algumas informações.

Estas matrizes permitiram não retornar mais nas transcrições (exceto em algum caso especial), sabendo onde encontrar determinado trecho, não precisava reler novamente toda a entrevista. Ressalto da impossibilidade de análise de todos os trechos e recortes das entrevistas especificados nestas matrizes, visto o objetivo da entrevista não dar

conta de todas as falas. Quanto à veracidade destas falas dos meus entrevistados, estou de acordo com Bosi (1987):

"Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de História que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupa: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da História oficial". (BOSI, 1987:1)

5. CATEGORIAS DE ANÁLISE

5.1. *"Sou um trabalhólico": representações do trabalho e da aposentadoria para os entrevistados*

"O trabalho – seja formal, informal, voluntário, – tem grande importância para o sentir-se útil. Quem sabe que é competente, envelhece bem".
(AGUINALDO NERI, 2009)

Conforme a discussão teórica do capítulo I, o envelhecimento masculino nas sociedades ocidentais contemporâneas está intrinsecamente ligado às questões do trabalho e conseqüentemente, da aposentadoria. A condição de aposentado representa para a maioria dos homens na "meia-idade", uma passagem para a condição de *ser velho*, e com isso advêm todas as implicações desta condição: dificuldades no âmbito doméstico, dado pelas relações conflituosas com os (as) filhos

(as) pertencentes às gerações mais novas, dificuldades em lidar com uma maior independência da mulher, dificuldade em lidar com a dependência de seus próprios pais e dificuldade em se ambientar no espaço doméstico. O ser/estar aposentado implica ainda na perda de *status* na sociedade, moldada pelo ritmo do mercado de trabalho e pela velocidade das mudanças que não levam em conta as experiências dos (as) mais velhos (as). Como visto com Birman (2009), há um deslocamento de um "lugar fixo" para um "lugar não fixo", ou seja, uma zona de conforto do trabalho que representa para o homem uma identidade fixa (ser representante comercial, ser bancário, ser professor, etc.), imposta pela tradição ocidental do patriarcalismo e do homem enquanto único provedor da família para uma condição não mais fixa, a do âmbito doméstico.

Os entrevistados experimentaram uma transição de grandes mudanças ocorridas a partir da década de 1960, como nos apontou Debert (1994:48), "de um mundo totalmente regrado para outro" no que diz respeito à condição da mulher e, por oposição, também da condição do homem, de todos os processos de vida em nome do progresso nacional, do êxodo rural, dos rearranjos nos modelos familiares, entre outros, que aliado às suas biografias, subjetividades, escolhas, contexto cultural e social a que pertenciam, definiram trajetórias diferenciadas de vida e trabalho. Mas todos de alguma forma foram tocados pelos acontecimentos do país.

A inserção cada vez maior no mercado de trabalho de mulheres, fez com que muitas crianças fossem criadas por babás e

irmãos (ãs) mais velhos (as). Em 1960, então com 10 anos, Mick J. se encontrava nesta situação. A quase ausência dos pais, - por trabalharem fora o dia todo - desencadeou sérias rupturas nas relações familiares, entre ele e os pais e ele e os (as) irmãos (ãs), sendo, muitas vezes, obrigado a fazer serviços domésticos:

Meus pais trabalhavam fora o tempo todo (...) éramos 4 em casa, depois veio mais um meio fora de hora, mas de qualquer forma tinha sempre uma babá ou uma empregada ali que dizia que tomava conta, mas não tomava conta nenhuma. Uma família de situação média baixa com uma série de dificuldades, inclusive de relacionamento entre eles, complicou muito a relação entre irmãos e entre eles também foi um grande desperdício, eu acho. Então isso acabou culminando num produto infantil mal resolvido. (...) Quando era menino era sempre me chamando pra encerrar a casa, desentope o encanamento, vai ... era uma ... e é claro nessa fase eu tinha, claro, uma arrelia por isso (...) –
Mick J. Excerto da entrevista

Esta experiência o levou a aprender a se virar sozinho, construir seus próprios brinquedos, desenhar suas roupas, assumindo, a partir disso uma atitude rebelde, de ser contra o "sistema", posição essa que o acompanhou durante toda a vida e, conseqüentemente em suas escolhas profissionais. Para ele, o design, sua profissão, já era uma prática adquirida muito antes de entrar na faculdade:

(...) eu fui num sítio, numa chácara com amigos meus lá perto de Belo Horizonte, num nível bem anos 60, a gente tava na piscina, "hi-fi", aquelas histórias, bem aquele clima não é? E eu conversando com a irmã desse amigo meu que era arquiteta, ela dava aula e a gente começou a

conversar sobre o curso e percebi que tudo que já fiz na vida era o que ela tava falando, porque assim, considerando que todos meus brinquedos fui eu que fiz, minhas roupas sou eu que desenho, sou eu que faço, as coisas da casa, domésticas, interfiro sempre no como fazer, desenhar foi uma coisa quase que genética da minha família, desenhar do ponto de vista artístico mesmo. Então tinham várias coisas que me interessavam, era o caminho (...) fiz um curso de design, mas na realidade parece que o que foi acontecendo comigo me moldou como um designer, mesmo sem passar pelo processo acadêmico. Então, eu meio que encontrei o design quando eu tinha a preocupação de fazer alguma coisa que me tirasse da Caixa Econômica não é? Porque o problema da minha vida era sair desse emprego.
– **Mick J. Excerto da entrevista (grifos da autora)**

Sempre procurou não se enquadrar num sistema de trabalho considerado por ele, como um modo capitalista, fugindo amiúde de uma relação hierárquica – chefe e subordinado – com cumprimento de uma carga horária "x", mas exercendo um modo mais livre e autônomo em que ele próprio decidia quantas horas trabalharia – geralmente sempre mais do que as oito horas estipuladas –, porque para ele, o design, enquanto trabalho, possui um caráter diferenciado:

O design que eu faço é o design do ser humano! E não para o sistema capitalista. Quando desenho uma identidade, uma peça, eu estou pensando na funcionalidade, conforto, não estou pensando na relação estritamente comercial, eu estou pensando em investimentos na natureza, estou pensando em fazer uma relação de convivência muito mais duradoura do que a tal descartável no sentido negativo (...) por mais que minha dedicação ao trabalho e dedicação às pessoas tenha sido muito positiva, o sistema não valoriza

isso. (...) eu não consigo chamar de trabalho porque acho que isso é uma variável ... quer seja capitalista ou qualquer outro "ista" da vida, mas é uma atividade, uma efetividade profissional de cumprimento ou até de perceber ... mas trabalhar no sentido do "tripalium"³⁸ que é a origem ... me contraria muito em todas as situações que tenho que fazer alguma coisa, me encontrar com o capitalismo, que eu tenho que receber, aí tem que pagar conta, eu vejo isso sempre uma coisa, digamos, pra diferenciar, mas os trabalhos hoje que eu faço, os melhores são os que não ganho nada! - Mick J. Excertos da entrevista

No entanto, em determinado momento da entrevista, Mick J. admite que o não enquadrar-se num modo de trabalho capitalista e, conseqüentemente, não possuir um sistema de aposentadoria, especialmente numa idade em que ele atribui ter uma queda na resistência, pode causar alguns problemas de ordem financeira ou conjugal:

Então, o projeto passou a ser uma possibilidade de mexer na renda familiar, porque nessas chutadas de balde na minha trajetória, então há uns anos atrás, a gente levou uma "cagada" do sistema que acabou prejudicando essa relação de sobrevivência e, a M. (sua esposa na época) já trabalhava com pintura em porcelana e num determinado momento a gente viu que poderia ser uma alternativa que envolvesse uma parte mais técnica, coisa mais de produção , então virou uma alternativa, mas ela virou do mesmo jeito, tanto é que não dá dinheiro, a gente fica inventando moda, faz presentes, e acaba não

³⁸Etimologicamente, a palavra trabalho é derivada de *tripalium*, um instrumento de tortura e relaciona a ideia de sofrimento e dor. Ao longo dos anos, esse significado passou para um entendimento de esforço, luta, até configurar-se como uma ocupação profissional. (CUNHA et al, 2004)

rolando a questão econômica aí efetivamente. E até quando você fez a pergunta se eu sou aposentado, é uma coisa que eu até queria ser, mas eu nunca consegui ser, porque a gente começa por um caminho, muda pro outro, aí chuta o balde, aí vai pra outro, nunca dá certo ... é um modelo institucionalizado e eu, se você pensar o que eu acho da aposentadoria, vou te responder: eu acho uma grande sacanagem ao pé da letra, porque é uma ilusão! Primeiro, porque tem uma divisão tão abissal de um cara que se aposenta como funcionário público federal, estadual ou de empresa privada ou professor ou rural, porque as diferenças? Enfim ... não acho isso justo e isso me incomoda por causa desse encontro da minha vida pessoal e profissional, eu sempre abominei essa questão do sistema. Aí obviamente quando chego aos 60 anos que a minha resistência é diferente, que meu comportamento físico e mental é diferente e com muitas preocupações, como diz o Niemeyer: "esse negócio de idade é uma merda!", porque tudo atrapalha e não é atrapalhar porque você quer que atrapalhe, (...) poderia estar hoje recebendo uma aposentadoria, mas isso com certeza eu poderia contribuir ou eu seria um gordinho, baixinho, chato, desdentado, não é? (...) iria regredindo mais do que sou hoje, então assim, não sou favorável a ela (aposentadoria), mas tenho meu poder político como se fosse uma opção pra ela, mas na hora que chega no final do mês, tem conta pra pagar. (...) sempre me senti meio à toa e que, até em várias situações, não deixo de fazer isso, estou aqui trabalhando na maior função e vou ali, sento, tomo um sorvete (...). em alguns momentos até deveria ter sido diferente, até concordo, porque no final do mês, às vezes é complicado, mas eu nunca fui dinheirista e 99% das pessoas são. (...) as outras pessoas fazem com sacrifício, reclamando: "ai que cansa", então tem uma carga negativa, parece um castigo. A M. (sua esposa ou ex-esposa) é assim, uma trabalhadora ferrenha, se

isso aqui é para colocar aqui, não ouse mexer aqui ... porque ela é assim, respeito 100%, mas entendendo que ela sofre por ser assim. – Mick J.
Excertos da entrevista (grifos da autora)

Podemos perceber que Mick J. mesmo declarando não ser um aposentado, - por sua própria escolha - não deixa de perceber algumas perdas advindas com esta escolha, devido mudanças ocorridas em sua capacidade física e mental, inerentes à idade, conforme a citação dada por ele do Niemeyer. De qualquer forma, tem uma visão muito positiva sobre sua velhice, percebendo-se numa imagem contrária ao de um *gordinho, baixinho, chato e desdentado*, ou, quando demonstra um modo bem menos estressante da profissão, podendo *tomar um sorvete no meio do trabalho*. Ele vê também no *outro*, aquele que dá mais valor ao dinheiro, uma imagem contrária a sua.

No que diz respeito às relações conjugais, podemos perceber que há no início da citação uma tentativa de rearranjo financeiro entre ele e a esposa e no final da citação, uma crítica a ela por seguir um modelo de trabalho não compartilhado por ele.

Robert P., o mais velho dos entrevistados, vê no trabalho quase como sua razão de viver. Na entrevista, mesmo nas perguntas que não diziam respeito, a questão do trabalho esteve sempre vinculada ao seu percurso de vida:

(...) meu avô veio aqui (se referindo ao Brasil) para trabalhar e ficou rico em meados de 1900, aí quebrou e voltou (...) meu pai não tinha instrução, então ele trabalhava em dois

empregos, um durante o dia como vendedor e a noite entregava embrulhos, porque era comum antigamente você ir a uma loja comprar uma bolsa, você não levava o embrulho, a firma mandava. Trabalhei também numa loja assim, entregar encomenda. (...), antigamente quando os portugueses chegaram aqui, os homens não trabalhavam nada, nada, só recebiam o dinheiro, ele contou um caso de uma mulher que ficou viúva e tinha dois filhos e um amigo disse: "olhe, vamos ver se arranjamos um emprego pra você e para os filhos". A mulher deixou de falar com esse amigo, como meus filhos vão trabalhar, eles são brancos! (...). Então cada vez que a gente tomava banho - que tinha que ser todo dia - tinha que lavar o banheiro, tinha que passar palha de aço no chão e encerar com escovão.(...) então, a gente trabalhava muito, eu e minhas irmãs. (...) Descascava batata, tudo, tudo. O serviço é para todo mundo, para ser feito. (...) comecei a trabalhar aos 10 anos e estudar à noite, antigamente não existia semana inglesa³⁹, trabalhávamos o sábado normal e aos domingos era o descanso. Mas na farmácia trabalhava todo o plantão (...). Minha maior vontade era viajar, mas como? eu era pobre, o que eu imaginei com 14 anos foi: "vou para Portugal, entro na Marinha Mercante, vou conhecer no mínimo Portugal, uma parte da Europa e uma parte da África". Aquele entusiasmo, o jovem quando imagina alguma coisa acredita que vai acontecer. Eu sabia que se eu fosse pra lá, ia lavar navio, ser auxiliar de cozinha, essas coisas, pegar em peso, não tinha problema! trabalho não tinha problema. (...). Fiz muitos trabalhos dentro da Maçonaria. (...). Fazer um trabalho voluntário pra mim é um GRANDE projeto, entendeu? Eu gosto do que eu faço, gosto! (...) e um dia o meu chefe disse pra mim o seguinte: "você gostaria de ser auditor? mas tem que viajar hein?", e eu:

³⁹ Robert P. explica que até por volta de 1950, o sábado era um dia normal de trabalho, o descanso era só aos domingos. Após 1950, começou a vigorar a Semana Inglesa, ou seja, no sábado era trabalhado somente pela manhã.

"Pô, é o que eu gosto".(...) a melhor experiência, eu posso dizer ... o trabalho ... há pouco eu terminei de falar na empresa que eu trabalhei há mais de 20 anos, né? Eu adorava ali. Pra mim aquele trabalho era um lazer. (...) essa garra, essa euforia que eu tenho pra trabalhar (...), aliás eu escrevi na minha biografia o seguinte: **eu sou um trabalhólico (risos) quer dizer, um viciado em trabalho (risos),** eu sei que essa palavra não existe, lógico, mas eu sou viciado em trabalho (...) também não me peça pra fazer nada que eu não gosto, entendeu? (...). O meu filho tem horror a trabalho! Por que? Ele tem horror ao trabalho porque ele tá fazendo o que ele não gosta! (...) porque a gente só deve trabalhar no que realmente gosta! " A maior parte da nossa vida é o trabalho, então se a gente não gostar a gente vai viver eternamente insatisfeito, infeliz. (...)sempre considerei o trabalho como um lazer, por isso eu nunca me revoltei com serviço nenhum que eu fiz! (...) maior legado que meu pai me passou foi honestidade, trabalho. O dia que eu comecei a trabalhar ele ficou felicíssimo.(...) maior arrependimento que eu tive foi ter me aposentado, mas de certa forma, o próprio NETI veio cobrir essa lacuna, entende? Eu sempre trabalhei. Trabalhei 47 anos, de repente me aposentei, fiquei assim sem fazer nada! (...) daí a depressão quis chegar junto, mas daí não deixei, comecei a fazer um trabalho voluntário, por sinal muito grande, depois continuei (...). A única vez que eu pensei que agora estava ficando velho, foi em Valinhos/SP, quando trabalhei realmente demais. (referindo-se à mudança da filha que ele ajudou quando viajou para Valinhos/SP e ficou longe da internet e telefone, portanto longe das atividades que mais gosta. Esta informação ele contou em outro momento). Continua: *Eu me senti sem energia nenhuma. Me senti velho, velho.*— **Robert P. Excertos da entrevista (grifos da autora)**

É incontestável a percepção do trabalho enquanto um valor de honra e honestidade. O trabalho sempre esteve presente em sua vida, desde criança. Foi pensado como meio para viajar e conhecer Portugal, Europa e África, mesmo isso não acontecendo. E foi através do trabalho que acabou realizando esse sonho: viajando pelo Brasil como representante comercial. Portanto, o trabalho surge para ele, na infância, no meio de realizar seus sonhos, nas lembranças e memória do pai, na educação dada ao filho, no voluntariado, nas boas experiências, nos projetos de vida, nas histórias que conta, na linha geracional de sua família, um legado que recebeu do avô e do pai e quer repassar para o filho.

O trabalho para Robert P., tal como para Mick J., tem um sentido estético, ou seja, eles não vivem para trabalhar, mas trabalham para viver. Para Robert P., não importava a que governo ele servia, tanto é que se identifica com a ditadura e abomina as greves dos diferentes ramos profissionais (conforme excerto de sua entrevista no capítulo I). O importante para ele é que todos trabalhem.

Para esses entrevistados, velhice e trabalho estão intimamente ligados, ser velho é fazer o que não gosta, é ficar parado, jogar cartas, dominó, coisas que, para Robert P. não são condizentes para a honra de um homem:

(...) porque homem não quer saber de nada! prefere ficar num boteco tomando cachaça ou cerveja, jogando ou ficando na frente da televisão, porque não tem explicação! Eu já

*convidei um monte de amigos (se referindo ao NETI), meu cunhado, por exemplo, lá no Rio, todos os dias vai jogar dominó, cartas na Praça e não tem tempo (...) primeiro, porque lá não tem - palavras dele -, porque ele mora junto ao Maracanã, onde tem a Universidade Estadual, lógico que tem! Tem tudo quanto é canto. Se eu não procurar, também não vou encontrar o NETI, nem coisa nenhuma, nem a universidade vou encontrar. Se eu não me interesso, não vou saber. (...) A mesma coisa aqui, a turma vai jogar dominó, coisa e tal, entende? Eu não sou contra quem joga, mas eu acho que está perdendo tempo, como um dia eu disse para meu cunhado: “Pô Boni, o nível que tu frequênta é o pior possível! (...) o que você aprende numa mesa de jogo?, nada, absolutamente nada! Só grosseria e estupidez”. (...) Eu conheço muita gente, teve um caso aqui inclusive, o marido tá desempregado, a mulher tá fazendo faxina, ele tá procurando emprego? Não, tá soltando pipa! Ou então tá carregando a gaiolinha do curió ou jogando bola de gude, não encontra emprego e nem vai encontrar nunca, porque não procura. E é assim, eu acho interessante, o povo daqui de Floripa, eu acho muito preguiçoso, estou me referindo aos homens. (...) A maioria dos empregados daqui é de fora: mineiro, gaúcho, paranaense, eles não querem nada! – **Robert P. Excerto da entrevista (grifos da autora)***

O *outro* para Robert P., não é somente o velho, mas também o homem de determinado lugar que não trabalha, no caso, Florianópolis. Indagado pela autora se isto não tinha a ver com a "questão litorânea", uma forma de "cutucá-lo", já que, apesar de ser português, considera-se carioca, ele responde:

Não, eu acho que no Rio ocorre o seguinte, tenho uma justificativa, todo mundo sabe que o Rio é

uma cidade linda que o ano inteiro está cheio de turista, então você vai na praia durante todo o ano e tá sempre cheio. Então todo mundo pensa que todos são do Rio .. não é o carioca que é vagabundo ... todo mundo acha que é, já que todos estão na praia, todo mundo é carioca? –
Robert P. Excerto da entrevista

O único momento em que o trabalho assume um modo pejorativo, foi quando trabalhou em algo que não necessariamente lhe dava prazer, quando ficou longe do que mais gosta: contar histórias. Nos eventos do projeto em que a autora é bolsista, ele é sempre o mais atuante, participa de todas as atividades com afinco, bom humor e desenvoltura. Na volta de sua viagem de Valinhos/SP, quando foi ajudar na mudança da filha, disse ele: *"Vim pra cá e comecei fazer uma coisa e outra, acabou a minha velhice, entende?"*.

David G. é o que mais se aproxima do perfil de Robert P. Fizeram o mesmo curso no NETI e ambos contam histórias juntos. Um se apóia no outro, especialmente num ambiente em que há sempre muitas mulheres. O sentido conotado ao voluntariado⁴⁰ é o mesmo para ambos: o de trabalho responsável e atuante. Tanto um como o outro,

⁴⁰ O vocábulo voluntário vem do latim e está ligado ao verbo *querer à idéia de*, vontade como *voglia, volontà, volere, volentieri*, palavras que, em italiano possuem o mesmo significado próximo: vontade, desejo, querer, estar de boa vontade, querer com muito gosto. (...) Segundo a Lei nº 9.608 de 18/02/1998, o serviço voluntário é o trabalho não-remunerado realizado por pessoas físicas, sem gerar nenhum tipo de vínculo empregatício, obrigações trabalhistas ou previdenciárias. (...) Voluntário é o cidadão que motivado pelos valores de participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea. Segundo o Programa Voluntário do Conselho da Comunidade Solidária, lançado em 1977, esse novo conceito traz ao mundo do voluntariado, uma visão de trabalho onde a eficiência nos resultados e a profissionalização vai ser a meta para novos rumos. (BOTELHO & SILVEIRA, 2009).

percebem o voluntariado como um modo de prestar um serviço à sociedade:

(...) principalmente essa fase de contar histórias, eu acho que é uma maneira da gente poder prestar o serviço, ser útil na sua comunidade. Amanhã nós vamos lá para o Estreito, numa ONG barra pesada pesadíssima! (...) Quer dizer que isso é uma coisa que faz bem pra gente! É uma maneira de poder ajudar, fazendo o que gosta. Eu me apaixonei por contar histórias para criança. O brilho dos olhinhos, aquela emoção que eles sentem, é muito bonito, é gratificante, esta é a palavra. – David G. Excerto da entrevista

Pela dedicação dispensada ao trabalho voluntário, não é difícil perceber que, mesmo tendo ambos trabalhado num "modo capitalista", - utilizando as palavras de Mick J. -, para esses homens – com a devida ressalva de pertencerem a uma classe social elevada – o trabalho não é só um meio de ganhar dinheiro – já que o voluntariado é um trabalho não remunerado - mas uma condição de dar continuidade às suas vidas e de ser útil, um retorno à sociedade garantido pela convivência geracional (seus pares contadores de história e de outros projetos) e intergeracional (bolsistas, professores (as) e crianças nas escolas e idosos (as) nas ILP's). O ser útil para David G. é condição inexorável para uma velhice saudável, e o trabalho, seja voluntário ou de retorno às empresas é o que possibilita esta ponte de volta à sociedade:

Eu sou tesoureiro lá do Rotary⁴¹, conhece? e aquilo me toma muito tempo. Então é uma responsabilidade enorme lidar com as finanças, quer dizer, a parte financeira, as contribuições de

todos os companheiros, ajudar a sociedade também. (...) Eu acho que essa longevidade maior agora, tá sendo, inclusive para as empresas que estão com problemas seríssimos de mão de obra capacitadas, já aproveitam a experiência dos velhos. Eu acho que é um novo mercado que está se abrindo e que tá sendo explorado já, eu sinto isso.- **David G. Excerto da entrevista**

Ele vê com um certo otimismo às tímidas aberturas dada aos (às) velhos (as) no mercado de trabalho, um modo de reaproveitamento de suas experiências. Ressalta, porém, sua dificuldade em se estabelecer em Florianópolis e conseguir algum emprego, mesmo com um bom currículo:

*Quando eu cheguei aqui há 8 anos atrás, eu procurei emprego de todas as formas, não consegui, e não consegui por causa do meu currículo, ninguém me dava emprego. Eu queria trabalhar por qualquer dinheiro! Trabalhar inclusive meio expediente, só pra poder trabalhar e não me deram chance, inclusive gente que ajudei muito quando fui diretor de banco, ajudei muito o pessoal daqui, né? Mas me recusaram, não me deram chance, é uma cidade muito fechada, isso a gente sabe ... o pessoal que vem de fora sofre. **David G. Excerto da entrevista (grifos da autora)***

O valor excessivo dado ao "novo" em detrimento do "velho", conforme discussão do capítulo I é percebido aqui, quando o currículo não importa mais, pelo contrário, um bom currículo é até desvalorizado,

⁴¹ Fundado por Paul Harris/USA em 1905, o Rotary Club é um Clube de Profissionais de várias áreas (a maioria homens) que congrega líderes das comunidades em que vivem ou atuam, fomentando um elevado padrão de ética ajudando a estabelecer a paz e a boa vontade no mundo, e que prestam serviços voluntários em favor da sociedade como um todo ou beneficiando em casos específicos pessoas necessitadas ou entidades que atuam também em favor de desamparados. Informações cedidas pelo entrevistado.

por ser considerado como inapropriado para as poucas funções que se abrem aos (às) velhos (as). Funções essas que muitas vezes significam simplesmente inserir o (a) idoso (a) em qualquer trabalho, mais para contemplar a lei⁴² do que necessariamente para valorizar sua experiência e aproveitar suas habilidades.

David G. se aposentou e veio morar em Florianópolis: *Eu me aposentei morando em Porto Alegre e realmente aqui é uma cidade que, além da beleza natural, me dava muito paz. (...) encontrei este apto junto à Beira Mar e caminho todos os dias, é pra procurar ter uma velhice sadia, não é?*

Portanto, morar nesta cidade não foi em função do trabalho inicialmente, mas de busca por uma aposentadoria de repouso, descanso e lazer. Aos poucos, esse tipo de aposentadoria o entediou e, conforme exposto por Cunha (2004) no item sobre os ritos de passagem, há uma variedade nas formas de aposentadoria, que não são lineares e podem acontecer quase que simultaneamente nos indivíduos. Após um período de lazer – que se poderia dizer de liminaridade – ele decide procurar por algum outro tipo de atividade que pudesse sentir-se útil, um outro modo de vivenciar sua aposentadoria.

O mesmo não acontece com J. Beck. Também veio morar em Florianópolis, mas não apontou dificuldades de readaptação – até

⁴²O Estatuto do Idoso determina no Art. 28, Cap. VI, parágrafos I e III, que o Poder Público crie e estimule programas de profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas e; estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho.

porque não veio por motivo de aposentadoria, mas de transferência da empresa que trabalhava no Rio de Janeiro/RJ. Uma vez estabelecido nesta cidade, após um tempo se aposentou, mas não apresentando em sua entrevista nenhuma crise de transição:

Não fiz muita filosofia em cima não. Porque quando aposentei, na mesma semana ou na semana seguinte eu já tava trabalhando em outra coisa. (...) não senti, mas era uma atividade bem diferente. Eu tive uma formação, trabalhei nela, na parte mais comercial e quando aposentei fui trabalhar como assessor, entrei na política e por aí (...) – **J. Beck. Excertos da entrevista (grifos da autora)**

A aposentadoria para ele não possui um caráter de mudanças significativas em sua vida. Mineiro como Mick J., acompanhou quando jovem, a imigração do campo para a cidade, rompendo com um modo de vida rural de seus familiares:

Então até 12 anos morava na fazenda, não tenho muita lembrança não. Depois de 12 anos pra frente, em outra cidade no interior de Minas, era férias, meu pai gostava que os filhos fossem trabalhar na fazenda, não em trabalhar ... como fui trabalhar em banco. – **J. Beck. Excertos da entrevista.**

A rebeldia é assim experimentada, tal como Mick J., embora de um modo diferenciado, mais atuante no que diz respeito à sua inserção em sindicatos e movimentos, um meio de ir contra o "sistema". J. Beck opta por um coletivo de luta. Seus interesses individuais se dissolvem no interesse público, voltado na época contra a ditadura e na busca constante pela democracia, um legado que credita às gerações

posteriores a sua, uma forma de dar continuidade por aquilo que tanto lutou: "O legado dessa consciência política é o de que o importante pra nós é a manutenção da democracia que nos permite no dia-a-dia se relacionar (...) gostaria de deixar exatamente um país bom, onde se possa viver com uma relação de segurança, ética. Tá feito." O trabalho e o estudo para ele nunca foi um fim em si mesmo, mas um meio de atingir o que ele considerou e considera, uma melhor sociedade para se viver:

Eu desde a universidade, depois que completei o 2º grau, o antigo, eu trabalhava em banco sempre estudei de fato, mas nunca pensei muito no futuro, pensava sempre no presente. E eu fui muito novo trabalhar em banco e entrei para o sindicato dos bancários, que geralmente é de esquerda, como quase todos os sindicatos, mais pra esquerda. E eu fui militante dos movimentos estudantis dos anos 60. (...) fui para a administração, trabalhava na prefeitura aqui (se referindo à Florianópolis/SC). (...) Na associação (se refere à Associação de Parkinson do NETI) é diferente, são realidades diferentes. Você está satisfeito por prestação de serviços ou está satisfeito por ganhar dinheiro. O primeiro se é mais feliz, atendendo, organizando a sociedade. (...) não tenho muita pretensão não, o que eu vivi, o nível que eu vivi precisou de pegar arma, pedra no movimento estudantil que andava mais com pedra, mais do que outra coisa, mas que seja um lugar democrático, que haja mais justiça entre os homens, que haja uma supervisão das condições de relação, não deixar pessoas presas, manipuladas, a verdade é que devem ter uma responsabilidade social intensa que grande parte não tiveram.- J. Beck. Excerto da entrevista (grifos da autora)

Neil Y. vê no seu casamento – o mais duradouro de todos os entrevistados (41 anos) – como fruto do trabalho, no sentido de ter possibilitado conhecer sua esposa, quando ambos estavam trabalhando numa festa de "Alemão":

*Eu conheci a minha senhora foi na festa de Alemão, naquela época os alemães faziam festa, né? (...) E ela, a A. trabalhava na casa de alemão também (...) e conversa vai, conversa vem, num dia, um domingo a tarde nós conversamos assim, trabalhando um perto do outro, ela trabalhava numa barraca, ou eu na barraca e ela no salão, uma coisa assim ... e nós conversamos assim né? Mas foi pouca conversa, eu estava trabalhando ... tinha muito movimento (...) "então vamos deixar a conversa pra domingo que vem né? No sábado ou no domingo". - "Então tá pronto". Porque ela tava trabalhando e eu também. – Neil Y. **Excerto da entrevista (grifos da autora)***

O trabalho para ele vem antes de qualquer outro tipo de interesse. Sem possuir estudo formal, o trabalho na casa e nas festas dos "alemães" garantia-lhe um *status* que possibilitava pensar em casamento, especialmente com uma mulher que tivesse condições parecidas: *Eu e minha mulher trabalhamos na roça. Ela trabalhou também um pouco com o pai dela na roça também.*

O trabalho, para este meu entrevistado, tem um sentido menos estético e mais pragmático, porque está mais vinculado à sobrevivência. O trabalho – mais do que qualquer outra coisa, como o estudo - vai possibilitando Neil Y. constituir-se numa rede social, que não só o coletivo familiar. O trabalho no engenho – compartilhado pelos avós, mãe, tios, tias e primos – é sucedido com a morte do avô pela busca

fragmentada desta família por outras formas de trabalho que pudesse lhe garantir um prato de comida:

(...) meu avô morreu, não tinha mais roça, mais nada, descemos o morro assim, nós moramos ainda lá no meio do mato, no engenho e depois saímos de lá e viemos morar no Saco Grande, na rua geral e começamos eu e ela (sua mãe) a trabalhar de empregado, na casa de um, na casa de outro (...) aí eu andava de porta em porta perguntando se não tinha nenhum quintal, né? Assim, me davam uma gorjetinha, um prato de comida já tava bom! tinha que comer, não é? (...) - Neil Y. Excertos da entrevista – (grifos da autora)

O trabalho sempre esteve vinculado a uma relação hierárquica de patrão e empregado até sua aposentadoria:

(...) até que um dia, escuta bem, eu trabalhei na casa de uma senhora que era dona do Busch, fiz a grama dela, lavei o carro do marido dela, lavei o carro do genro dela (...) ah! aí eles gostaram (...) eu era novo e tinha força nas mãos, né? Pronto, aí foi, trabalhei, trabalhei, trabalhei na casa deles (...) pra quem não tem nada mesmo, qualquer coisa é bom! e a comidinha sempre ali. (...) aí eu não tinha roupa, não tinha calçado, naquela época não tinha nada, a minha mãe também! Aí começamos a ganhar tudo: roupa, calçado e depois eles botaram eu na aula a noite! (...) Aí eu aprendi a ler, a escrever, aí fui ficando até a cabo de 4 anos atrás que eu já tô aposentado! - Neil Y. Excertos da entrevista – (grifos da autora)

O trabalho braçal, possibilitado, segundo ele, porque era "novo", e posteriormente o emprego na casa dos "Busch", deu a oportunidade de sair da área rural, estabelecer novos vínculos

empregatícios, constituir família, se aposentar e só então, reestabelecer-se com uma autonomia de montar seu próprio negócio e de fazer o que sempre quis: estudar e participar de outras atividades que não só o trabalho enquanto meio de sobrevivência:

*(...) nós nos conhecemos foi lá na festa e ela trabalhava numa casa e eu noutra. Eu não era muito novo (se referindo ao casamento), olha eu tenho 67 anos, já tenho filho, já tenho neto, neta ... tá moça já, estudando e tudo. (...) nós tivemos armazém, aí o meu patrão me ajudou (...) eu não saí do Busch, porque se não dá certo, vamos ficar na pior outra vez, não! (risos), aí ela (sua esposa) pegou a loja com o filho mais velho, um mini mercado. Aí foi nessa época que nós já tinha um filho que tocou o mini mercado, começamos com uma vendinha pequeninha, só uma verdurinha, depois se transformou numa venda e numa venda ficou maior, um armazém, assim aqui no Córrego Grande. Escuta bem, aí no armazém, fizemos um mini mercado. (sorri satisfeito). Eu cheguei aqui (se referindo ao NETI) através de um senhor, assim que eu tinha a loja lá embaixo, que eu disse pra ele que ia me aposentar e morar aqui na Trindade, então ele que me trouxe aqui (...) -Neil Y. **Excertos da entrevista – (grifos da autora)***

O pertencer ao NETI e às demais atividades da UFSC não é uma condição de ser/estar velho, embora ele tenha noção de sua velhice: *Eu acho que a velhice é o tempo que a gente vai passando, a gente vai ficando velho né?* Participar dessas atividades é uma oportunidade conquistada através do seu trabalho e, posteriormente por ser um homem aposentado, livre para fazer uma outra coisa, que não só trabalhar para comer ou dar de comer à sua família. O trabalho manual

que sempre exerceu não o restringe de poder participar das atividades⁴³, digamos mais intelectuais, pelo contrário, a sua disposição física está muito além, das que muitos homens de sua idade possuem, permitindo fôlego para aprender a escrever, contar histórias, tocar violão e fazer musculação. Tampouco o trabalho menos intelectual o impossibilitou de pensar num legado diferente para os filhos, mas é claro, com um forte caráter do trabalho como possibilitador de *se dar bem na vida*:

(...) meu filho quando casou, eu, muito ladino pra negócio, peguei todo o dinheiro da venda que nós tinha e pra cada filho eu comprei 4 bancas de camelô. (risadas), escuta bem que a história vai ficar boa! Que hoje o mais velho já tem 8 banca! (...) meus filhos tão encaminhados (...) com eletrônicos, o outro a mesma coisa, o outro a mesma coisa, o outro a mesma coisa! todos bem também, o mais velho é que tá melhor, o outro também já tá se fazendo (...) os mais velhos tem casa de material boa sabe (...) tem carro do ano, a mulher do outro é professora! Ganha bem, não ganha mal, a outra também dá aula. A do mais velho é também do sítio, mas trabalha com ele na loja, é caixeira. O P. tem 3 empregados, o filho deles tá num bom colégio, moço já. (...) - Neil Y.
Excertos da entrevista – (grifos da autora)

Para esses homens que entrevistei, o trabalho e a aposentadoria nem sempre determinaram suas experiências de velhice e envelhecimento e, se determinam, nem sempre acontece de modo dramático, como visto com J. Beck que *diz não ter feito muita filosofia*

⁴³ Num dado momento em que fui cedida pela Bolsa de Extensão para trabalhar na secretaria do núcleo por ocasião das matrículas, atendi Neil Y. Após lhe explicar as atividades oferecidas ali, ele me diz: "olha moça, eu não entendi. Você precisa falar uma língua que eu possa entender, tá bem?"

em cima ou Mick J. que nem se inclui nesta categoria de aposentado. Aposentar-se para Neil Y. foi como ter conquistado a liberdade de ser/fazer outra coisa nunca antes possível em sua vida. É com Robert P. e David G. que a transição da aposentadoria assume, num espaço relativamente curto de tempo, uma crise de identidade, "colado" que estava às suas identidades no trabalho exercido por eles, mas que pôde ser superada com a aposentadoria assistência, no sentido de Cunha (2004), voltada para o voluntariado.

No entanto, seja qual for a forma apresentada de aposentadoria, é ela que de certa forma, homogeneiza os homens participantes do NETI, visto as atividades acontecerem nos períodos matutino e vespertino, quando geralmente é o horário em que se trabalha. Assim, só podem participar dessas atividades àqueles homens com horários livres nestes períodos, ou seja, os aposentados.

Ribeiro (2009) aponta que o lazer e o entretenimento são postos à margem das funções do trabalho, ocasionando preconceito em relação ao ócio e ao lazer. Mick J. e principalmente Robert P., são contrários a esta citação, pois para eles, o trabalho é um meio de lazer, especialmente porque sempre procuraram fazer o que gostavam, cada um a seu modo.

Em meio a tantas heterogeneidades de experiências vividas pelos meus entrevistados, participar no NETI é o que os difere de outras faixas etárias e acaba por aproximá-los uns aos outros, como estudantes deste núcleo, pois há um delimitador de idade para sua inserção. É como aposentado que o idoso entra no NETI, trazendo muitas vezes marcas de uma velhice despontando ou já aparente, como um estigma apontado

pelo dedo invisível da sociedade. Presenciei a entrada de alguns entrevistados e outros idosos homens no NETI. Entram, por vezes, cabisbaixos, relutantes ainda de sua decisão de entrar. É um ambiente novo, não só pelo *estar aposentado* e toda a carga simbólica que advém com este estado, mas também porque a velhice parece chegar com tudo um dia depois de parar de trabalhar, anunciando que dias piores virão, para os pessimistas, mas também com infinitas possibilidades de ação possíveis nos anos que perdurarão.

Após um tempo, o trabalho para o homem idoso pode deixar de representar um meio de adquirir bens materiais e de prover a família – tão reificado durante toda sua vida –, podendo passar a representar um caráter não só o de *ser útil*, mas de repasse e troca de saberes, geracional e intergeracional. Esses sábios anciãos ou, se preferirem, homens com mais experiência, ainda tem muito a ensinar e aprender junto com seus pares e com as gerações mais novas que convivem com eles.

5.2. ***"A gente tem o direito e quase obrigação de ser feliz": relações conjugais***

Robert P. é casado pela segunda vez, David G. pela terceira. J. Beck é separado. Mick J. diz ser o *futuro ex-marido*, estar passando um *tempo solo: sou casado perante o sistema, porque não houve separação e nem vai haver, porque também não compartilho com a ideia de advogado (...)* é uma *passagem, um tempo solo*. E Neil Y. é casado com a mesma companheira há 41 anos.

Tratar das relações conjugais desses homens idosos, com idades entre 60 e 76 anos, permite pensar no período de transição dos rearranjos familiares, especialmente pós 1960, em que, como visto no capítulo I, eclodiram vários movimentos reivindicatórios, políticos e sociais, desencadeando trajetórias diferentes das vividas até então. Permite analisar ainda que, tais mudanças deste período, foram determinantes para a concepção da imagem que eles têm de si, enquanto homens e enquanto velhos.

A “desorientação ontológica” do homem, proposto por Birman (2009), e entendido como uma quebra hierárquica do lugar ocupado pelo homem deste o século XIX, intensifica-se após a década de 1960. Robert P. e David G., demonstram um pouco desta “desorientação” nos seus percursos. Robert P. após o fim do primeiro casamento: *casei com 28 anos, fiquei casado apenas 6 meses. Aí fiquei 10 anos sem ninguém, com mulher demais, mas realmente sem nenhuma (...)*, em 1972 aos 38 anos conhece sua atual companheira de mesma idade que ele. Ao perceber o apego dela com a família, demonstra na entrevista que era disso que precisava: *e no dia que eu conheci N., no mesmo dia, ela já me falou sobre a mãe, coisas boas! Sobre os irmãos, enfim me deu várias chances de ver que ela era uma pessoa família. Era o que eu precisava.* – **Excerto da Entrevista.**

A aceitação de sua companheira por parte de sua família foi imediata, um homem com 38 anos não podia ficar sozinho, ressaltando que valores como a virgindade já não fazia sentido pra ele: *jamais casaria se a minha querida fosse virgem, eu não estaria hoje com ela*

(risos), *entendeu?*. O que importava era o papel que seria exercido por ela ao longo dos anos: uma cuidadora familiar, mesmo sendo funcionária aposentada da Caixa Econômica, foi e é, segundo ele, uma mulher preocupada com o bem estar de todos, não só dele e dos filhos que tiveram, mas da família mais ampla:

Bom, eu lembro como se fosse hoje. Sempre fui muito mulherengo. O dia que levei N. em casa dos meus pais, eles adoraram. Da mesma forma quando a mãe dela – sempre gostei muito da mãe dela. Agradeço, inclusive, por ela ter me dado tanta força. Eu lembro muito bem, a minha irmã mais velha, que hoje está com 80 anos, depois que levei a N. lá, no dia seguinte voltei e ela me disse: "Vê lá se você vai fazer com ela, o que fazes com as outras, hein?, ela parece ser uma pessoa muito bacana!", nunca esqueci disso. E realmente todos gostam muito dela, inclusive eu (muitos risos). Meus pais adoravam ela, inclusive eu escrevi... é ... nós nos conhecemos no dia 1º de janeiro 1972, então num desses primeiros de janeiro, eu escrevi uma cartinha pra ela e agradecendo tudo que ela fez pelos meus pais, principalmente para meu pai até a morte, porque eu não tinha paciência, ela sempre era um equilíbrio e não só por isso, mas por tudo que aconteceu na nossa vida.- Robert P. Excerto da entrevista (grifos da autora)

Tanto a virgindade como o casamento formal, não fazem parte do repertório deste português naturalizado, ao contrário do que geralmente sucedia na época, foi ele que insistiu para se casar e não ela, pelo contrário, não aceitou, mas sem que isso determinasse a relação deles:

Eu me considero casado, mas na verdade sou divorciado e N. solteira. Porque na época não

existia o divórcio, tinha o desquite. Então nós nos conhecemos e sugeri para irmos ao Uruguai casar. Me apaixonei pela N.! disse ela: "não!" a mãe dela que sugeriu que devíamos casar na igreja, mas pra que? é frescura, mas um cara apaixonado faz tudo não é? mas depois que saiu o divórcio aí voltei a falar com ela, disse: "não! pá, pá ..." (...) desde o início ela nunca quis casar. (...) no início não havia o divórcio, quando eu sugeri casar no Uruguai ela disse: "eu tô casada contigo, é só um papel". - Robert P. Excerto da entrevista (grifos da autora)

Vejamos agora como David G., outro carioca (já que Robert P. foi morar no Rio de Janeiro com dois anos), fala sobre seus casamentos e demonstra também uma certa "desorientação" depois do divórcio:

*Meu casamento. Meus casamentos, no plural. Eu fui casado 22 anos com a mãe das minhas filhas (...) passei dois anos sozinho, gravitando em torno da minha ex-mulher e filhas, ia lá domingo, fazia churrasco e tal, aquela coisa. Até que eu encontrei uma criatura que me tirou daquela rotina. Eu precisava desesperadamente, porque o homem sozinho é uma porcaria! Ele não funciona, não funciona! (risinhos) eu tive uma babá pra cuidar de mim, porque a gente não sabe nem lavar a louça (...) fiquei com essa segunda mulher seis anos e aí de repente encontrei minha atual, com quem estou há dezoito anos e aí cheguei a uma conclusão: **a gente tem o direito e quase obrigação de ser feliz**, de procurar a felicidade e neste ponto, tem muita gente que fica no primeiro casamento, porque acha que é contra a religião, contra a sociedade se separar, tendo filhos e tal ... eu digo uma coisa, eu nunca fui tão feliz na minha vida como com essa esposa que eu tenho hoje vivendo honradamente 18 anos comigo. David G. Excerto da entrevista (grifos da autora)*

Na entrevista ele demonstra todo o tempo que o homem não foi feito para *lavar a louça*⁴⁴ ou *lidar na cozinha*. No entanto, a dificuldade que reconhece em não saber se *virar sozinho* parece não afetar a harmonia do casal. Ele e sua atual companheira estão experienciando juntos suas velhices:

Momento mais feliz do dia pra mim, é quando eu sento de noite com a minha mulher pra olhar a televisão, aí nós olhamos as notícias, as novelas, me tornei noveleiro pelo momento, e a gente fica tomando um vinhozinho tinto. Isso pra mim é o momento mais bonito do dia! (...) minha companheira também está com 69 anos (...) tá se dedicando agora a ler muito, a parte de cinema, tem um grupo de amigas que fazem cinedebate, ela gosta de caminhar comigo, mas eu acho que na essência é diferente, até nos anseios. Ela também anseia viajar, mas é diferente, as reações são diferentes. - **David G. Excerto da entrevista (grifos da autora)**

David G. vê na sua mulher uma companheira de viagem, de atividades diárias, alguém que possa cuidar dele, porém, é incisivo na diferença homem *versus* mulher e na crítica à condição da mulher hoje:

Eu acho que a mulher perdeu muito, com essa invenção da pílula, essa igualdade que tem que ser alcançada a qualquer preço, nós somos essencialmente diferentes, não há razão para competir (...) você não deve ter conhecido, mas a nossa emoção de pegar a mão da namorada era uma coisa assim, bah! De eu escutar meu coração, uma coisa de louco de tanto que batia, e eu acho que isso se perdeu hoje em dia (...) eu

⁴⁴Robert P., pelo contrário afirma: eu gosto muito da minha mulher, eu não deixo que ela lave a louça, eu faço questão de lavar. Nós tínhamos a máquina de lavar, mas eu gosto de lavar, eu lavo toda a louça. Se ela precisar eu faço almoço pra ela, como faço para todos nós, por exemplo, agora ela tá viajando, então faço almoço todo dia, entende? – **Excerto da entrevista**

acho que a coisa do fiquei é horrenda (...) não acho que o homem possa e a mulher não, acho que os dois tem o mesmo direito, sempre em tudo, mas eu acho que vulgarizou demais! - David G.
Excerto da entrevista (grifos da autora)

O motivo do divórcio com sua primeira esposa foi justamente a competição profissional: *começamos a competir um com o outro. E nesta competição realmente prejudicou o casamento (...)*. Na citação acima podemos perceber uma certa contradição: ao mesmo tempo em que ele acha que a mulher e o homem têm o mesmo direito, também acredita que são essencialmente diferentes e que por isso, não há razão para competir. Parece ser um caso de retorno ao biologismo, uma reificação das diferenças biológicas, percebida no: *somos essencialmente diferentes*, uma forma de tentar explicar comportamentos, atitudes e os direitos de cada um. Robert P. também reconhece as diferenças biológicas, mas no que diz respeito à velhice, desfaz essa diferença: *(...) diferença nenhuma, talvez só a biológica, mas ... a velhice foi o que eu acabei dizendo ... eu acho que a gente tem que nascer, viver e morrer, tá? - Excerto da Entrevista.*

No sentido das redes de socialização na velhice, o último casamento de David G. permitiu ganhar mais filhos e filhas da companheira, genros, noras, netos e netas:

Nós temos ido a São Paulo/SP ver os filhos e netos, também à Porto Alegre (...) agora recebemos este fim-de-semana visita de um filho de Porto Alegre/RS, filho que eu digo, é o filho da minha esposa, seria meu enteado, eu chamo ele de filho. Recebemos a visita dele, no início de julho agora vem minha filha com os 3 netinhos,

depois em agosto nós vamos passar 14 dias cuidando dos netos dela em São Paulo/SP, os pais vão viajar, e assim a gente vai levando.
David G. Excerto da entrevista

Conforme apontou Mannheim (1998), as gerações estão num constante estado de interação, num aprendizado mútuo, especialmente em nossa época em que há várias gerações habitando os mesmos espaços e, no caso de David G., permitido pelo seu posicionamento de buscar ser feliz e conhecer outras pessoas. Ele me mostrou ao final da entrevista um álbum de família com fotos diversas em vários momentos de sua vida, que lhe foi dado como presente por seus enteados. Foi quando ele saiu do seu estado quase formal de responder às perguntas, para adentrar no seu "mundo", o da sua vida inscrita ali naquelas fotos e mensagens.

A interação com sua família, agora expandida pela da atual companheira, propicia perpetuar seu legado, o de ser amigo dos (as) netos (as), tal qual seu pai também foi dele. Sente-se útil ao contar histórias para eles e fazer atividades esportivas, ainda que lhe custe um pouco, pois ele próprio foi um esportista de várias modalidades, agora resgatadas:

E meu pai foi meu melhor amigo (grande silêncio) ... é o que eu procuro ser hoje para meus netos, inclusive chegou meu neto de 15 anos tal, aí fui voar de "parapent" com ele. Ele tava louco de medo! eu quase morri na subida, na plataforma, e o pobrezinho ficava no meu lado: "vô - ele me chama de opa, opa é o vô em alemão - opa! você tá bem? tá bem?", e eu dizia: "não, você vai na frente que eu já vou e tal", e ele não saía do meu

lado. – David G. Excerto da entrevista (grifos da autora)

Conforme Bondía (2002) e Bosi (1987), sobre o conceito de experiência em notas de rodapé nº 20 e 22, *às experiências que nos passam, que nos acontecem e nos tocam no passado, em seus milhares de pormenores, é misturada aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos, permitindo uma relação do corpo presente com o passado e interferindo no processo atual de representações.* David G. ao resgatar o *parapent*, um esporte praticado no ar, foi uma forma de resgate de uma experiência vivida por ele, repassada ao seu neto, daquilo que lhe tocou profundamente: *Olha uma boa experiência foi voar. Eu voei muitos anos e pra mim uma má experiência, a coisa mais terrível que me aconteceu, quando tive que parar de voar por problema de ouvido. Isso quando jovem ainda (...).* Uma continuidade percebida nesta ação e nos valores de amizade que teve do pai e repassa agora para o neto.

Com Neil Y. há também uma continuidade geracional, não só nos valores, mas também nos costumes, uma tendência e vontade de que as coisas aconteçam e sejam como antes, da forma como concebe e entende o mundo. É com tristeza que vê as mudanças comportamentais ocorrendo, não dentro de um cenário maior, mas na percepção de seu mundo, de como, por exemplo, as relações conjugais eram e deveriam ter continuado a ser:

É ... mudou muito né moça? Olha, naquela época era o casamento, era bonito, casamento de véu, eu me casei aqui nesta igreja aqui onde eu morava. (se referindo à Igreja da UFSC) (...) Antes de me casar, tivemos que fazer a coisa aqui

no padre, viemos aqui, tudo sabe? A gente não podia tá beijando a moça na frente dos pais e nem da irmã, eu quando vinha conversar com ela aqui, ela tinha ainda irmão, moço já, ficavam na sala com nós, não podia se beijar, nem estar rosto com rosto. – Neil Y. Excerto da entrevista

Ele compartilha da opinião de David G. sobre uma certa vulgarização da mulher, embora não tenha atribuído nenhum motivo especial, como a invenção da pílula, ele fala que: *Hoje a moça tá assim ... como assim dizer, ficar ... a moça hoje fica na casa do moço, do namorado, não é nem noivo! Ela fica na casa dele! Dorme no quarto dele, mesmo que durma em outra cama, fica no quarto. Naquela época não!* O casamento para ele, tal como o trabalho e em função deste (como já visto), é o que permite uma maior socialização, já que os vínculos familiares foram se perdendo na venda do sítio e ele e a mãe foram trabalhar em casa separada. O casamento para Neil Y. tem um sentido sagrado de proteção à esposa e filhos, de fidelidade mútua, onde a mulher deve seguir seu marido onde quer que ele vá, de acordo com sua citação a respeito dos tios e tias e se referindo a mim: *Claro, foram acompanhar os seus maridos! Ora, se tu é casada com teu marido, pra onde ele vai, tu tens que ir né?*- **Excerto da entrevista.**

J. Beck e Mick J. vêem com bons olhos a independência da mulher e o seu papel. Suas afirmações sobre a Mulher é mais sobre a condição dela no mundo e na sociedade em oposição ao lugar do homem, do que propriamente de suas relações conjugais:

Fiquei casado uns 30 anos. Trinta e cinco. Olha a gente viveu razoavelmente bem até 20 anos. Depois disso a coisa foi ... são coisas que a gente

enquanto mais novo bate, acerta, esclarece. Depois quando vai ficando ... a relação vai deteriorando mais. Acho que se eu tivesse feito ... o recurso de um psicólogo, de um psiquiatra, a gente teria ido mais longe, mas é o que passou, a gente separou. Uma coisa que eu gostaria de ter, mas não tomava a iniciativa, porque é uma iniciativa chata não é? (...) a mulher hoje está muito mais independente, tem muito mais espontaneidade, encaminha as soluções, resolve os problemas dela com mais conhecimento. Quanto ao trabalho, você vai acabar ficando em todos os setores, o que é bom. Dá pra pensar, há bem pouco tempo, numa militar feminina? Não dava pra acreditar não é? E desempenhar bem a função. A lei reconheceu o direito delas e obrigou o homem a aceitar a mulher (...)- J. Beck.
Excerto da entrevista (grifos da autora)

Ao contrário de David G. ou de Robert P., a idade e/ou a doença possuem um peso que o impossibilitou de resolver algumas questões, no caso aqui, o casamento. Com mágoa em suas palavras, admite que se fosse "mais novo" pudesse ter esclarecido, tentado o recurso de um psicólogo ou psiquiatra. Mas, conforme sua posição política perceptível em toda a entrevista, sai do âmbito privado e vai para o público, falando com orgulho sobre a conquista da mulher na sociedade.

Mick J. também de um modo menos privado e mais no sentido da Mulher em oposição ao homem, considera-a como a grande personagem:

A mulher que é a grande personagem. Não é dizer que é a heroína, mas ela que é o umbigo do universo (...) não é dizer que ela seja mais inteligente, ela é inteligente, é a que tem percepção, a que tem sentimento, ela é a origem do surgimento (...) além do mais ela é mais

habilidosa. (...) A roupa, a proteção dos filhos, da intimidade, está tudo relacionada a ela. - Mick J.
Excerto da entrevista

Para David G., Robert P. e Neil Y., o *ser homem e ser idoso* ampara-se no papel desempenhado por suas companheiras. Em nenhum momento ela é vista como *sexo frágil*, mas como suporte para que eles possam dar conta de suas vidas, como Neil Y. que para poder participar de tantas atividades na universidade, atesta: *Sim, a minha senhora! Ela é que cozinha pra mim.*

A androginia – vertente dos estudos de gênero e envelhecimento - nestes casos é totalmente descartada. Meus entrevistados em nada parecem *velhinhos feminizados*, demonstrando em sua postura, gestos, entonação da voz e conteúdo da entrevista, os mesmos elementos masculinos percebidos em homens com idade inferior, mesmo que em alguns deles, não haja um só cabelo preto ou nas palavras de Robert P., driblando a sexualidade admite: *quando era jovem, achava o seguinte: o principal no casamento era o sexo. Com o passar do tempo a gente sente que não tem nada a ver! (risos) o principal do casamento é o amor.* Sobre a sexualidade, há quase uma ausência na fala dos quatro entrevistados (considerando que as perguntas não foram, necessariamente, sobre este tema), somente Robert P., o mais velho, expõe com franqueza suas considerações a respeito do sexo, sem pudor: *quando eu tinha 20 anos eu não pensava assim! A mulher tinha que ser boa, ta, ta, ta, ta, todo dia (...).* Os demais não expõem nada sobre sua sexualidade, nem com jargões. Apenas falam em

relação à mulher, ora sobre seus casamentos, ora sobre a condição da mulher na sociedade ocidental.

5.3. ***"Acho que é por causa do machismo, que eles acham que é coisa pra mulher!": sobre maior participação feminina nos programas para terceira idade***

Indagados sobre porque consideram uma baixa participação masculina nos programas para a terceira idade, meus entrevistados respondem que é devido ao "machismo", inibição do homem e maior facilidade da mulher em atividades coletivas ou em suas palavras:

Eu ainda acho que é por causa do machismo, que eles acham que é coisa pra mulher! Hoje me parece que tem muito mais mulher na universidade (...). Porque homem não quer nada! Mas eu acho que é o machismo. – Robert P.
Excerto da entrevista (grifos da autora)

(...) os homens são muito "mandrião", não querem nada com nada, acham que porque já fizeram seus 75 anos, 67 anos ou 60 anos, já desistem, porque tem muita gente que diz: "porque eu vou estudar? Já passei a minha vida, já passei a minha infância, já trabalhei, agora não quero mais nada, só quero descansar", é boa vida, água fresca e sombra, eu acho que são muito malandro (...). **Neil Y.- Excerto da entrevista (grifos da autora)**

Primeiro porque tem mais mulher no mundo (risos), segundo, a mulher é mais desinibida do que o homem. Muitos pontos fortes em grupos de organização de idosos é a parte de lazer, digamos, movimentação que é uma forma de exercício não é? (...) O homem tende muito mais ao isolamento, do que a mulher. Mulher, deu vontade ela vai no muro e conversa com a vizinha. A solução para a mulher é mais fácil. (...)

a mulher está assumindo algumas coisas que o homem assumia, mais uma vez ela leva vantagem, é desinibida, (...) quando se juntam, são muito mais assanhadas, podemos dizer (risinhos) do que o homem, disparado. O homem é mais fechado, é cabrero. **J. Beck - Excerto da entrevista (grifos da autora)**

A princípio pelas diferenças: homem e mulher, isso qualquer idade, não é uma questão de terceira idade exatamente, mas dentro desse processo histórico, isso é assim mesmo, o homem está sempre junto de outras tarefas pseudo-perigosas, de proteção, manutenção (...) eu acho que a mulher tem muito mais esse perfil de um coletivo, do relacionamento em conjunto (...) até nas questões que são, digamos, convencionais no próprio esporte (...) o homem se relaciona com o futebol, com a galera, com a torcida num determinado limite parece, depois dali é outra história (...).Inclusive de ter uma leitura social, filosófica, aí que ele não participa mesmo! Até porque o homem tem esta dificuldade, numa visão genérica, geral, ele não se entrega muito às questões de exposição, de análise, que naturalmente entre os grupos acabam suscitando respostas, então acho que pode ser por aí a dificuldade. **Mick J. Excerto da entrevista (grifos da autora)**

Primeiro lugar o homem morre antes, via de regra. Hoje que as mulheres estão começando a morrer mais cedo e aí as viúvas realmente procuram no NETI uma ocupação exatamente dentro daquele sentimento que eu te falei de mim, eu acho que são poucos os homens que se preocupam, via NETI, por exemplo, ser útil à sociedade. Nos Contadores de História dá pra contar nos dedos da mão, porque o homem eu não sei, talvez até pela própria natureza dele, não sente essa alegria em poder proporcionar isso para as crianças. Então eu acho que fundamentalmente o homem se dirige para outras

áreas, tipo o Rotary, coisas assim. E o NETI neste ponto, vai continuar sendo baluarte feminino.-
David G. Excerto da entrevista (grifos da autora)

Como podemos perceber, os motivos de pouca participação masculina, segundo meus entrevistados, variam, tanto pelas questões demográficas de maior longevidade feminina, como pelo "machismo" e o costumeiro argumento de que a mulher é mais desinibida. Um perfil mais voltado para um coletivo, ou nas palavras de Mick J., mais afeita *às questões de exposição e de análise, com uma melhor leitura social*, ideia essa endossada por Debert (1994) que atesta que a luta por mudanças culturais mais amplas (a dos movimentos sociais) mobiliza um público feminino. (p.39), embora considere que tanto as associações de aposentados (de maioria homens), como os programas para a terceira idade (de maioria mulheres), sejam espaços de luta contra os estigmas do envelhecimento.

Esse debate não é novo, Lopes⁴⁵ in Grunewald (1997) já apontava que em 1988 havia baixa participação masculina nas atividades físicas para a terceira idade na UFSC:

"o que chamava a atenção era a procura só da figura feminina, os homens eram convidados, mas não apareciam. A partir de 1988, foram criadas atividades físicas para casais, quando então idosos do sexo masculino aumentou, mas as mulheres

⁴⁵ Marize Amorim Lopes é doutora em Atividade Física e Saúde pela PPGEF/CDS/UFSC. É criadora e coordenadora do Projeto de Extensão Atividade Física e Dança Folclórica para Terceira Idade, desde 1985. Disponível em: <buscatextual/cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4704731Y4>. Acesso em 15 jan 2011. Ressalto que o Projeto de Extensão Atividade Física e Dança Folclórica para Terceira Idade não faz parte do programa do NETI, senão como projeto parceiro do núcleo.

são ainda a grande maioria". (GRÜNEWALD, 1997: 38 e 39).

Juliana Bustamante, bacharel em Ciências Sociais/UFSC, realizou sua pesquisa de campo no grupo da professora Marize constatando nas aulas-ensaio que:

"havia poucos homens, comparado ao número de mulheres - geralmente eram só dois ou três homens e mais de vinte mulheres - tanto que em algumas falas a professora utilizava substantivos e adjetivos femininos para caracterizar ou se dirigir ao grupo. Para resolver a falta de homens no grupo em diversas coreografias as mulheres do grupo se vestiam de homem". (BUSTAMANTE, 2008:61)

Como já visto, Debert (2009) atesta ser comum atividades para a terceira idade atrair mais mulheres, especificamente as de 50 anos nos programas que admitem esta faixa etária. No entanto, isto não impediu meus entrevistados e outros homens idosos a participarem do NETI, mesmo tendo no início alguma relutância:

Foi interessante porque eu até cheguei a falar na época com a coordenadora. Eu achava um absurdo, que toda vez que se falava no NETI na televisão, aparecia lá um bailinho, idoso com idosa, idosa com idosa e tal, que eu pensei em não fazer esse curso (...) eis que a N. que é a minha esposa, resolveu entrar. Quando ela me disse quais eram as matérias que ela estava estudando, aí sim! Então não é o que eu pensei, não é? É mais sério. Então, no semestre seguinte eu iniciei e foi a melhor coisa na vida que eu fiz.-
Robert P. Excerto da entrevista

Robert P. entrou no núcleo por intermédio de sua esposa, depois de ter percebido que não se tratava de *bailinho de idoso com idosa*. Um

tempo depois, sua esposa saiu e ele continua até hoje. Terminou o Curso de Contadores de História e, segundo a professora deste curso, quando acabou ele lhe perguntou: *e agora, o que a gente faz quando acaba o curso?* Ao que ela respondeu: *continua*. E ele continuou, criando o Grupo A Hora da História. Desde 2004 atua a frente desse grupo, de maioria mulheres, contando histórias em ILP's, creches, escolas e demais lugares e eventos, como a Semana de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina:

"A contação de histórias, as rodas de canto, as apresentações do Grupo de Teatro e o Varal Literário Itinerante foram o ápice do Projeto dentro da programação. As histórias foram contadas para diversas faixas etárias visitantes do Estande. O grupo A Hora da História intercalou sublimemente a contação, numa relação de solidariedade e ajuda mútua entre seus membros, cada um contando as histórias que sabia e acumulando outras mais cada vez que ouvia seus colegas contarem. Como aparato de ilustração das histórias, foram utilizados pelos contadores e pelos participantes do Teatro, objetos alusivos às histórias: fantoches, desenhos coloridos, maletas com festins, cantigas, entre outros". (SILVA et al, 2010:66)

David G. também um participante dos Contadores de História, procurou por uma vaga no NETI, tendo como mola propulsora, o querer *ser útil*:

Eu entrei no NETI por uma ... não lembro mais quem me falou que havia esse curso pra Formação de Monitores Gerontológico, onde eu poderia ser útil, justamente quando eu tava procurando algo. E aí busquei informações e cheguei lá e consegui uma vaga. O Contadores de

História depois eu consegui pela própria Eloá que nós nos demos muito bem durante o curso, então ela me arranhou uma brechinha pra eu contar história. Ela é fantástica, é uma das pessoas que mais admiro na vida. **David G. Excerto da entrevista (grifos da autora)**

O Curso dos Contadores de História lhe serviu *como uma luva*, no final deste curso, cada estudante deve criar um mastro com uma história que possa identificar-se nela. David G. escolheu a História da Águia, constante no início deste trabalho, pelo seguinte motivo:

Ah! a história da águia é a história que eu mais gosto de contar, porque eu consegui adaptá-la a minha vida! quando eu queria morrer, te contei que eu rezava pra morrer, foi quando não tive mais chance de continuar voando ... e aí eu comecei de novo, já tinha abandonado faculdade, tudo pra voar. Comecei de novo e fui muito feliz, fui bem sucedido. Então eu sinto isso como um exemplo, porque tem muita gente que é derrotista, então deixam-se entregar, se entregam! não dá mais ... e eu acho que sempre dentro de nós tem aquela força de começar de novo. Eu com 50 anos, cheguei a ser rico, mas com 50 anos tinha perdido tudo pra salvar os avais que eu tinha dado lá na fábrica da minha ex-mulher, foi um dos motivos de nossa separação, do divórcio, e eu comecei tudo, pelado de novo, não é? eu me lembro, eu entrei de sócio numa lojinha de brinquedo, eu varria a calçada, fazia de tudo, não é? foi muito difícil, mas venci, estou feliz da vida. **David G. Excerto da entrevista**

J. Beck entrou no NETI não por causa de sua aposentadoria – que como já exposto, ele continuou trabalhando -, mas devido ao surgimento da doença de Parkinson:

Numa palestra dada por uma francesa ... num anúncio de jornal me convidando, eu apareci. Falando sobre Parkinson. E aí tinha uma lista pra assinar a presença, eu assinei (...) – J. Beck.
Excerto da entrevista

É interessante perceber que das vinte e cinco atividades oferecidas pelo NETI, o Grupo de Apoio ao Portador da Doença de Parkinson⁴⁶, é a atividade que mais congrega participação masculina com 57% contra 43% de participação feminina, segundo boletim de dados de 2010 disponibilizado pela secretaria do NETI. Depois só é seguido pelo Curso de Italiano I, com 40% de participação masculina. Os cursos de línguas são os mais procurados pelo público masculino, embora a participação seja majoritariamente do público feminino. Dos cinco cursos oferecidos, subdivididos em: inglês introdução A e B; inglês L1A, L3A e 4A; francês; espanhol conversação, espanhol 1A e 1B e espanhol 2 e 3; esperanto; italiano 1, 3 e 5 e italiano 4A e 4B, 15% das vagas é preenchida por homens.

⁴⁶ A Doença de Parkinson (DP) foi identificada pelo médico inglês James Parkinson, em 1817, como sendo uma alteração do sistema nervoso central que afeta os mecanismos de produção de neurotransmissores, resultando em distúrbios do movimento como: tremores, rigidez muscular e alterações posturais, os intitulados sinais cardinais. Problemas não motores também podem estar presentes no quadro, especialmente depressão e os relacionados com alteração do sono, da memória e do comportamento. As causas da doença são definidas como idiopáticas, pois ainda são desconhecidas, mas admite-se que 5% dos casos sejam hereditários e que o restante esteja vinculado a causas múltiplas (medicamentosa, tóxica, infecciosa ou traumática). A Grande Florianópolis (Florianópolis mais os municípios de São José, Palhoça, Biguaçu e Governador Celso Ramos), apresenta uma população estimada em 600.000 habitantes. Os cálculos internacionais consideram que a Doença de Parkinson atinge, em média, um em cada mil habitantes, independentemente de região, país, sexo ou população. Aplicando-se esse índice à Santa Catarina, neste estado teríamos 5400 casos e a Grande Florianópolis um número próximo a 600 portadores. (5ª SEPEX. Anais do Evento, 2005)

Mick J. foi um dos que preencheu estas vagas, no entanto, ele é o único entrevistado que entrou no NETI por outros motivos, que não o considerar-se idoso e/ou fazer atividades para a terceira idade. Na Semana de Pesquisa e Extensão ele foi contratado, enquanto design, para tratar da identidade visual do Estande do núcleo. Durante sua estadia, interessou-se pelo francês e resolveu cursar um semestre e depois parou:

*Eu já não estou fazendo mais. Como toda minha vida ... você vai ver na entrevista que esta minha mudança de rota é uma frequência 24h, começo fazendo uma coisa e termino outra e o francês no NETI foi uma coincidência, por que como eu comecei a fazer o trabalho de identidade para aquele evento e naturalmente ... em determinado dia vi um cartaz que convidava pessoas para participar do curso de francês que estava voltado para esta faixa. E o francês é uma das coisas que eu sempre começo e paro. Então, na hora que eu li, pensei: "já que estou fazendo uma coisa aqui, posso fazer outra e acho que vai ser bom por várias questões, não é? " e ali comecei a fazer e fiz o primeiro bloco naquele semestre. **Mick J.**
Excerto da entrevista (grifos da autora)*

Neil Y., ao contrário de Mick J., entrou no NETI por intermédio de uma outra pessoa, em busca de atividades para a terceira idade. O *querer aprender mais um pouco*, fez com que participasse em várias atividades do núcleo. O estudo, assim como o trabalho, esteve sempre presente em seu discurso na entrevista:

Quando foi um dia o M. (seu patrão) perguntou pra mim se eu queria trabalhar na loja dele, aí eu disse: "trabalhar eu posso trabalhar, mas eu não tenho estudo!". Claro, eu não tinha estudo, não tinha nada. Aí tá, eles disseram que era pra

*limpeza, não era pro balcão. (...) é, ela (sua esposa) já teve mais estudo, porque o pai dela era da roça, mas o pai dela já cuidou mais né? Ela teve, já no final da vida teve, ela fez vários estudos, eu não ... ela quando casou comigo, sabia ler, sabia escrever bem, e ainda hoje sabe! (...) porque tem muita gente que diz: porque eu vou estudar? (...) tem mais é que estudar, fazer ginástica, fazer musculação, fazer física, correr um pouquinho, se pode correr e mexer com o corpo, isso é muito bom, é ótimo pra nós, pra não deixar o ferrugem comer (...) chego em casa como, estudo um pouquinho e a tarde estou aqui, às duas horas (...). Leio os papéis daqui, estou sempre estudando em casa. Estudo no computador. - Neil Y. **Excerto da entrevista (grifos da autora)***

E não só o estudo e o trabalho, mas a atividade física é ressaltada em vários momentos da entrevista como condição de bem estar, especialmente na velhice.

As atividades para a terceira idade oferecidas pela universidade tem para Neil Y. um significado muito além de uma ocupação para o tempo livre. No seu caso, tempo livre é o tempo que não está na universidade, o tempo que lhe sobra para visitar seus filhos e a família. Os amigos e demais parentes nem sempre sobra tempo: *há anos não vou na casa de meu compadre, que mora tudo um do lado do outro. Eu tenho o dia cheio, não tenho tempo.* Os primeiros 20 minutos de entrevista foram para contar minuciosamente todas as atividades que participa, eis alguns trechos:

Ah! Você quer saber de tudo que eu faço na faculdade? É muita coisa! (muitas gargalhadas). Eu faço estudos para a terceira idade, coral, teatro (...) Tô na escola da Marize (se referindo ao

Programa de Atividades Físicas e Dança Folclórica para a Terceira Idade, oferecido pelo Centro de Desportos da UFSC) *fazendo Pau de Fita, Dança da Rendeira, Ratoeira, tá, 3 coisas né? É ... ginástica com a Marize também, Boi-de-Mamão.(...) faço também musculação, memória, violão, tudo aqui na faculdade, o violão é a noite, escola de violão. Ah! Ano passado tava no computador também!*(a Oficina de Inclusão Digital). – Neil Y. **Excerto da entrevista (grifos da autora)**

Os entrevistados apresentaram vários motivos de inserção no NETI: por causa da esposa, para sentir-se útil, pelo surgimento da doença de Parkinson, para trabalhar num evento e para aprender mais. Em nenhum momento a condição etária foi citada como motivo pela procura, mesmo esta sendo uma das normas principais para entrada no núcleo. Como visto no capítulo I, eles não se sentem embaixo do "guarda-chuva conceitual da terceira idade".

5.4. ***"Vindo com saúde, tanto pra um, quanto pra outro, é bom": velhice, saúde e doença***

De acordo com o IBGE, a partir do Suplemento de Saúde da PNAD 2008, 45,5% dos idosos no país em 2008, afirmaram que seu estado de saúde era "muito bom" ou "bom", enquanto 48,9% sofriam de mais de uma doença crônica, conforme citação abaixo:

"De acordo com o Suplemento de Saúde da PNAD 2008, apenas 22,6% dos idosos declararam não ter doenças. Entre aqueles com 75 anos ou mais, este percentual caiu para 19,7%. Quase metade (48,9%) dos idosos sofria de mais de uma doença crônica, e, no subgrupo a partir de 75 anos, o percentual atingia 54%. A hipertensão foi a enfermidade que mais se destacou, com

proporções em torno de 50%. Dores na coluna e artrite ou reumatismo atingiram respectivamente 35,1% e 24,2% das pessoas de 60 anos ou mais. Enquanto 77,4% dos idosos declararam sofrer de doenças crônicas, 45,5% afirmaram que seu estado de saúde era “muito bom” ou “bom”. Apenas 12,6% disseram ter a saúde “ruim” ou “muito ruim”, e, entre estes últimos, destacaram-se aqueles com 75 anos ou mais, os pretos ou pardos e os que viviam com renda familiar de até ½ salário mínimo *per capita*". (IBGE, SIS2010)

Participar das atividades do NETI, do Centro de Desportos e das atividades disponibilizadas pelo Departamento Artístico Cultural presentes na universidade, sem sombra de dúvida, é um meio de manter corpo e mente saudáveis. Doenças crônicas, hipertensão e reumatismo apontadas pelo IBGE com alto índice de incidência nos (as) idosos (as), podem ser minimizados pelos exercícios físicos e participação em atividades coletivas de cunho intelectual e de aprendizagem. O incentivo à capacidade de aprender e conviver com outros (as) idosos (as) e pessoas de idades diversas, contribui na valorização pessoal e auto-estima. Atividades como artesanato, jogos de memória, contação de histórias, leitura e escrita, aulas de violão, teatro, entre outros, promovem benefícios para uma velhice saudável e uma melhor qualidade de vida. Esse bem estar é percebido na fala de alguns idosos e idosas participantes do Grupo Teatral Chão de Estrelas/NETI, apontado por Edilberto da Silva (2007), o Brito, em relação ao envolvimento das atividades do seu Grupo:

Ilza responde que: "sinto-me muito mais segura, menos acanhada e tímida"; Juracy: "adquiri desenvolvimento em grupo, história de vida, agregação, incorporação de personagem,

exercício físico e leitura de textos, fez com que meu corpo e minha mente passassem a funcionar bem melhor e fiquei mais desembaraçado"; Léa: "sinto-me mais livre, busquei mais amizades; por isso sou grata ao grupo; Yara: "mais confiança no meu potencial, menos timidez, mais coragem e a ajuda do grupo que tem me dado força, amor e carinho, pois para mim são minha família"; Elfriede: "fiquei mais solta". (SILVA, E., 2007:52 e 53) (grifos da autora)

Neil Y. que também participou um tempo do Grupo Chão de Estrelas, é um verdadeiro atleta. Extremamente disciplinado, ele é sempre o último a sair do NETI. Sempre quando nós, bolsistas, coordenadora ou funcionária saímos no final do expediente, é *praxe* olharmos na sala do Curso de Leitura e Escrita, pois lá está Neil Y., revisando o que estudou até chegar a hora de sua aula de violão ou da ginástica: *Eu tenho um violão, comprei um. A aula começa às seis até às sete. Aí vou embora pra casa, vou estudar até 11h da noite. No dia seguinte começa cedo sua jornada:*

7:20h eu já estou na musculação! E depois 7:30h, ginástica, mas a musculação é segunda e quarta, tem os horários ... não é todo dia musculação, não! (...) 2ª feira, 7:20h vou correr naquela quadra grande, quem vai para o Pantanal, dentro da faculdade, correr meia hora, não corrrrrrrr, mas correr devagar, o professor fica olhando todo mundo, senhoras e tudo. Só quem pode correr é quem tem o papel do médico, senão não pode (...) se você vê que o coração tá doendo, você pára! O professor tem que saber disso tudo! Porque senão vai deixar a gente correr pra cair já morto! (...) eu gosto muito de ginástica, eu me sinto bem, tem que ser com gosto. Como acaba às 9h, eu venho correndo pra cá, pra pegar a aula (...) Tem vezes que não faço nem um lanche, só

*tomo um cafézinho às 6:30h em casa e venho (...)
aí eu saio daqui 12h mais ou menos, chego em
casa como, estudo um pouquinho e a tarde estou
aqui, às duas horas. – Neil Y. Excerto da
entrevista*

Indagado se costumava tomar algum tipo de remédio, ele responde: *Eu tomo remédio pra ginástica que é para os ossos, né? Esse osso aqui ó, tava muito fraco* (coloca a mão na perna direita), *fui no médico ... não tenho nada assim no coração, mas tem que tomar né? Vitamina tomo também, o médico que receitou.* É notório sua disposição física, especialmente também, porque tem o apoio de sua esposa, que aos poucos está participando de algumas atividades do núcleo por conta da participação de seu marido. Para ele, a sua velhice depende da saúde de sua esposa e vice-versa:

*Eu acho que é assim, a velhice **vindo com saúde, tanto pra um, quanto pra outro é bom!** agora, vindo com doença, aí é ruim, claro! A cama, o fundo da cama, como diz o ditado antigo né? É triste. Porque ou um ou outro tem que cuidar, se a minha senhora cai de cama, sou obrigado a cuidar dela, se eu caio de cama, ela é obrigada a cuidar de mim! Porque eu posso cuidar dela se ela estiver na cama, se eu tiver saúde! Se eu tiver na cama, ela tendo saúde, ela cuida de mim! E se nós não tivermos saúde? Como é que fica?! – Neil Y. Excerto da entrevista*

É interessante perceber que a maior participação masculina no NETI, com 57%, se dá no Grupo de Apoio ao Portador da Doença de Parkinson, de que sofre meu entrevistado J. Beck. Segundo informações obtidas com a bolsista do Curso de Enfermagem da UFSC e que é uma das responsáveis por este grupo, a doença de Parkinson ainda não tem

cura, mas existem probabilidades de melhoras, a partir de alguns exercícios, especialmente, impedir a depressão. Neste sentido, o grupo promove sempre eventos, além de reuniões periódicas entre os portadores, seus familiares e profissionais da área, para discutirem entre todos, os problemas e as soluções encontradas por cada um. Esta rede de solidariedade e sociabilidade é sentida por ele:

Olha, além da orientação que a gente recebe, tem principalmente o companheirismo, parece que a gente ... uma certa ... num bom sentido conduz, um informa o outro, a disputa é de quem tem menor ... não pior, certo? (...) como é que eu me enquadro nessa, fazendo uns exercícios, mantendo o corpo mais ou menos lubrificado não é? A gente na associação tem muito que ajudar ... tem alguma coisa de estudo, normalmente, e de obrigatoriedade não tem nada. – J.Beck.
Excerto da entrevista

Indagado sobre se costuma visitar amigos, responde:

Mais com a associação, mas a gente não frequênta a casa, dificilmente, é mais junta e vamos pra rua! (risos) resolver coisas que realiza a gente bastante, resolver coisas dos outros, ajudar, né? O ser humano gosta de prestar esse tipo de ... qual é mesmo a palavra? RESPONDO QUE É VOLUNTARIADO E ELE: Não, é mais livre do que isso. - J.Beck. **Excerto da entrevista**

A velhice para J.Beck é percebida de um modo pragmático, entrou no NETI pelo Grupo de Parkinson e sua continuidade ali se dá não em função de sentir-se velho, mas por sentir-se acolhido e próximo daqueles com a mesma doença que ele: *Velhice? (pausa) quem tá velho viveu, né? Conseguir ter passado. Bom não é, agora estar velho sozinho, isolado, não dá, pior ainda. –* **Excerto da entrevista.**

No entanto, a solidão para ele, nem sempre é um *mal sinal*. Como disse Mick J. *o homem se relaciona com o futebol, com a galera, com a torcida num determinado limite parece, depois dali é outra história*. Se no NETI, J. Beck busca o apoio de um coletivo, em casa, é outra história:

Moro sozinho, tenho a família que mora aqui em Florianópolis, mas eu vivo sozinho. (...) a minha filha mora no mesmo prédio que eu moro, mas ela chega e diz: "esse cabelo tá feio, essa blusa tá feia. Tira isso, não sei mais o que", mandando (...) a gente velha, você tem que aprender aquela intromissão do filho como uma coisa de transferência de papel, né? você vai fazendo ... ela vai ... coisas que eu faria se fosse menorzinho, a partir de um momento começa a dar opinião sobre você que é bem ... o senhor tem que fazer isso ... **J.Beck. Excerto da entrevista**

Ambos, Mick J. e J. Beck praticamente moram sozinhos, mas um falou muito e outro falou pouco, respectivamente. Logo, não parece que morar sozinho seja um sinônimo de carência ou de inabilidade comunicacional e social ou ainda, que o velho possa se interessar mais pelo passado do que o adulto, como nos aponta Bosi:

"O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsu seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito. Em suma, o velho se interessa pelo passado bem mais que o adulto". (BOSI, 1987:23)

E, por se interessar mais pelo passado, o velho tende a falar mais sobre ele do que ouvir ou não se interessar pelos assuntos do

presente. Pelo contrário, meus entrevistados, apesar de falarem com empolgação sobre suas vidas, uns mais do que outros, tem no presente o *seu chão*. As atividades de contação de histórias, os eventos do Grupo de Parkinson, o trabalho no Estande do NETI na SEPEX e todas as outras, sem falar nos eventos de suas vidas fora do núcleo, nas viagens, nos encontros familiares e de amigos, têm um peso, aposto dizer, tão ou quase maior que o passado:

Então, eu curto muito a minha casa! (...) eu não saio para andar na rua aleatoriamente. (...) vou ao supermercado, vou ao banco ou fazer uma visita, enfim ... e saio muito inclusive (...) gosto muito de viajar, viajo sempre, mas no cotidiano, a minha vida é assim, muito tranquilo. (...) meu projeto de vida é esse: gostaria de ver minhas netinhas mais crescidas, uma vai fazer um aninho agora em junho, outra fez 4 aninhos em março. Então seria meu grande projeto, como foi meu grande projeto quando conheci N. (sua esposa), seria ter um filho, ela me deu a graça de dar dois. Depois, o grande projeto que eu imaginava pra ver meus filhos encaminhados na vida, também aconteceu, se formaram, então não dependem de mim. Então, todos os projetos que eu tive consegui realizar. Fazer um trabalho voluntário pra mim é um GRANDE projeto, entendeu? –
Robert P. - Excerto da entrevista

Uma das coisas que eu sempre faço é jogar na loteria, na mega, eu tenho muita esperança! Eu faço projetos em termos se eu ganhar, e eu tenho certeza que ainda vou ganhar, pode ser uma quantia bem pequeninha, mas eu ainda vou ganhar! E eu faço muito... eu vivo com projetos, vivo! Eu realmente se eu não estou sonhando com alguma coisa, é porque eu tô doente. O meu maior sonho é poder viajar, eu adoro viajar! E minha mulher também gosta, então a gente

encontra uma felicidade muito grande viajando.

David G. - Excerto da entrevista

Vale ressaltar que o contexto da pesquisa de Bosi (1987) foi diferente, os (as) seus (as) "velhos" (as) entrevistados (as), digamos, - para fugir do termo quarta idade -, tinham idade superior aos setenta anos e seus limites físicos e cognitivos se encontravam no limiar da doença:

"(...) entrevistei longamente pessoas que tinham em comum a idade, superior a setenta anos, e um espaço social dominante em suas vidas: a cidade de São Paulo (...). Gostaria que se compreendessem os limites que os narradores encontraram. (...) suas memórias contadas oralmente foram transcritas tal como colhidas no fluxo de sua voz. E eles encontraram também os limites de seu corpo, instrumento de comunicação às vezes deficitário. Quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis". (BOSI, idem:pp.1-3)

Meus entrevistados partilham de um outro contexto. Nenhum dos que entrevistei, tem idade superior a 80 anos e, principalmente, o fato de todos participarem de um programa para a terceira idade, já os diferencia dos outros idosos, conforme Debert (2010) explicitou no capítulo I, sugerindo que a terceira idade é mais uma experiência inusitada de envelhecimento. O termo está mais ligado à existência de uma "comunidade de aposentados" com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios

apropriados para tornar reais as expectativas de realização e satisfação pessoal.

Por isso, a analogia aqui é ilustrativa. Na minha leitura, meus entrevistados partilham desta condição de "comunidade de aposentados", nenhum deles possui algum tipo de fragilidade que os impeçam de dirigir veículos ou de locomoverem-se e participarem das atividades e eventos. Com esta leitura de Bosi (1987), quis apenas desmistificar de que todo (a) idoso (a) é carente e gosta de falar. Inclusive, alguns deles, conforme apontado na metodologia, não estavam no início da entrevista muito dispostos a falarem.

5.5. ***"Por onde andaram os seus sapatos?": a fábula do caminho percorrido***

Três dos meus cinco entrevistados são contadores de história: Robert P., David G. e Neil Y. Para este último, contar histórias têm sido, ultimamente, uma atividade muito requisitada a ele, pelos (as) professores (as) e colegas do NETI. Assim que aprendeu a ler e a escrever, entrou no Curso dos Contadores de História. De acordo com a professora deste curso, foi-lhe solicitado contar uma história como exercício da aula. Não contou, mas leu o que tinha escrito e na sua leitura, a história perdeu o encanto, pois seu interesse era menos contar a história e mais demonstrar que tinha aprendido a ler. Esse fato, não é para desprezar a sua capacidade de ler e escrever, mas ressaltar a sua capacidade de contar história, a sua história. Tão cheia de pormenores, gestos, entonações e gesticulações. Para Bosi (1987):

"A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir "em si" o acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. (...) todas as histórias contadas pelo narrador, inscrevem-se dentro de *sua história*, a de seu nascimento, vida e morte. E a morte sela suas histórias com o selo de perdurável." (BOSI, 1987:47)

Transcrever a entrevista de Neil Y. foi uma tarefa instigante, pois a todo momento vinha à mente a sua peculiar forma de falar, com um número ilimitado de elementos ilustrativos e expressões faciais, de sua desenvoltura em lembrar fatos e pessoas, transitando entre o passado e o presente como um equilibrista, sem se perder, nem deixar cair a narrativa, dando voz aos seus personagens e retornando a ele:

Eu disse assim pra mãe (se referindo à esposa): "olha, como é que pode a luz baixou tanto? Nós pagamos aqui cem, cento e pouco real?" não sabia nada desse tal de gato, aí eu peguei guria, claro eu sou certo, sabe que eu sou, peguei os papéis, fui lá na Celesc e mostrei pra eles e disse: "não sei se estou certo ou errado, mas acho que o relógio tá errado! (...)". Me disseram: "ó seu Neil Y. ainda não tá pronto, tá aqui no computador, ainda não acabaram, vou dar mais 4 dias pro sr.". Esperei e fui. Sabe quanto deu de luz? Vai ficar boba! Oito mil e pouco! (...) a gente fazia fogo lá em cima pra fazer feijão, café crioulo, tomava dentro de uma cambuca (...) tomava na bica, não era nada como hoje não! Colher a gente fazia de pau, lá na Juliana, no Morro das Pedras, sabe onde é? Onde o ano passado caiu aquilo tudo? Pra lá ainda, lá em cima, mas pra banda virada pro Saco Grande, não do Santo Antônio (...). Lembro tão bem, muitas vezes eu levava sacos e sacos de batata doce pra falecida minha mãe lavar de noite, pro outro dia de madrugada às 4h o meu avô botava a cangalha

no cavalo e vendia pro mercado.- Neil Y. Excerto da entrevista

Para esses homens, contar histórias é uma forma de repasse de suas ações e pensamentos que deixarão para as gerações futuras, uma forma de perpetuar-se nelas, ainda que eles não tenham consciência deste repasse. São histórias reais, fábulas, contos, que ganham vida em suas palavras, performances e onomatopéias, como as utilizadas por Robert P. durante a entrevista: *(...) botava dentro com água, tchá, tchá (...)* Ela faz lá as orações dela, tá, tá, ta (...).- **Excerto da entrevista.**

Através das histórias, eles renascem, como disse Robert P.: *Eu me senti sem energia nenhuma. Me senti velho, velho. Só. Vim pra cá* (se referindo à Florianópolis) *e comecei fazer uma coisa ou outra, acabou a minha velhice, entende?* Essa "coisa ou outra" é também contar histórias com seus pares.

A fábula africana "A árvore dos sapatos" contada por Robert P., de autoria do escritor moçambicano Mia Couto (sem ano), demonstra este caráter de um caminho histórico percorrido: *"Uma árvore com sapatos fica entre uma aldeia e uma dada cidade. Cada pessoa que precisa ir à cidade, passa pela árvore e pega emprestado um sapato e na volta devolve os sapatos para a árvore, com a condição de contar aos demais por onde andaram seus sapatos"*.

Essa fábula foi adaptada e ressignificada pelo meu entrevistado português, naturalizado carioca, que a usou como seu mastro no final do curso. *Seus sapatos* partiram de Portugal, foram para o Rio de Janeiro e de lá percorreram todo o Brasil, enquanto representante comercial, até se

estabelecer em Florianópolis. Uma vez estabelecido nesta cidade, desde que se aposentou, não costuma usar os costumeiros *sapatos do velho*: os chinelos, mas segue à risca uma agenda de escolas, creches e outras instituições, contando suas histórias.

O contar histórias remete, de certa forma, ao que Weber (2004) chamou de Gerontocracia, explicitado no capítulo I, visto designar uma autoridade exercida pelos mais velhos, no caso aqui, o repasse oral e não escrito, de um saber. A fábula de Mia Couto remete às culturais orais das sociedades africanas, tendo o (a) idoso (a) um papel de guardião do saber, conforme aponta Rifiotis (2007) em seus estudos sobre as narrativas dos banto-falantes⁴⁷:

"Nas sociedades negro-africanas, onde a oralidade é o modo privilegiado de transmissão e manutenção de saberes, como é representada a figura do ancião, seu guardião? (...) se as manifestações orais, como a chamada literatura oral, são transmitidas pelos anciãos, o que se poderia encontrar nelas senão a reafirmação dos valores da ancianidade?". (RIFIOTIS, 2007:86)
(grifos da autora)

Nestas sociedades contar histórias é garantir a manutenção e prosseguimento de um saber às gerações seguintes e assim sucessivamente. De certa forma, todos meus entrevistados são contadores de histórias, mesmo os que não fizeram o curso, como Mick

⁴⁷Segundo o mesmo autor, essas sociedades ocupam uma área cultural geograficamente delimitada pela faixa de floresta equatorial que atravessa o continente africano, ocupada por diversos grupos étnicos (...) o que se chama genericamente de sociedades banto-falantes compreende um agrupamento de mais de 150 milhões de pessoas, que ocupam um terço do continente africano. O estudo de Rifiotis trata especificamente das narrativas dos seguintes grupos étnicos: Makonde (Moçambique), Mbala (Zaire), Tumbuka-Kamanga (Malavi), Tshokwe (Angola) e Luba (Zaire). (RIFIOTIS, 2007:86 nota de rodapé n.1)

J. e J. Beck. Eles falaram sobre suas vidas na entrevista, um mais prolixo do que o outro, mas ambos se utilizaram do recurso das lembranças, se atendo aos pormenores, dando novos significados ao presente a partir do passado contado. O evento da entrevista pôde ser uma experiência tanto do entrevistado como da entrevistadora, pois de acordo com Bosi (1987, p.43), “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que a escutam”.

5.6. ***"Morreu é o mesmo que está dormindo e mais nada, apagou!": de finitude e projeto de vida***

E aí eu via aqueles velhinhos esperando a morte, eu entrei em depressão e cheguei a conclusão que velho não pode cuidar de velho porque tá se vendo ali adiante. Então resolvi me dedicar a crianças. David G.- Excerto da entrevista

O fato universal e natural do ciclo de vida humana que compreende o nascimento, crescimento, velhice e morte, faz com que a velhice seja temida por anteceder a próxima etapa. Adiamos a velhice e queremos adiar a morte, como é o caso da citação acima do meu entrevistado, ao se ver naqueles em que acredita que um dia será, *velhinhos esperando a morte*, opta por se dedicar àquelas que um dia ele foi: as crianças.

Esquecemos que não se morre somente dentro do processo linear e natural, mas em idades distintas do ciclo de vida, o que acaba por ser um paradoxo, pois "se não é preciso envelhecer para morrer, a protelada chegada da morte nos faz seguir no rumo do envelhecimento" (Py, 2006:8). Robert P. aos 76 anos, reconhece a morte como efeito natural e diz estar preparado: *Eu acho que não vou viver muitos anos*

mais, eu tô preparado pra vida, então a morte é um efeito, uma coisa natural da própria natureza, é o prolongamento da vida. (...). – **Excerto da entrevista.**

A morte nem sempre é considerada como finitude. Na doutrina espírita, por exemplo, a ideia da reencarnação alcança a transcendência e, neste caso, a morte não é só fim, mas também começo. As variadas perdas apontadas por Robert P.: (...) *à medida que vai envelhecendo, a gente só tem perdas, né? É perda de saúde, perda de um parente, perda de um amigo, porque morreu, porque mudou (...)*, foi o que levou David G. a crer na transcendência, a partir da perda de sua filha e da doença que teve:

Tu sabe que eu acredito numa continuação, eu acho que existe algo, é o grande mistério da morte (...) é a tal da coisa, eu perdi uma filha, né? Gostaria muito de poder encontrá-la (...) tive uma notícia só dela, desde que ela faleceu, eu fui num Centro Espírita, os pacientes numa roda, acompanhado por médico aqui da terra e do médiun. De repente perguntaram pra mim, o que que tinha me levado lá: "o que me trouxe aqui foi meu câncer, mas mais do que o câncer, eu estou buscando alguma fé, porque desde a morte da minha filha, eu estou tentando alguma coisa, saber de alguma forma saber se ela está bem". No momento que eu digo isso, na roda, uma senhora que eu nunca vi na vida, (...) entrou em transe (...) olhando pra mim com os olhos arregalados: "sua filha está bem, ela cumpriu seu tempo na terra". (...) aquilo me fez um bem tão grande que eu acho que inclusive minha cura, deve muito aquilo, viu? (...) Então eu passei a achar que existe alguma coisa. A gente precisa acreditar, o ser humano se não tiver fé em alguma coisa, ele não pode ser feliz, tem que

Nas sociedades ocidentais, a partir do século XX, ao se desgarrar cada vez mais das tradições religiosas, a morte se torna um processo industrial, seja com a guerra, seja com as epidemias, a morte é banalizada, reprivatizada. Ferreira (2010), em seu trabalho de conclusão de curso no Hospital Universitário de Florianópolis, conceitua a morte no contexto hospitalar da seguinte forma: "a morte é um fantasma. Ela surge para nos lembrar que existe, mas raramente falamos nela. Muitas vezes, ela aparece como uma obrigação profissional e como tal, o nome oficial dela é 'óbito'(...)". Para ele, "vida e morte são como locais. Metáforas que aliviam a crueza de um fato ainda não-consumado". (p.64).

A finitude não expressa somente o fim do corpo biológico, mas é o "fim de tudo àquilo que passou por nós na vida, tudo o que, um dia, ganhamos e, então, um dia, não temos mais. E, nada sabendo do mistério da morte, é que sentimos a finitude como um sofrimento" (PY, 2006:10).

No entanto, na continuidade desta citação, a autora percebe "a finitude também como inspiração para o aprimoramento de nossa capacidade de transcender, de ir além dos nossos limites", ou seja, fazer valer nossa existência e perpetuá-la naqueles que ficam depois de nós, pois se para Bobbio (1997) "o tempo do futuro é incerto para empregar projetos, antes preencher o tempo para tentar entender o sentido ou a falta de sentido de nossa vida". (p.30), para muitos, como Robert P., nunca se pode deixar de ter projetos na vida: *eu continuo tendo meu projeto de*

vida de sempre: poder ajudar as pessoas, ajudar os meus filhos né?

Para ele, viver tanto tempo já é um lucro:

Naquela época, imaginei então, eu não vou chegar nesses 2000 mesmo! então tudo bem, tava tudo certo, entende? No entanto, hoje estou em 2010 vivo! (risos) e realmente a expectativa de vida na época, isso em 1940, era 50 anos talvez, não sei, mas eu imaginei que eu nunca fosse chegar em 2010! (ainda risos) imagino que tudo está sendo lucro agora! A expectativa de minha vida pra mim superou muito né? (...) quer dizer, eu já passei 10 anos.- Robert P. Excerto da entrevista

Pensar num projeto de vida na velhice, não requer, porém, grandes planejamentos, como nos diz J. Beck: *Assim ordenado não. Do jeito que vem, a gente tritura (risos), não tem muito problema.* Ou ainda segundo Bobbio (1997) "é o momento em que temos plena consciência de que o caminho não apenas não está cumprido, mas não há tempo para cumpri-lo (...) tal melancolia só é suavizada pela constância dos afetos que o tempo não consumiu" (p.32). Para este autor, a quem deve o mérito à sua mulher por ele conseguir chegar aos 80 anos, credita nos afetos a suavização das perdas de sua velhice.

David G. que ainda tem projetos de vida, como jogar na loteria e poder viajar, a concretização de seus sonhos e projetos se dá junto com sua esposa: *O meu maior sonho é poder viajar, eu adoro viajar! E minha mulher também gosta, então a gente encontra uma felicidade muito grande viajando, muito grande! Somos dois grandes companheiros de viagem.- Excerto da entrevista.*

Para meus entrevistados, a morte não é um fardo, nem tampouco a velhice. Eles reconhecem as perdas, as dificuldades inerentes à idade, mas elas não os impedem de viver e ter projetos de vida. Quando enfim a morte chegar, como diz Neil Y.: "(...) *é o final né? Pra mim é o final! Morreu ... acho eu, que é o mesmo que está dormindo e mais nada, apagou!*" Neil Y. - Excerto da entrevista.

6. CONSIDERAÇÕES

O filme "O Curioso caso de Benjamin Botton" de David Fincher (2009), adaptação do romance de F. Scott Fitzgerald de 1920, narra a história de um homem que nasce com oitenta anos e aos poucos vai rejuvenescendo. Destaco o seguinte diálogo entre os personagens do filme: - "Como é ficar jovem?" pergunta Daisy a Benjamin. Ele responde: "Eu não sei, estou sempre olhando pra fora". Esse diálogo fez-me lembrar de Sartre (1981), dizendo ser sua velhice uma realidade que os outros sentem e vêem. (p.33) e um dos meus entrevistados: *Até hoje eu nunca parei pra pensar: Puxa, eu tô velho! Ainda não tô me sentindo velho.*- Robert P. – Excerto da entrevista.

Ficar jovem, como na ficção ou envelhecer enquanto uma condição humana, é percebido mais pelos outros que vêem de fora, do que por quem está rejuvenescendo, no caso do filme ou envelhecendo na vida real. O homem que envelhece, geralmente é um velho para os outros, para ele, continua, não obstante, tendo os mesmos gostos, desejos e anseios, sendo o homem que sempre foi: um trabalhador, um amante, um pai, um fã dos Rolling Stones, um inconformado, lutando não mais contra a Ditadura, mas contra o mal de Parkinson.

Meus entrevistados em suas respostas e ações durante as entrevistas percebem-se dessa forma. As suas percepções de velhices, de suas velhices não estão vinculadas aos anos vividos, às condições etárias perpassadas, mas às experiências acumuladas, não como um baú fechado e empoeirado pelo tempo, mas constantemente ressignificando suas memórias, revivendo, buscando e descartando lembranças.

Ser velho para eles *é o de menos*. Não são os cabelos brancos vistos no espelho que informam esta nova condição ao completar 60 anos, mas a transição da aposentadoria, as diversas perdas no seu caminho, as relações conquistadas e perdidas, os estereótipos impostos pela sociedade.

Como suporte teórico às entrevistas, esquematizei meus estudos em três blocos: “Do Homem Universal ao Idoso Universal”, “Discutindo Geração” e “Discutindo Gênero”. O primeiro foi disposto de forma dar conta de desconstruir a imagem homogênea da velhice. No contexto das discussões de "modernidade" e "pós modernidade", principalmente de Giddens (1991 e 2000) e Debert (2004, 2007), versei sobre o levantamento histórico que alguns autores (as) fizeram sobre as institucionalizações das categorias etárias, em especial a velhice, ao longo da história, como Beauvoir (1991), Cícero (2001), Seeger (2003), Àries (2006), Hareven (1999), Neto (2006), Magalhães (1989) e Debert em vários momentos. Ressalto que o uso do livro "A Velhice" de Simone de Beauvoir (1991) foi utilizado não por sua concepção de velhice, uma imagem tida como decrepita, mas pelo minucioso trabalho de pesquisa histórica sobre a condição dos (as) velhos (as). Neste bloco rebato um falso tipo único e ideal de "velho" ofuscado pelas heterogeneidades dos indivíduos, associado às descontinuidades, rupturas institucionais e desorganizações das formas humanas de viver.

Como variável explicativa do processo de envelhecimento, o conceito de geração surgiu neste trabalho como importante ferramenta de análise, já que é um termo presente nas representações da história

humana, tanto de forma linear (geração anos 30, anos 40, anos 50, etc.) como circular (as gerações que vão se ausentando da vida e as gerações que vão surgindo e assim sucessivamente). Como aporte teórico, utilizei principalmente Karl Mannheim e seus conceitos de: localização geracional, geração como realidade e unidade geracional, que possibilitaram uma leitura de como meus entrevistados creditam um pertencimento ou não pertencimento às gerações de que fizeram parte e de como experienciaram os processos sociais na sucessão das gerações.

A partir das análises, propiciada pela leitura de Mannheim e de outros (as) autores (as), confrontando com os argumentos de meus entrevistados, estipulei três formas de se pensar geração: 1) a geração não ligada necessariamente às categorias etárias, mas às experiências, referências e representações coletivas e individuais vividas independentemente das idades cronológicas; 2) o legado geracional ou geratividade, onde ações e pensamentos dos atores sociais são deixados para as gerações futuras, como forma de perpetuar-se neles. Na geratividade, questões sobre transcendência e imortalidade configuram nas entrevistas como uma esperança de não serem esquecidos, seja através do repasse educacional tido dos pais e repassado aos filhos e netos, seja pelo sentido de ser útil, demonstrado através de um trabalho voluntário, de luta por uma melhor sociedade ou no sentido de Mick J.: *(...) estou pensando em investimentos na natureza, estou pensando em fazer uma relação de convivência muito mais duradoura do que a tal descartável no sentido negativo, então não é esse modelo de terceiro milênio que estamos vivendo.* Excerto da entrevista.

Finalmente, estipulei pensar geração no sentido da intergeracionalidade nesta fase de "desconstrução" ou "descronologização" do curso da vida, em que convivem nos mesmos espaços várias gerações ao mesmo tempo, vivenciando os mesmos eventos, independente da idade, como é o caso dos programas das universidades abertas para a terceira idade, geralmente em instituições de ensino superior, privada ou pública, com grande circulação de estudantes de várias idades.

Quando pensei estudar velhices masculinas, não foi para sobrepô-las em relação às velhices femininas, mas inseri-la nos estudos de gênero e envelhecimento. Nestas áreas de estudo, geralmente pouco se estuda sobre velhice masculina. Quando muito, inserido em outras temáticas, mas não como uma temática protagonista.

Iniciei os estudos da variável de gênero, traçando uma linha histórica através de Scott (1990) e (2002), Grossi (1998), Rosaldo (1995) e Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981), como autoras principais, tratando desde as teorias feministas, com a ideia de "Mulher Universal", tal como foi o "Homem Universal" do Iluminismo, até a quebra deste universalismo biológico, ampliando os estudos de gênero e constituindo-se em outras matrizes que não só masculino/feminino. Neste preâmbulo, utilizei o conceito de identidade de gênero, conforme Grossi (1998) que remete à constituição do sentimento individual de identidade, ou seja, da imagem que faço de mim, a partir de um conjunto de convicções herdadas do que posso me considerar como masculino ou feminino. Motta (1999 e 2009), Simões (2007), Birman

(2009) e Debert, especialmente em 1994, 1999 e 2009, tratam especificamente do envelhecimento masculino, pelo viés dos movimentos dos aposentados (maioria masculina) *versus* programas e/ou associações para a terceira idade (maioria feminina). Meus entrevistados, uma vez, participarem de um programa para a terceira idade, foi dada especial atenção a esta vertente de estudo, mas o envelhecimento masculino também têm sido tratado pela ótica da sexualidade, utilizado por mim neste trabalho de forma marginal, mas com possibilidades de dar continuidade a este estudo em outro momento.

Sobre as participações em programas e movimentos, me posicionei a favor de Debert, quando atesta que ambos: movimentos e programas e/ou associações são espaços de reivindicações e de luta política do (a) idoso (a).

Birman (2009) foi autor chave para as análises de minhas entrevistas, uma vez estabelecer a ideia de deslocamento do homem de um lugar fixo para um lugar não fixo, entendido como uma transição social em que à medida que a mulher ocupa espaços públicos, o homem perde-se no espaço privado. A mulher, a partir de 1960 através dos movimentos feministas, torna-se mais livre do imperativo da reprodução, enquanto o homem vê-se despojado do lugar ocupado por ele desde o século XIX. Mas não só de movimentos feministas, trata Birman sobre o deslocamento masculino, mas da *Revolução dos Gays* e da *Revolução Transexual*. O primeiro, segundo este autor, pela

dissolução maciça do *falo* e, o segundo, pela possibilidade de retirada de uma certa identidade masculina.

Meus entrevistados demonstraram perpassar por esses deslocamentos, não como sujeitos passivos às mudanças, mas agindo em função delas, dos eventos ocorridos no interior do processo sócio-histórico vivido, não sendo receptáculos passivos das identidades que lhes eram atribuídas, mas direcionando essas mudanças com suas ações individuais e coletivas. Com seus modos de ser e estar no mundo: negando estereótipos, ressignificando e criando outros conceitos, quebrando tabus, dando continuidade ou (re) criando novos projetos de vida, seja por dar-se o direito de ser feliz, contraindo novas relações conjugais ou nas palavras de Mick J.:

Não é um projeto de vida como um plano que aconteça, sei lá, na adolescência não, é o projeto de se relacionar com a vida, não é um plano eu vou ser isso, vou ser aquilo, vou praticar esporte a vida inteira ou vou comprar lancha, não é nada disso! É a forma de se relacionar com a vida. –

Excerto da entrevista

De um jeito ou de outro, a maioria dos entrevistados perpassaram pelo ritual de passagem da aposentadoria, cada um a seu modo, vivenciando os períodos de ruptura, crise e intensificação da crise, conforme discussão de Van Gennep (1960) e Turner *in* Dawsey (2005). Ora agindo como "imigrantes perdidos" no seu papel de homem, se opondo aos serviços domésticos, situando-se na fronteira de ser e não ser independente ao mesmo tempo. Contradizendo-se em relação ao papel da mulher na estrutura social: por um lado, aceitando que ela

tenha os mesmos direitos, por outro, atestando ser homens e mulheres essencialmente diferentes, como nos contou David G., confessando, inclusive, que ao se divorciar da primeira mulher, teve depois uma *babá*, pois para ele, *homem não sabe se virar sozinho*. Ora, participando de um programa para a terceira idade, uma forma de ação reparadora da intensificação da crise, uma vez possibilitar ser/fazer outra coisa que não o trabalho ou ficar no âmbito doméstico.

De acordo com Baquero e Prá (2006), a hipótese indutiva é aquela que parte do específico para o geral, fundamentando-se na experiência e na generalização de observações da realidade. Neste sentido, partindo dos dados das entrevistas e das minhas observações e experiências no convívio com os entrevistados, entendido aqui como as generalizações de uma dada realidade, utilizo este tipo de hipótese para afirmar que a participação desses homens no NETI, se dá pela possibilidade de conquistar uma identidade fixa, uma identidade pós aposentadoria. Essa identidade é o de ser um voluntário, um contador de histórias, um estudante da universidade, tal qual fizera nos seus anos de trabalho, quando identificavam-se como representante comercial, empregado dos *Busch*, bancário, etc.

O NETI é um programa que oferece cursos de curta duração, de modo ampliar a participação de mais pessoas da comunidade, na medida em que os estudantes ao terminarem seus cursos possam participar de outros e/ou continuar suas atividades em espaços que não só o NETI, como por exemplo, o Projeto Intercâmbio Comunitário que é fruto de um trabalho realizado por estudantes advindo do Curso de Formação de

Monitores da Ação Gerontológica ou o Grupo de Cinedebate existente no Centro Integrado de Cultura – CIC, criado por estudantes do Curso de Cinedebate em Gerontologia I e II do núcleo.

Alguns dos entrevistados e outros estudantes homens participantes do núcleo, geralmente, ao participar de uma atividade no NETI, continuam participando de todas as outras atividades existentes e, a maioria quando já participaram de tudo, se inserem em grupos permanentes. Esse dado não é problemático, apenas sugere que na transição da aposentadoria, nos seus períodos de "crise", uma vez inseridos no núcleo, acostumam-se com os espaços e com os novos laços de amizade, sentem-se pertencidos a ele, com uma responsabilidade similar ao de ser um funcionário, como nos relata Robert P.: *Fazer um trabalho voluntário pra mim é um GRANDE projeto, entendeu? Eu gosto do que eu faço, gosto!* – Excerto da entrevista. Ou, com o exemplo de Neil Y. que participa de muitas atividades disponibilizadas pela universidade e sua entrevista, praticamente, girou em torno do seu papel de estudante. Contrapondo a esta hipótese, as mulheres participantes do núcleo, geralmente participam de três atividades no máximo, depois fazem outras coisas, perpetuam o que aprenderam fora do NETI ou voltam pra casa para cuidar de seus (uas) netos (as).

Como meus entrevistados são participantes do NETI, os programas para a terceira idade podem ser um outro foco de estudo, dado a baixa participação masculina nestes programas. Enquanto bolsista deste núcleo, inserida no Projeto Ressignificando a Arte no

Envelhecer, alguns eventos, como cursos, festivais e oficinas foram pensados ao longo de 2009 e 2010, de forma agregar maior participação masculina. De acordo com David G., *o homem precisa se sentir importante*:

E realmente eu acho que o NETI tinha que desenvolver uma área onde o homem pudesse se interessar mais, tipo algo assim, dar palestras, dentro desta linha, compreende? Que o homem se sentisse importante, porque ele chega lá, vê aquele bando de mulher, a maior parte desiste no começo, se assusta! Diz: "isso aqui é pra mulher!". – Excerto da entrevista. (grifos da autora)

A partir de suas sugestões e das sugestões femininas, sobre que outras atividades gostariam de participar, que não só as que já estavam matriculados (as), foi promovido pelo Projeto que faço parte, o I Festival de Arte Integrativa do NETI, ocorrido no dia 25 de novembro de 2010 nos espaços cedidos pelo Departamento Artístico Cultural - DAC e no Restaurante dos Servidores. Num total aproximado de 200 (duzentos) participantes, o público masculino garantiu quase 30% de presença nas várias atividades, como: contação de histórias, dança circular, sarau musical, amostra de artesanato, varal literário, teatro, expressão corporal, entre outras. A maioria dos entrevistados participaram desse festival, contribuindo com suas habilidades e aptidões e interagindo em toda a programação.

As categorias criadas para análise deste trabalho: representações do trabalho; relações conjugais; maior participação feminina nos

programas para a terceira idade; velhice, saúde e doença; a fábula do caminho percorrido e, de finitude e projeto de vida, penso, darem conta do objetivo deste trabalho, o de compreender como esses sujeitos experienciam os processos sociais do envelhecimento. As escolhas destas categorias foram tomadas por base do que mais emergiu das entrevistas, daquilo que lhes faziam sentido, do que parecia lhes tocar e ser importante. Tenho consciência de que poderiam ser outras categorias, dado às possibilidades inúmeras de interpretações de histórias tão ricas.

As representações do trabalho e, conseqüentemente, da aposentadoria, permearam e permeam o sentido das vidas de muitos homens a partir da “meia-idade”, especialmente pós 1960, àqueles pertencentes à geração dos *baby boomers*, geralmente inconformados com um estado de ser das coisas. Para meus entrevistados, trabalho e aposentadoria não necessariamente estão ligados um ao outro. Aposentado ou não, eles trabalham, no voluntariado, na busca por ser útil, naquilo em que acreditam. Parar de trabalhar, seja qual for o tipo de trabalho, são para esses homens: tempo de envelhecer.

Suas velhices são indissociáveis às velhices femininas. Elas repousam como um contraponto às suas percepções. A maioria vive com uma companheira, negociando, comparando, percebendo-se a si próprio na velhice dela. As relações conjugais são determinantes para a continuidade de seus projetos de vida, de seus sonhos e de suas velhices bem-sucedidas.

Participar e permanecer em um programa para a terceira idade, com maioria feminina, é contrariar a posição de muitos homens que desistem ao ver tantas mulheres juntas, é se igualar à condição humana de aprendizes, independente do gênero, mas reconhecendo a capacidade de que se pode aprender durante toda a vida.

Tanto na composição teórica do capítulo I, como na metodologia e categorias de análises, utilizo sempre que possível as minhas entrevistas, não para justificar meus argumentos, mas porque elas próprias já são argumentos. Essa decisão se deu na própria escrita, quando durante o seu processo, fui percebendo como as falas de meus entrevistados davam conta da discussão suscitada pelos (as) autores (as), ousei então, incluí-los, como por exemplo, nas relutâncias dos entrevistados em se situarem no conceito de "terceira idade", "meia-idade", etc.

O uso das obras dos autores: Edgar Morin, Norbert Elias e Norberto Bobbio se deu não por serem estudiosos do envelhecimento, mas por terem escritos suas obras autobiográficas com 73 anos, 87 anos e 88 anos, respectivamente. Considero que versar sobre sua velhice, enquanto uma experiência publicada, autoriza-os adentrar no diálogo sobre o envelhecimento. Ressalto, que como já exposto na metodologia, as leituras e fichamentos das obras destes autores foram pouco exploradas neste trabalho, devido o prazo acadêmico.

Como proposta de continuidade deste trabalho, na área de gênero, a temática da sexualidade é promissora por tratar do homem idoso e sua virilidade. No que se refere à geração, muitos aspectos

podem ser retomados, especialmente a intergeracionalidade, tão em voga no momento atual em que as categorias etárias quase só fazem sentido nas regulamentações estatais, enquanto os sujeitos têm a possibilidade de experienciar qualquer tipo de evento, seja a idade que for. A escolha dos pseudônimos, como personalidades do rock, sugere esta intergeracionalidade permitida pela música, um dos fenômenos que mais agrega uma variedade dispare de idade, avô, pai e neto podem *curtir* juntos a música dos *Rolling Stones*, dos *Beatles*, do *Led Zeppelin*.

Findo a escrita ou forçando o seu fim, penso faltar muito para que possamos compreender a condição humana de envelhecer. Compreender o processo de envelhecimento perpassa inexoravelmente pela compreensão de como sujeitos envelhecetes percebem sua existência e de como direcionam suas ações e pensamentos, negociando os espaços com todas as gerações, inscrevendo-se e reivindicando seu lugar no mundo.

7. REFERÊNCIAS

Livros

ALGAZI, B. Alondra. **Tercera Edad: un desafio**. Uruguai, 1983.
(sem editora)

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria: Salamandra, 1981

ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006

BAUER, W. Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BAQUERO, M. & PRÁ, J. **Introdução a metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BARROS, Myriam Lins De (Org.). **Família e Gerações**. Rio De Janeiro: FGV, 2006.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 2ª Ed. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1967.

_____. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991

_____. **A força das coisas**. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BIRMAN, Joel. **A ética e a psicologia masculina forjadas pela cultura**. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC São Paulo.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos**. Norberto Bobbio: tradução Daniela Versiani, RJ: Campus, 1997

BONDÍA, L. Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo/SP: Univ. Estadual de Campinas. 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 2ª ed. SP: T.A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1987.

BOTELHO, F. Elenice; SILVEIRA, C. Ilma. **Uma experiência de acolhimento e amor: compromisso das voluntárias da AAHU**. 2009. 20 fls. Trabalho de Conclusão (Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica – CFMAG). Núcleo de Estudos da Terceira Idade. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

BRIGGS, C. **Learning how to ask**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BUSTAMANTE, Juliana. **Corpos em movimento: um ensaio etnográfico do Grupo de Dança da Terceira Idade da UFSC**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

BUTLER, Judith. Sujeitos de sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade**. Campinas/SP: Ed. Alínea, 2003.

CECCA, Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Uma cidade numa Ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina**. 2ª Florianópolis: Insular, 1997.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

DEBERT, G. Guita. Gênero e Envelhecimento: Os Programas para a Terceira Idade e o Movimento dos Aposentados. In: **Revista Estudos Feministas**. v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994.

_____. **Cadernos Pagu: Gênero em gerações**. Campinas/SP: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1999

_____. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 2004.

_____. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: **Velhice ou Terceira Idade?** 4ªed. São Paulo: FGV 2007.

_____. **Sexualidade, conjugalidade, viuvez e novos relacionamentos na vida do homem idoso**. SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC São Paulo.

DAWSEY, John. **Victor Turner e a antropologia da experiência**. Cadernos de Campo. ano 14. (13), 2005b, p. 163-176.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Trad. Ed. Martin Claret, São Paulo, 2006.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador – uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

_____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Trad. André Telles. RJ: Jorge Zahar. Ed. 2001.

ESTATUTO DO IDOSO. Senadora Ideli Salvatti. Brasília, 2003.

FEATHERSTONE, Mike. A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade. In: **Revista A Terceira Idade**: Ano X n. 14. São Paulo: SESC, 1998.

FERNANDES, M. M^a das Graças; MEDEIROS, C. P. Rejane. GRUPO DE CONVIVÊNCIA: Percepção de homens idosos e condições dificultadoras para a sua inclusão. In: **Revista A Terceira Idade**. SESC/SP. Vol.19 n° 41. 2008.

FERREIRA, Lucas M. **À espera de uma cura: racionalização e humanização em um hospital público de Florianópolis**. 2010. 77 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

FERRIGNO, José C. A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas. In: **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo: SESC: PUC, 2006

FRANCHETTO, Bruna ;CAVALCANTI, Maria Laura V.C. & HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e Feminismo. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher 1**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 6^a edição – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991

GIDDENS, Anthony.; PIERSON, Christopher. **Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GROISMAN, Daniel. **A velhice, entre o normal e o patológico**. Mimeo. No prelo.

_____. **Velhice e história: perspectivas teóricas**. *Cadernos do IPUB*, v.1, n.10, p. 43-56, 1999.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998

GRÜNEWALD, Virgínia. (org.) **NETI: a construção de um caminho na gerontologia**. Florianópolis: Copyflo, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2003.

HAREVEN, K. Tâmara. Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida. In: **Cadernos Pagu: Gênero em gerações**. Org. Guita Grin Debert. Campinas/SP: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1999.

IDOSOS: legislação. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1999.

MAGALHÃES, N. Dirceu. **A Invenção Social da Velhice**. RJ: edit. Papagaio, 1989.

MAGNANI, C.G. José. **O homem idoso e sua participação social: lazer, militância política e cultural**. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009 SESC São Paulo.

MANNHEIM, Karl. **Essays on the sociology of knowledge**. Collected Works Volume Five. Edited by Paul Kecskemeti. London, 1998.

MARDEGAN, J. Elyseu. **A Idade do Lobo**. SP: Mercuryo, 1993.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectivas, 1988. 3ª edição.

MIRANDA, S. Danilo. A marcante contribuição de duas instituições em favor do idoso brasileiro. In: **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo: SESC PUC, 2006

_____. **Discurso de Abertura**. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC São Paulo.

MORIN, Edgar. **Os Meus Demônios**. Publicações Europa-América, LDA – Portugal. Edição nº 104286/6376. Editions Stock, 1995.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. **Terra-Pátria**. Trad. Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MOTTA, M. Flávia. **Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

MOTTA, B. Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: **Cadernos Pagu: Gênero em gerações**. Org. Guita Grin Debert. Campinas/SP: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1999.

_____. **O homem idoso e sua participação social: lazer, militância política e cultural**. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC São Paulo

MUCIDA, Ângela. Sexualidade e amor no homem idoso. In: **Revista A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento**. Edição Especial Seminário Envelhecimento Masculino. Vol. 20 n. 46. São Paulo: SESC, 2009

NEGREIROS, C. G. M. Teresa. **Sexualidade e gênero no envelhecimento**. ALCEU, v.5, n.9,p.77-86, 2004.

NETO, Matheus P. O Estudo da Velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. *In: Tratado de geriatria e gerontologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan, 2006.

NOVAIS, Raquel Carvalho. Baby Boomers na Terceira Idade, Uma Oportunidade de Mercado: Um Estudo da Indústria de Cosméticos Natural. *In: Anais do XXVIII 44 Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação*. Rio de Janeiro/RJ: UERJ, 2005.

PALMA, Lúcia. **Educação Permanente e Qualidade de Vida: indicativos para uma velhice bem-sucedida**. Passo Fundo: UPF, 2000.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos & FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. São Paulo: McGraw-Hill, 2009

PASCHOAL, P.M.Sérgio. Epidemiologia do Envelhecimento. *In: Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. Neto, P. Matheus. (org.) São Paulo: Atheneu, 1996.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: *velho, velhote, idoso, terceira idade* ...*In: Velhice ou Terceira Idade?* 4ªed. São Paulo: FGV 2007.

_____. **As relações afetivas do homem idoso: família e rede de amizades**. *In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO*. 2009. SESC São Paulo.

PY, Lígia. De estrelas e brilhos infinitos. *In: Revista A Terceira Idade*. Vol.17 n.35. São Paulo: SESC-GETI, 1988.

RIBEIRO, J. Renato. **A ética e a psicologia masculina forjadas pela cultura**. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC São Paulo

RIFIOTIS, T.O ciclo vital completado: a dinâmica dos sistemas etários em sociedades negro-africanas. In: **Velhice ou Terceira Idade?** 4ªed. São Paulo: FGV 2007.

RIFIOTIS, Theophilos. O idoso e a sociedade moderna: desafios da gerontologia. **Revista Pró-Posições**, v. 18 n.1 (52), 2007.

ROSALDO, Michele. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 1, n. 1, 1995, 11-36.

SANT'ANNA, R.M. **O velho no espelho: um cidadão que envelheceu**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: 1990.

_____. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SHEEHY, Gail. **As novas passagens masculinas: descobrindo o mapa da vida dos homens atuais**. Trad, Talita M. Rodrigues. Rocco: RJ, 2002.

(Sem autor). **O Testamento de Sartre**. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1981. (Série Oitenta Especial, vol.1).

SILVA, B. Edilberto. **O teatro como elemento ressocializante na terceira idade: o recomeço**. 2007. 76 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Cênicas). Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007.

SILVA, B. Helena. **Preparação para aposentadoria: lições de ensinar e aprender fazendo**. Serra: Companhia Siderúrgica de Tubarão, 2007.

SIMÕES, A.J. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. *In: Velhice ou Terceira Idade?* 4ª ed. São Paulo: FVG, 2007.

VAN GENNEP, Arnold. 1960. **The Rites of Passage**. Chicago: Phoenix Books/University of Chicago Press.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **Impensar a ciência social**. Aparecida, SP: Ed. Idéias e Letras, 2006

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **World-Systems Analysis: an introduction**. Duke University Press. 2004.

WEBER, Max. **Economía y Sociedad**: esbozo de sociologia comprensiva. 2ed. México: FCE, 2004.

Sites consultados

BRASIL. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. (Princípios e Diretrizes). 2008. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Disponível em:
<<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2008/PT-09-CONS.pdf>>. Acesso em 20 dez 2009.

DATASUS. Indicadores Demográficos. 2008. Disponível em:
<<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2009/a01.def>>. Acesso em 28 dez 2011.

Encyclopedia Encydia beta. Disponível em:
<http://pt.encydia.com/es/Gayle_Rubin>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Mulheres mais escolarizadas são mães mais tarde e têm menos filhos. FONTE: SIS. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/pre-sidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1>. Acesso em 17 jan 2011.

NETI. Núcleo de Estudos da Terceira Idade. Disponível em: <<http://www.neti.ufsc.br>>. Acesso em: 11 nov. 2010.

5ª SEPEX. Anais do Evento. 2005. Trabalho apresentado por Ângela Maria Alvarez, Marize Amorim Lopes, Lúcia H. T. Gonçalves, Miriam Conceição dos Santos, Miriam Moritz, Maria Aela Nino de G. Aedo, Maria Cristina Remor Pagani, Ingrid Montardo S. de Castro, Natália Cristina Cipriani e Nicole Orosco Maciel, no estande da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão: ciência para todos. Disponível em: <http://www.sepex.ufsc.br/anais_5/index_fixo800600.html>. Acesso em 15 jan 2011.

Wikipedia. Verbete: Evelyn Reed. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Evelyn_Reed>. Acesso em 04 jan 2011.

WorldLingo Translation Localization Globalization. Verbete: Michelle Rosaldo. Disponível em: <http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Michelle_Rosaldo>. Acesso em 05 jan 2011.

Artigos on-line

A Dialética do Sexo. Shulamith Firestone. Disponível em: <<http://cidadesaopaulo.olx.com.br/livro-a-dialetica-do-sexo-shulamith-firestone-iid-67812618>>. Acesso em 04 jan 2011.

CUNHA, E.G.; CAVEDON, N.R.; MAZZILLI, C.; LÖW, I. M. **A percepção dos intelectuais sobre a aposentadoria: a recusa que esconde o medo.** 2004. Disponível em:

<<http://www.anpad.org.br/enanpad/2004/dwn/enanpad2004-cor-0715.pdf>>. Acesso em 22 ago 2009.

SIMONE DE BEAUVOIR. Disponível em:

<http://www.simonebeauvoir.kit.net/livros_01.htm>. Acesso em 04 jan 2011.

SILVA, Elaine L.; ALVAREZ, M. Ângela; VAHL, C. Eloá; SILVA, Suély. Ressignificando a Arte no Envelhecer: resgatando as habilidades Artístico-Culturais dos Idosos. In: **Revista Extensio: revista eletrônica de extensão**. v.7 n. 10. 2010. pgs 57-69.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/extensio>>. Acesso em 10 fev 2011.

SERRANO, P. D. **Geração X, Geração Y, Geração Z**. 2010.

Disponível em:

<http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Geracao_X_Geracao_Y_Geracao_Z.htm>. Acesso em 05 jan 2011.

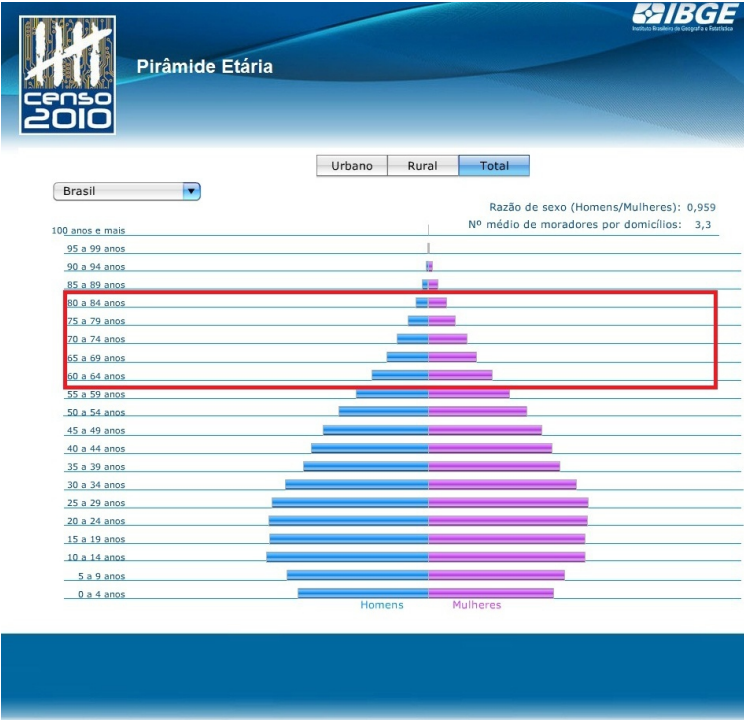
SEEGER, Anthony. **Povos indígenas no Brasil: sociedade e rituais**. 2003. Disponível em:

<<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kisedje/1226>>. Acesso em 10 jan 2011.

DEBERT, Guita G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. In: **Horizontes Antropológicos**. v.16 n.34 Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832010000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 jan. 2011.

8. ANEXOS & APÊNDICES

Anexo 1 – IBGE. Pirâmide Etária. População Total

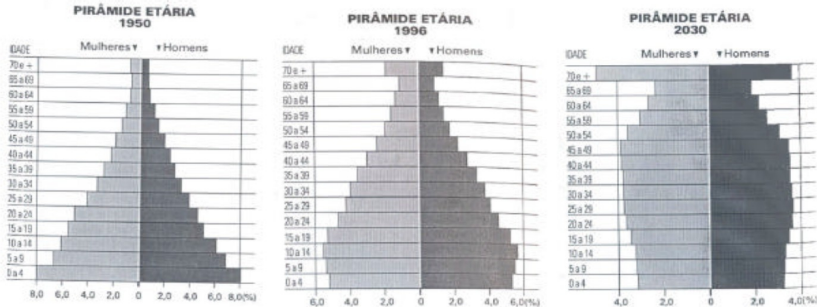


FONTE: IBGE. Censo 2010. Pirâmide Etária. Disponível em

http://www.censo2010.ibge.gov.br/piramide_etaria/index.php

Anexo 2 – Distribuição relativa da população brasileira por idade e sexo 1950/2030

Distribuição relativa da população brasileira por idade e sexo 1950/2030



Fonte: IBGE, extraído de Camarano (1999), p. 315 e 316.

FONTE: Camarano (1999) p.315 e 316

Apêndice 1 – Boletim de Dados do NETI - 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA								
BOLETIM DE DADOS								
TABELA:	4.3.3	MATRÍCULAS NO CURSOS OFERECIDOS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS DA TERCEIRA IDADE						
PERÍODO:	2010							
IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	MODALIDADE	1o. SEMESTRE			2o. SEMESTRE			TOTAL
		F	M	TOTAL	M	F		
FORMAÇÃO DE MONITORES 6ª FASE	EXTENSÃO	0	0	0	2	16		18
FORMAÇÃO DE MONITORES 5ª FASE	EXTENSÃO	20	2	22	4	15		19
FORMAÇÃO DE MONITORES 4ª FASE	EXTENSÃO	17	4	21	1	17		18
FORMAÇÃO DE MONITORES 3ª FASE	EXTENSÃO	19	1	20	1	7		8
FORMAÇÃO DE MONITORES 2ª FASE	EXTENSÃO	13	2	15	0	13		13
FORMAÇÃO DE MONITORES 1ª FASE	EXTENSÃO	15	0	15	0	0		0
OS AVÓS NA UNIVERSIDADE	EXTENSÃO	20	1	21	0	18		18
ENDEBATE EM GERONTOLOGIA I	EXTENSÃO	20	3	23	3	29		29
ENDEBATE EM GERONTOLOGIA II	EXTENSÃO	11	0	11	0	13		13
CONTADORES DE HISTÓRIA	EXTENSÃO	25	0	25	0	14		14
LEIT. E ESCRITA PESSOAS IDOSAS E ADULTAS 1ª segm	EXTENSÃO	9	1	10	1	5		6
LEIT. E ESCRITA PESSOAS IDOSAS E ADULTAS 1ª segm	EXTENSÃO	15	4		2	14		16
LEIT. E ESCRITA PESSOAS IDOSAS E ADULTAS 2ª segm	EXTENSÃO							
INGLÊS INTRO A	EXTENSÃO	14	2	16	2	11		13
INGLÊS INTRO B	EXTENSÃO	16	1	17	3	17		20
INGLÊS 1A	EXTENSÃO	11	1	12	2	18		20
INGLÊS 1A	EXTENSÃO	26	1	27	2	21		23
INGLÊS 4A	EXTENSÃO	16	0	16	0	9		9
FRANCÊS	EXTENSÃO	28	3	29	2	22		24
ESPAANHOL CONVERSÇÃO	EXTENSÃO	0	0	0	2	11		13
ESPAANHOL 1A	EXTENSÃO	16	3	19	2	16		17
ESPAANHOL 1B	EXTENSÃO	17	1	18	2	17		19
ESPAANHOL 2	EXTENSÃO	13	1	14	2	13		15
ESPAANHOL 3	EXTENSÃO	27	2	29	2	16		18
ESPERANTO	EXTENSÃO	8	3	11	1	2		3
CURSOS DO NETI								
ITALIANO 1	EXTENSÃO	12	4	16	13	19		32
ITALIANO 3	EXTENSÃO	13	2	15	3	9		12
ITALIANO 4A	EXTENSÃO	6	1	7	2	15		17
ITALIANO 4B	EXTENSÃO	6	2	8	2	9		11
ITALIANO 5	EXTENSÃO	12	1	13	1	13		14
GRUPO DE ENCONTRO (MANHÃ)	EXTENSÃO	6	0	6	0	17		17
GRUPO DE ENCONTRO (TARDE)	EXTENSÃO	22	3	25	0	17		17
OFICINA DE AUTO CONHECIMENTO T1	EXTENSÃO	20	4	24	2	14		16
OFICINA DE AUTO CONHECIMENTO T2	EXTENSÃO	17	1	18	0	16		16
OFICINA DE INCLUSÃO DIGITAL T1	EXTENSÃO	0	0	0	0	0		0
OFICINA DE INCLUSÃO DIGITAL T2	EXTENSÃO	0	0	0	0	0		0
OFICINA DE TEATRO PARA IDOSOS	EXTENSÃO	13	2	15	1	4		5
EMPREENDEDORISMO NA 3ª IDADE	EXTENSÃO	8	4	12	0	0		0
GRUPOS/PROJETO PERMANENTES								
GR DE APOIO AO PORTADOR DA DOENÇA DE PARKINSON	EXTENSÃO	30	40	70	40	30		70
GRUPO DE CONTADORES DE HISTÓRIA "A Hora da História"	EXTENSÃO	29	4	33	4	29		33
GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS "5 de Maio"	EXTENSÃO	28	0	28	0	28		28
GRUPO DE CANTO "Vozes da Ilha"	EXTENSÃO	30	5	35	5	30		35
GRUPO DE APOIO À LONGEVIDADE	EXTENSÃO	13	2	15	2	13		15
TOTAL								
		639	108	747	108	587		695

FONTE: Boletim de Dados 2010. Arquivos NETI.

Anexo 3 - "The Vision of Ezekiel", 1518. Raphael (1483 – 1520)



Disponível em: <<http://www.skeptic.com/eskeptic/05-07-28/>>. Acesso em 20 dez 2010.

Anexo 4 – "Sacra Familia Canigiani", 1507 Raphael (1483 – 1520)



Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Raphael>>. Acesso em 20 dez 2010.

Anexo 5 - SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.
"Curso de Extensão Problemas de Medicina Geriátrica na Universidade do Brasil", realizado em agosto de 1962.

<p>Curso de Extensão Universitária (UNIVERSIDADE DO BRASIL)</p> <p>Sob o patrocínio da SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA</p> <p><u>PROBLEMAS DE MEDICINA GERIÁTRICA</u></p> <p>Livre-Docente Responsável: Dr. Roberto Segadas Vianna Colaborador imediato: Dr. Paulo Uchôa Cavalcanti.</p> <p>Mês de Agosto de 1962 — Aulas às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas da manhã.</p> <p>Sede do Curso: Instituto de Neurologia (da Universidade do Brasil), à Av. Wenceslau Braz.</p> <p>Inscrições: Reitoria da Universidade do Brasil.</p>	<p><u>PROGRAMA</u></p> <p>Mês de Agosto de 1962</p> <p>Dia 1 A VELHICE: PROBLEMA MÉDICO-SOCIAL Professor Deolindo Couto</p> <p>Dias 3 e 6 ASPECTOS BIOLÓGICOS DO ENVELHECIMENTO Roberto Segadas</p> <p>Dias 8, 10, 13 e 17 FISIOLOGIA E FISIOPATOLOGIA DO ENVELHECIMENTO Roberto Segadas, Paulo Uchôa, Raul Penido Filho e Abraão I. Waisman</p> <p>Dias 20, 22 e 24 SEMIOLOGIA E CLÍNICA DO PACIENTE IDOSO Paulo Uchôa, Roberto Segadas e Octavio Laureço Jorge</p> <p>Dias 27, 29 e 31 ASPECTOS HIGIENO-DIETÉTICOS E TERAPÊUTICOS Roberto Segadas e Paulo Uchôa</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Disponível em <<https://www.sbgg.org.br/historico.aspx?pP=41&pO=5&pM=2>>. Acesso em 17 dez 2010

Anexo 6 – Carta de Caxias. X Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior – IES (2007)

“C
relacionadas
instituições b

FONTE: UCS – Universidade de Caxias do Sul. Disponível em:
<<http://www.ucs.br/ucs/extensao/unti/evento/carta>>. Acesso em 20 dez 2009

Apêndice 2 – Modelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ROTEIRO

1) Q

2) Q

3) O

Apêndice 4 - Modelos das Tabelas criadas para fins de análise: Tabela Geracional, Tabela Relações de Gênero e Trabalho e, Tabela Relação com a entrevista e transcendência.

1. Tabela

	Entre
--	-------

2. Tabela

--	--

3. Relação

	En
	Micl

